

**INSTITUTO DE HISTÓRIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**AMANDA FARÁ DE LUCAS**

***Da lama ao caos e Afrociberdelia: memórias e narrativas da banda Nação Zumbi  
na construção da história do movimento Manguebeat***

**NITERÓI**

**2017**



**AMANDA FARÁ DE LUCAS**

***Da lama ao caos e Afrociberdelia: memórias e narrativas da banda Nação Zumbi  
na construção da história do movimento Manguebeat***

Dissertação de mestrado apresentada ao programa de pós-graduação em História, oferecido pelo Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, da Universidade Federal Fluminense, como requisito para obtenção do título de mestre.

Setor: Contemporânea II

Orientação: Juniele Rabêlo de Almeida

**NITERÓI**

**2017**



**AMANDA FARÁ DE LUCAS**

***Da lama ao caos e Afrociberdelia: memórias e narrativas da banda Nação Zumbi***  
**na construção da história do movimento Manguebeat**

Dissertação de mestrado apresentada ao programa de pós-graduação em História, oferecido pelo Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, da Universidade Federal Fluminense, como requisito para obtenção do título de mestre.

Setor: Contemporânea II

Orientação: Juniele Rabêlo de Almeida

Aprovada em: \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_

---

Orientadora: Juniele Rabêlo de Almeida (UFF)

---

Arguidor: Ricardo Santhiago (UNICAMP)

---

Arguidor: Rodrigo de Almeida Ferreira (UFF)

**NITERÓI**

**2017**





## **Ficha Catalográfica**

L933 Lucas, Amanda Fará de.

Da lama ao caos e Afrociberdelia: memórias e narrativas da banda Nação Zumbi na construção da história do movimento Manguebeat / Amanda Fará de Lucas. – 2017.

120 f. : il.

Orientadora: Juniele Rabêlo de Almeida.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Departamento de História, 2017.

Bibliografia: f. 98-101.

1. Science, Chico, 1967-1997. 2. Nação Zumbi (Conjunto musical). 3. Mangue (Música). 4. Globalização. 5. Memória. I. Almeida, Juniele Rabêlo de. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. III. Título.







## **AGRADECIMENTOS**

A lista de agradecimentos dessa dissertação provavelmente será a maior lista de agradecimentos da minha vida. O mestrado aconteceu em um período conturbado da minha trajetória e da política nacional de uma forma geral. Antes, para me retratar com o mundo, preciso explicitar algumas coisas: eu não sou uma pessoa infeliz e, se aparentar isso em alguns momentos, tenha certeza de que já está tudo bem.

Entre problemas pessoais e problemas políticos, seguem os nomes das pessoas e de seres não humanos que foram de extrema importância para a continuidade dessa pesquisa, que são de extrema importância para a minha vida e que me fazem enxergar que tudo valeu a pena.

Gostaria de agradecer à minha mãe pela paciência, pelo carinho e por sempre dizer que tudo ia dar certo. Não existe pessoa no mundo que confie mais no meu potencial do que ela.

Ao meu pai, por sempre me fazer rir, mesmo quando a tensão estava tomando conta do meu corpo.

À minha tia Sandra, por me tirar de casa de vez em quando.

À minha orientadora Juniele, por, apesar de todo caos, continuar confiando em mim.

Agradecer aos professores que integraram a minha banca de qualificação, Ricardo Santhiago e Rodrigo de Almeida, pela leitura atenta e pelos acréscimos que fizeram a essa dissertação.

Ao meu noivo Walter, pela compreensão, pelo amor e por ter o abraço mais aconchegante e melhor que qualquer calmante já inventando.

À minha amiga Camila, por compartilhar das mesmas apreensões.

Ao meu amigo William, por fazer com que eu não me sinta tão velha.

À minha amiga Marcella, por ter voltado à minha vida e torná-la mais leve.

À minha amiga Luiza por ser a pessoa mais doce e compreensiva que eu conheço no mundo.

À minha madrinha Márcia pelas risadas e pelas conversas aleatórias e necessárias.

Ao meu primo Yuri, pela alegria incondicional.

Aos meus padrinhos Antônio e Angela, por torcerem por mim sempre.

Aos meus ancestrais que foram fortes e serviram de exemplo pra mim.

Aos meus animais de estimação, Tunica, Naná, Eva, Belinha, Munhoz, Menelau, Pepê, Mustache, Forrest e Katniss pela companhia, alegria diária e por me levarem para passear de vez em quando.

Sim bem primeiro nasceu Caos, depois também  
Terra de amplo seio, de todos sede irresvalável  
[sempre,  
dos imortais que têm a cabeça do Olimpo nevado,  
e Tártaro nevoento no fundo do chão de amplas  
[vias,  
e Eros: o mais belo entre deuses imortais,  
solta-membros, dos deuses todos e dos homens  
[todos  
ela doma no peito o espírito e a prudente vontade.

Do Caos Érebo e Noite negra nasceram.

Da Noite aliás Éter e Dia nasceram,  
gerou-os fecundada unida a Érebo em amor.

Terra primeiro pariu igual a si mesma  
Céu constelado, para cercá-la toda ao redor  
e ser aos deuses venturosos sede irresvalável  
[sempre.

Pariu altas Montanhas, belos abrigos das deusas  
ninfas que moram nas montanhas frondosas.

E pariu a infecunda planície impetuosa de ondas  
o Mar, sem o desejoso amor. Depois pariu

do coito com Céu: Oceano de fundos remoinhos

e Coios e Crios e Hiperíon e Jápeto

e Téia e Réia e Têmis e Memória

e Febe da áurea coroa e Tétis amorosa.

E após com ótimas armas Cronos de curvo pensar,  
filho o mais terrível: detestou o florescente pai.

*(Os Deuses primordiais, Teogonia de Hesíodo)*

## **RESUMO**

Esta pesquisa problematiza o processo de formação e consolidação da banda pernambucana Nação Zumbi, integrante e idealizadora do movimento Manguebeat, em fins do século XX. O líder da banda, Chico Science (falecido em 1997), consolidou, juntamente com os demais integrantes do grupo, uma vasta obra que integrou ritmos brasileiros e ritmos internacionais – com os álbuns *Da Lama ao Caos* (1994) e *Afrociberdelia* (1996). Em meio aos desafios do processo de Globalização, Chico Science e Nação Zumbi recriaram possibilidades da música, da política e das relações sociais que os impulsionaram para o resto do mundo. Dessa forma, são objetivos da presente dissertação: 1) analisar a constituição do grupo Chico Science e Nação Zumbi, investigando as memórias construídas das primeiras experiências musicais de Chico Science na banda *Orla Orbe* (1987) ao álbum *Da lama ao caos* (1994) por meio da observação dos aspectos narrativos do Manguebeat presentes nas canções desse primeiro disco; 2) compreender o processo de consolidação da banda Chico Science e Nação Zumbi a partir do lançamento do álbum *Afrociberdelia* (1996), em meio aos diálogos com o movimento Manguebeat e os sentidos da Globalização; 3) dimensionar as ressignificações da Nação Zumbi após a morte do músico Chico Science a partir da indicação do trabalho de memória para o reconhecimento do impacto cultural da obra do músico Chico Science e da observação do projeto cultural para criação do Memorial Chico Science, em 2009; 4) discutir sobre a situação atual da banda, observando os novos discos, shows e ações culturais.

### **Palavras-chave:**

Chico Science e Nação Zumbi, Movimento Manguebeat, Globalização, Memória e Narrativa

## **ABSTRACT**

This research questions the process of formation and consolidation of the Pernambucan band Nação Zumbi: participant and creator of the Manguebeat movement, at the end of the 20th century. The band's leader, Chico Science (d. 1997), along with the rest of the group, delivered a vast work that integrated Brazilian rhythms and international rhythms - with albums *Da Lama ao Caos* (1994) and *Afrociberdelia* (1996). Amid the challenges of the globalization process, Chico Science and Zumbi Nation recreated possibilities of music, politics and social relations that propelled them to the rest of the world. Thus, the objectives of this dissertation are: 1) To analyze the constitution of the group Chico Science and Nação Zumbi, investigating the memories constructed of the first musical experiences of Chico Science in the band Orla Orbe (1987) to the album *Da lama ao chaos* (1994) by means of the observation of the narrative aspects of the Manguebeat present in the songs of that first disc; 2) Understanding the process of consolidation of the band Chico Science and Nação Zumbi from the launching of the album *Afrociberdelia* (1996), in the midst of dialogues with the Manguebeat movement and the senses of Globalization; 3) To size the new meanings of Nação Zumbi after the death of the musician Chico Science through the identification of the work of memory in the process of recognizing the cultural impact of the work of the musician Chico Science; As well as the observation of the cultural project for the creation of Memorial Chico Science in 2009; 4) Discussing the current situation of the band, considering the new records, shows and cultural actions.

### **Key words:**

Chico Science, Nação Zumbi, Manguebeat Movement, Globalization, Memory and Narrative

## **Lista de Imagens**

Imagem 1: Chico Science e seus pais / Acervo familiar

Imagem 2: Chico Science na comunidade de Peixinhos / Acervo familiar

Imagem 3: Chico Science e Du Peixe /Acervo familiar

Imagem 4: Cartaz do grupo Orla Orbe, feito a mão e xerografado. Acervo do fã clube. Acervo Chico Science e Nação Zumbi – Fev. 1988

Imagem 5: Frame do vídeo clipe Etnia, de Chico Science, ainda na Loustal

Imagem 6: Soparia de Rogê / Acervo familiar

Imagem 7: Capa do disco Da Lama ao Caos, 1994

Imagem 8 : Chico Science e Gilberto Gil no palco do Summerstage New York Festival

Imagem 9: Frame da gravação do show no Hollywood Rock, na praça da Apoteose em janeiro de 1996, gravado pela MTV

Imagem 10: Frame da gravação do show no Hollywood Rock, na praça da Apoteose em janeiro de 1996, gravado pela MTV

Imagem 11: Banner dos shows do Hollywood Rock de 1996

Imagem 12: Capa do Disco “Afrociberdelia” (1996)

Imagem 13: Foto do clipe Maracatu Atômico, foto: Gil Vicente

Imagem 14: Frame - vídeo clipe oficial da música Etnia

Imagem 15: Frame - vídeo clipe oficial da música Etnia

Imagem 16: Frame - vídeo clipe oficial da música Manguetown

Imagem 17: Encontro de Suassuna e Science / Acervo familiar

Imagem 18: Grafitti feito nas paredes internas do Memorial Chico Science

Imagem 19: Cruz do Patrão

Imagem 20: Monumentos em homenagem a Chico Science: O caranguejo gigante às margens do Rio Capibaribe



Imagem 21: Estátua de Chico Science no Pátio São Pedro

Imagem 22: Lula, filha de Science, com Du Peixe e os secretários de turismo do Estado de Pernambuco e da cidade de Recife



## SUMÁRIO

Ficha Catalográfica .....	8
Introdução .....	20
Capítulo I .....	30
Formação do grupo Chico Science e Nação Zumbi: Da Orla Orbe (1987) ao álbum Da lama ao caos (1994) .....	30
A formação .....	30
A juventude .....	31
Da Lama ao Caos .....	52
Capítulo II .....	64
A consolidação da Nação Zumbi: o álbum Afrociberdelia (1996) entre o Manguebeat e os sentidos da Globalização .....	64
As canções do Afrociberdelia .....	78
Pós-álbum .....	84
Capítulo III .....	87
Resignificações da banda Nação Zumbi pós-Chico Science .....	87
O memorial Chico Science e suas perspectivas .....	91
Vinte anos depois .....	98
Considerações finais .....	105
Bibliografia .....	108
Fontes .....	108
Fontes jornalísticas .....	108
Fontes Musicais .....	114
Álbum Da Lama ao Caos .....	114
Álbum 'Afrociberdelia' .....	115
Fontes Orais .....	117
Fontes audiovisuais .....	117
Referências bibliográficas .....	118

## Introdução

“Pelo visto o Mangue é um satélite de baixa tecnologia, mas de longo alcance”

(Chico Science)<sup>1</sup>

A presente pesquisa problematiza o “trabalho de memória”<sup>2</sup> e as “narrativas”<sup>3</sup> referentes ao processo de construção e consolidação da banda *Chico Science e Nação Zumbi* enquanto grupo central para a disseminação do movimento cultural pernambucano conhecido como “Manguebeat”.<sup>4</sup> O grupo foi projetado nacional e internacionalmente nos anos 1990, quando lançou os álbuns *Da Lama ao Caos* (1994) e *Afrociberdelia* (1996). Em 1997, o cantor e compositor Chico Science, peça central na formação da banda e na articulação do Movimento Manguebeat, faleceu após sofrer um acidente automobilístico.<sup>5</sup>

---

<sup>1</sup> O GLOBO, p. 5, 25 mar. 1995, Matutina, Ela.

<sup>2</sup> Sobre o “trabalho de constituição das memórias”: “Numa perspectiva construtivista, não se trata mais de lidar com os fatos sociais como coisas, mas de analisar como os fatos sociais se tornam coisas, como e por quem eles são solidificados e dotados de duração e estabilidade. Aplicada à memória coletiva, essa abordagem irá se interessar, portanto pelos processos e atores que intervêm no trabalho de constituição e de formalização das memórias” (POLLAK, Michael. “Memória, esquecimento e silêncio”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 4).

<sup>3</sup> Para Ricoeur (1994), a narrativa contribui para reconfigurar o entendimento da ação humana; enxerta novos elementos temporais às configurações da ação. Historicizar o processo de construção das narrativas possibilita o fornecimento de subsídios processuais para análise histórica. Interações diárias que se configuram (e resultam) em processos narrativos ocorrem a partir da articulação: memória, tempo e narrativa (RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*, Campinas: Papirus, 1994).

<sup>4</sup> Cf. TELES, José. *Do frevo ao manguebeat*. São Paulo: Editora 34, 2000; VARGAS, Herom. “Movimento Manguebeat: Música Popular, Antropofagia e Iluminismo”. *Educere. Revista de Educação*. Vol 2, nº I. p 81- 92. Jan/Jun 2002; RODRIGUES, Sílvia Sérgio Oliveira. *Manguebeat, interdiscurso e intersemiose: Uma resposta do contemporâneo ao pós-moderno*. Dissertação (Mestrado). Programa de pós-graduação em Literatura e interculturalidade – Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande, 2009.

<sup>5</sup> Cf. CHICO SCIENCE morre em acidente de carro: Líder do movimento manguebeat tinha 30 anos. *Folha de São Paulo*, 02 fev. 1997; OS TRIOS elétricos fazem um minuto de silêncio. *O Globo*. Segundo Caderno, p. 4, 04 fev. 1997; DEZ MIL pessoas param o centro de Recife para se despedir do cantor Chico Science – Maracatus prestaram homenagem e cortejo foi feito ao som de suas composições. *O Globo*, p. 9, 04 fev. 1997.

Dessa forma, como um trabalho de “história do tempo presente”, são objetivos da presente dissertação:<sup>6</sup> 1) analisar a constituição do grupo *Chico Science e Nação Zumbi*, investigando as memórias construídas das primeiras experiências musicais de Chico Science na banda Orla Orbe (1987) ao álbum *Da lama ao caos* (1994) – por meio da observação dos aspectos narrativos do *Manguebeat* presentes nas canções desse primeiro disco;<sup>7</sup> 2) compreender o processo de consolidação da banda Chico Science e Nação Zumbi a partir do lançamento do álbum *Afrociberdelia* (1996), em meio aos diálogos com o movimento *Manguebeat* e os sentidos da Globalização; 3) dimensionar as ressignificações da Nação Zumbi após a morte do músico Chico Science a partir da indicação do trabalho de memória para o reconhecimento do impacto cultural da obra do músico Chico Science e da observação do projeto cultural para criação do Memorial Chico Science, em 2009; 4) discutir sobre a situação atual da banda, observando os novos discos, shows e ações culturais.

O tema perpassa a história recente, observando-se as cidades de Recife e Olinda, eixos culturais de Pernambuco na década de 1990, frente ao paradoxo

---

<sup>6</sup> Sobre “história do tempo presente”, cf. CHAUVEAU, Agnes; TÉTART, Philippe (org.). *Questões para a História do Presente*. EDUSC, 1999; HOBBSAWM, Eric. "O presente como história". In: *Sobre história: ensaios*. São Paulo: Cia das Letras, 1998; FERREIRA, Marieta. "História do Tempo Presente: desafios". *Cultura Vozes*, v. 3, p. 111-124, 2000.

<sup>7</sup> O estudo da canção como fonte histórica não é algo novo. É preciso analisar a forma como a canção foi gravada, se existem versões diferentes, localizar o veículo que levou a música ao conhecimento do público, buscar os espaços aonde a música foi construída e realizada, projetada, em termos sociológicos e históricos. Uma mesma canção pode ter sido realizada em diversos contextos. Alguns pontos serão observados para análise das canções. São eles: 1) A seleção do material, que, no caso desta pesquisa, se trata das canções do primeiro e do segundo álbum do grupo Chico Science e Nação Zumbi - *Da Lama ao Caos* e *Afrociberdelia*. 2) Características gerais da forma-canção - parâmetros poéticos e musicais. 3) Instâncias da análise contextual: criação, produção, circulação, recepção e uma crítica historiográfica. Sendo assim, compreende-se que a utilização da canção como fonte requer tanta ou maior atenção que qualquer outra fonte histórica, mas deve-se entendê-la ainda como uma expressão artística que pressupõe certa subjetividade. A letra e sonoridade são pontos a serem analisados, mas seus impactos, suas construções e suas singularidades devem ser entendidos dentro do contexto histórico da pesquisa. Cf. NAPOLITANO, Marcos. *História e música*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

*neoliberal*.<sup>8</sup> Busca-se relacionar o surgimento do movimento Manguebeat aos problemas socioeconômicos pelos quais os jovens dessas cidades passavam. No entrecruzamento do movimento Manguebeat com as múltiplas dimensões da chamada *globalização*, observa-se um período de expansão das facilidades da comunicação, ao mesmo tempo em que ocorria a marginalização dos que não possuíam a possibilidade de se integrar a esse processo, ainda que a globalização seja frequentemente caracterizada como um advento positivo dentro das possibilidades de um mundo interligado de forma cibernética.<sup>9</sup>

No início dos anos 1990, nota-se uma formulação globalizante da cultura. Pode-se compreender essa formulação sob múltiplos aspectos, mas nesse momento serão utilizadas duas perspectivas: a primeira é a ideia de que o conceito de globalização se expressa como um produto direto do capitalismo e, por isso, trata-se de um fenômeno perverso; a segunda é a compreensão da globalização como um fenômeno que conecta o mundo, aproximando culturas diferentes. Os jovens da década de 1990 foram influenciados por ritmos como *o punk rock, rock n roll, grunge, rap, hard core, pop*, ou seja, estilos musicais consolidados nos Estados Unidos e na Europa. No contexto brasileiro, era para o Rio de Janeiro ou para São Paulo que os músicos deveriam migrar para conseguir se aproximar das rádios, das gravadoras e produtoras. Além disso,

---

<sup>8</sup> Cf. ANDERSON, Perry. "Balanço do neoliberalismo". In: SADER, Emir; GENTILE, Pablo (org.) *Pós-neoliberalismo - As políticas sociais e o Estado Democrático*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

<sup>9</sup> Sobre globalização: "De fato, para a grande maior parte da humanidade a globalização está se impondo como uma fábrica de perversidades. O desemprego crescente torna-se crônico. A pobreza aumenta e as classes médias perdem em qualidade de vida. O salário médio tende a baixar. A fome e o desabrigo se generalizam em todos os continentes. Novas enfermidades como a SIDA se instalam e velhas doenças, supostamente extirpadas, fazem seu retorno triunfal. A mortalidade infantil permanece, a despeito dos progressos médicos e da informação. A educação de qualidade é cada vez mais inacessível. Alastram-se e aprofundam-se males espirituais e morais, como os egoísmos, os cinismos, a corrupção" (SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização*. 5ª ed. Rio de Janeiro, Editora Record. 2001, p. 19).

devido à forte influência estrangeira, as bandas nacionais acabavam dialogando ritmicamente com os sons de fora do país.

É importante localizar Recife nesse contexto espaço-temporal. Entre as décadas de 1980 e 1990, a capital pernambucana era considerada a pior do Brasil para um jovem viver.<sup>10</sup> É em meio a esse caos que Fred Zero Quatro, Chico Science, Renato Lins, Helder Aragão, Xico Sá, HD Mabuse e Jorge Du Peixe, desenvolvem uma ação *contracultural* buscando, enquanto atores desse processo, não seguir o padrão que se desenvolvia no restante do país.<sup>11</sup> Utilizavam a cultura nordestina para fazer uma inserção no cenário cultural. No entanto, distanciavam-se das dimensões exclusivamente folclorizantes, embora ritmos tradicionais de Pernambuco como o maracatu, o coco e a ciranda, fossem ritmos presentes no cotidiano desses jovens. De acordo com Herom Vargas, a situação em que se encontrava o estado de Pernambuco era “fruto de uma forte concentração da mídia tradicional no eixo Rio-São Paulo”.<sup>12</sup>

Entre todos *rocks, punks, hard cores, raps e pops*, os jovens Chico Science, Fred Zero Quatro, Helder, Du Peixe e Mabuse, também influenciados por esses ritmos, compreendiam que um dos problemas que os atingiam era a falta de espaço na mídia, bem como de espaço físico para que os jovens locais pudessem se expressar

---

<sup>10</sup> “Recife encabeça ranking das capitais com vítimas de disparos: em pesquisa específica às capitais brasileiras que registram mais óbitos provocados por arma de fogo, Recife encabeça a lista, com 67,8 mortes para cada cem mil habitantes. Em segundo lugar vem Vitória, com 45,8 e em terceiro o Rio, onde em 1997 morreram a bala, 39,8 a cada cem mil habitantes. (...) Moradora do bairro popular de Caixa d’Água, em Recife, onde se sustenta com uma locador de vídeos, a viúva Eletice Fernandes Silva é o retrato vivo das estatísticas: ela já perdeu dois filhos em assaltos a mão armada. O primeiro Airton Fernandes da Silva, morreu aos 20 anos, em 1987, quando voltava para casa depois de comemorar o aniversário num bar. (...) O segundo, Amaury, 33 anos, estava de carro quando foi cercado por quatro homens, que tomaram sua bolsa, seu celular e mataram-no a tiros e depois fugiram com o carro”. (O GLOBO, p. 16, 11 Jul. 1999).

<sup>11</sup> Fred Zero Quatro é vocalista da banda Mundo Livre SA, jornalista, músico e compositor, Helder Aragão, mais conhecido como DJ Dolores, é músico e design gráfico e HD Mabuse é designer gráfico e músico, e era chamado por Chico Science de ministro da tecnologia do movimento mangue.

<sup>12</sup> VARGAS, Herom. *Hibridismos musicais de Chico Science e Nação Zumbi*. Cotia: Ateliê Editorial, 2007.

artisticamente. A princípio, não se sabia que o movimento artístico e cultural desencadeado por esses jovens alcançaria o resto do país e se tornaria conhecido internacionalmente.

Com Chico Science como articulador e agitador cultural, o Movimento Mangubeat se amplificou. A ideia central, criada por ele e por Fred Zero Quatro, tinha como metáfora base uma antena parabólica fincada na lama. Os jovens artistas da cidade de Recife desenvolveram uma relação criativa com o lugar, que possui extensos manguezais.

A livre utilização de metáforas relacionadas ao mangue é inspirada diretamente em intelectuais que descrevem o nordeste brasileiro, como Josué de Castro no romance *Homens e Caranguejos*. Nesta obra, o romancista e cientista social, descreve a vida das pessoas que vivem do que retiram do mangue. Destaca um ciclo que explica os motivos pelos quais os jovens se autodenominam “*mangueboys*” e “*manguegirls*”:

"Os mangues do Capibaribe são o paraíso do caranguejo. Se a terra foi feita p'ró homem, com tudo para servi-lo, também o mangue foi feito especialmente p'ró caranguejo. Tudo aí é, foi ou está para ser caranguejo, inclusive a lama e o homem que vive nela. A lama misturada com urina, excremento e outros resíduos que a maré traz, quando ainda não é caranguejo, vai ser. O caranguejo nasce nela, vive dela. Cresce comendo lama, engordando com as porcarias dela, fazendo com lama a carinha branca de suas patas e a geléia esverdeada de suas vísceras pegajosas. Por outro lado o povo daí vive de pegar caranguejo, chupar-lhe as patas, comer e lambe os seus cascos até que fiquem limpos como um copo. E com a sua carne feita de lama fazer a carne do seu corpo e a carne do corpo de seus filhos. São cem mil indivíduos, cem mil cidadãos feitos carne de caranguejo. O que o organismo rejeita, volta como detrito, para a lama do mangue, para virar caranguejo outra vez."<sup>13</sup>

Outro intelectual que influencia os *mangueboys* e *manguegirls* é João Cabral de Melo Neto. No poema “O cão sem plumas”, o poeta e escritor descreve de forma fluida

---

<sup>13</sup> CASTRO, Josué de. *Homens e Caranguejos*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1967.



e perspicaz a relação do rio Capibaribe com as cidades de Recife e de Olinda. Durante a leitura, é possível encontrar referências geográficas, como a forma em que ele explica o percurso do rio, bem como referências sociais, quando explicita a relação do homem com o rio, feita de forma tão complexa que um se confunde com o outro. O longo poema “Cão sem plumas” é composto por quatro momentos: "Paisagem do Capibaribe", I e II; "Fábula do Capibaribe", III e "Discurso do Capibaribe" IV. Cabe um pequeno trecho para elucidar as referências:

" (...)  
*Aquele rio  
era como um cão sem plumas.  
Nada sabia da chuva azul,  
da fonte cor-de-rosa,  
da água do copo de água,  
da água de cântaro,  
dos peixes de água,  
da brisa na água.  
Sabia dos caranguejos  
de lodo e ferrugem.  
Sabia da lama  
como de uma mucosa.  
Devia saber dos polvos.  
Sabia seguramente  
da mulher febril que habita as ostras.*  
(...)

*Na água do rio,  
lentamente,  
se vão perdendo  
em lama; numa lama  
que pouco a pouco  
também não pode falar:  
que pouco a pouco  
ganha os gestos defuntos  
da lama;  
o sangue de goma,  
o olho paralítico  
da lama.*

*Na paisagem do rio  
difícil é saber  
onde começa o rio;  
onde a lama  
começa do rio;  
onde a terra  
começa da lama;  
onde o homem,  
onde a pele  
começa da lama;  
onde começa o homem*

*naquele homem.*  
(...)"<sup>14</sup>

Exalta-se o mangue, considerado um ecossistema completo, como fonte de inspirações para ideias e ações culturais para jovens artistas. Nele, há uma gama de vegetação específica e uma instigante habilidade de adaptação e sobrevivência, bem como uma fauna que possui como predador principal o caranguejo. Em meio a um lugar caótico e incerto -- já que não é nem terra, nem mar, nem rio --, o ensinamento que se pode retirar do mangue é sua capacidade de adaptação como forma de superação dos próprios males. Os *mangueboys* e *manguegirls* de Pernambuco, em meio ao caos cultural, social e político, usaram esta realidade para representar sua adaptação e sobrevivência ao seu próprio ambiente:

“(...) Mangue é uma palavra forte, concisa e o Recife nada mais é que um monte de entulhos erguidos sobre aterros e manguezais. Além disso, ele tem outra vantagem: é o meio ambiente com maior número de espécies vivas do planeta. Um dado que seria usado para uma metáfora básica. A partir de então a utopia seria construir no Recife uma cena cultural tão rica e variada como o ecossistema Mangue”.<sup>15</sup>

Com isso em vista, esse trabalho tem como objetivo refletir sobre algumas questões relacionadas ao Movimento Mangubeat, partindo das múltiplas narrativas (canções, entrevistas, reportagens, documentários, dentre outras) produzidas *sobre e pela* banda Chico Science e Nação Zumbi. As narrativas remetem às compreensões compartilhadas e ressignificadas a partir das variações interpretativas da realidade

---

<sup>14</sup> NETO, João Cabral de Melo. "O Cão sem plumas". Disponível em: <<http://www.algumapoesia.com.br/poesia/poesianet001.htm>>. Acesso em: 01 ago. 2016.

<sup>15</sup> LIRA, Paula de Vasconcelos. *Uma antena parabólica enfiada na lama: Ensaio de diálogo complexo com o imaginário do Mangubeat*. Dissertação (Mestrado). Curso de Pós-Graduação em Antropologia Cultural. Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2000. p. 113-114.

histórica.<sup>16</sup> Ao historicizar o processo de construção das narrativas *sobre e pela* banda Nação Zumbi, é possível mapear diversos conflitos e negociações decorrentes dos desafios da indústria fonográfica. O trabalho problematiza a formação e a consolidação do grupo e sua relação com a indústria cultural, observando o impacto das experiências e ressignificações do sujeito histórico Chico Science para a banda e para o Movimento Mangubeat.

No primeiro capítulo, intitulado “Formação do grupo Chico Science e Nação Zumbi: De Orla Orbe (1987) ao álbum Da lama ao caos (1994)”, será discutido o papel de Chico Science e dos outros integrantes da banda para o desenvolvimento da cena Mangue. Busca-se contextualizar alguns aspectos da cidade de Recife durante o surgimento do movimento cultural Mangubeat. Será analisado o manifesto criado pelos jovens *mangueboys*, bem como a repercussão cultural e as críticas jornalísticas referentes à banda Chico Science e Nação Zumbi. Procura-se, também, problematizar as canções do primeiro álbum da banda, *Da Lama ao Caos*, lançado em 1994, lançado por uma produtora agregada da Sony Music, que utilizava o selo Chaos.

No segundo capítulo, “A consolidação da Nação Zumbi: o álbum Afrociberdelia (1996) entre o Mangubeat e os sentidos da Globalização”, será feito um debate em torno da consolidação do grupo, sua internacionalização e o novo espaço ocupado pela música nordestina na mídia brasileira. Serão discutidas as canções do segundo álbum da banda, *Afrociberdelia*, observando a relação da Globalização com o Movimento Mangubeat.

---

<sup>16</sup> Cf. RICOEUR, op. cit.

O terceiro capítulo, “Ressignificações da Nação Zumbi pós-Chico Science”, tem como objetivo pensar os sentidos da morte de Chico Science e refletir sobre o conceito de *memória*, observando as *narrativas de reconhecimento* que permeiam o processo de ressignificação da trajetória do músico, e os usos da sua imagem (memorial, estátuas, grafittis, cartazes e etc.), na cidade de Recife.<sup>17</sup> Para tanto, será necessário perscrutar os embates ocorridos entre Chico Science e Ariano Suassuna, principalmente no que diz respeito às diferenças entre o Movimento Armorial e o Movimento Manguebeat.

Compreende-se o impacto da morte de Chico Science e as novas perspectivas em relação ao cenário musical existente no Brasil, principalmente a partir da criação do Memorial Chico Science, em 2009. Observam-se, assim, seus objetivos e dados da sua localização. Outro ponto a ser abordado é a situação da banda Nação Zumbi pós-Chico Science, observando os novos discos, shows e ações culturais.

Por fim, cabe destacar o trabalho de seleção e catalogação das fontes -- fundamentais para pesquisa histórica -- utilizadas para redação do presente trabalho.<sup>18</sup> Tais fontes foram organizadas como: jornalísticas; musicais; orais e audiovisuais. Nas fontes orais, destacamos a entrevista, realizada a partir da metodologia de *história oral*, com o atual vocalista da Nação Zumbi: Jorge Du Peixe.<sup>19</sup> Para além das entrevistas realizadas, foram transcritos alguns trechos de entrevistas realizadas para os vídeo-documentários (fontes audiovisuais citadas) referentes ao Manguebeat e a banda Chico

---

<sup>17</sup> Paul Ricoeur caracteriza as formas possíveis de reconhecimento que o indivíduo pode obter por parte da sociedade. Tal reconhecimento pode ser organizacional ou institucional, e pode gerar narrativas de prestígio, consideração e aceitação. Cf. RICOEUR, Paul. *Percurso do reconhecimento*. São Paulo: Loyola, 2006.

<sup>18</sup> Conferir listagem das fontes ao final do presente trabalho.

<sup>19</sup> Cf. FERREIRA, Marieta Morais, AMADO, Janaina (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

Science e Nação Zumbi. Foram selecionados materiais fotográficos, indicados na lista de imagens, a partir da pesquisa no Acervo Familiar (Chico Science) e no Acervo do Fã Clube Chico Science e Nação zumbi.

## Capítulo I

### Formação do grupo Chico Science e Nação Zumbi: Da Orla Orbe (1987) ao álbum Da lama ao caos (1994)

#### *A formação*

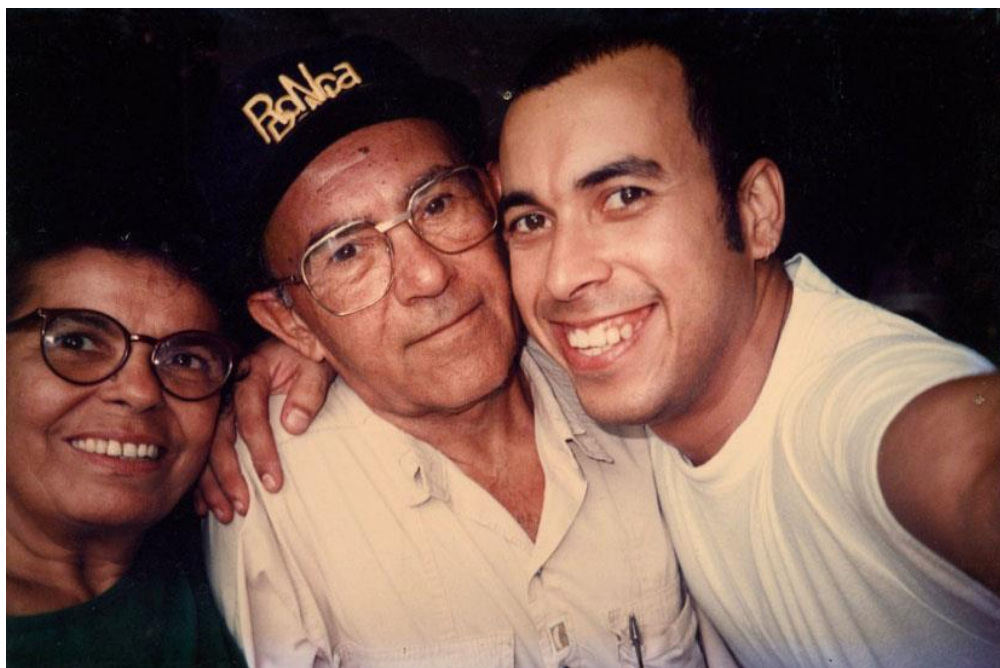
Francisco de Assis França Caldas Brandão é o nome de batismo de Chico Science, filho do enfermeiro Francisco e da dona de casa Rita. Chico era o caçula de quatro irmãos, Jameson, Jefferson e Goretti. Nasceu no dia 13 de março de 1966 em Recife e passou sua infância e adolescência no bairro de Rio Doce, no subúrbio de Olinda. Nessa época, fazia o que maioria dos adolescentes fazia: brincava nas ruas, ia ao mangue catar caranguejos e os vendia para conseguir dinheiro para suas saídas noturnas aos bailes onde dançava *break*.

Sua relação com a música nordestina era cotidiana, já que na década de 1970 o *Movimento de Música Armorial* gerou uma visibilidade e um alcance considerável da música regional por Pernambuco. Chico, inserido nas políticas culturais de Pernambuco, mantinha uma relação de admiração pela música regional.<sup>20</sup>

Chico também usava o dinheiro da venda dos caranguejos para comprar acessórios utilizados para dançar break, como o “encerado” (uma tábua de madeira lisa para que não se machucasse no chão), além dos discos e fitas.

---

<sup>20</sup> Aspectos da pesquisa apresentados nesse capítulo se remetem aos documentários biográficos sobre a trajetória de Chico Science. São eles: “O mundo é uma cabeça” (2005), dirigido por Claudio Barroso e Bidu Queiroz, filme sobre o Movimento Mangubeat que tem entrevistas com Gilberto Gil, Chico Science, Fred ZeroQuatro, Otto e Siba, e utiliza como fio condutor as narrativas de Chico Science; Viva! Chico Vive! (2009), dirigido por Guilherme Genereze, um curta documentário que procura fazer uma homenagem e uma lembrança das cidades de Recife e Olinda através das canções de Chico Science e da Nação Zumbi, indicando a importância do Movimento Mangubeat para estas cidades. Sobre os cuidados para a análise da escrita biográfica nos estudos históricos, cf. AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso (Org.). *Grafia da Vida: Reflexões e Experiências com a escrita biográfica*. São Paulo: Letra e Voz, 2012. Sobre documentários biográficos: CRUZ, Graziela Aparecida. *A construção biográfica no documentário cinematográfico*. Dissertação (Mestrado). Belo Horizonte, UFMG, 2011.



(Imagem 1- Foto de Chico com seus pais/ acervo familiar)

Filho caçula, Chico Science possuía uma relação positiva com a sua família. Uma de suas irmãs mais velhas fala no documentário, *Caranguejo elétrico*: "Logo no começo, quando a gente foi morar lá em Rio Doce, o mangue era muito próximo. Todos os meninos que eram adolescentes tinham sua criação de caranguejos". (Gorete, irmã de Chico).<sup>21</sup>

### *A juventude*

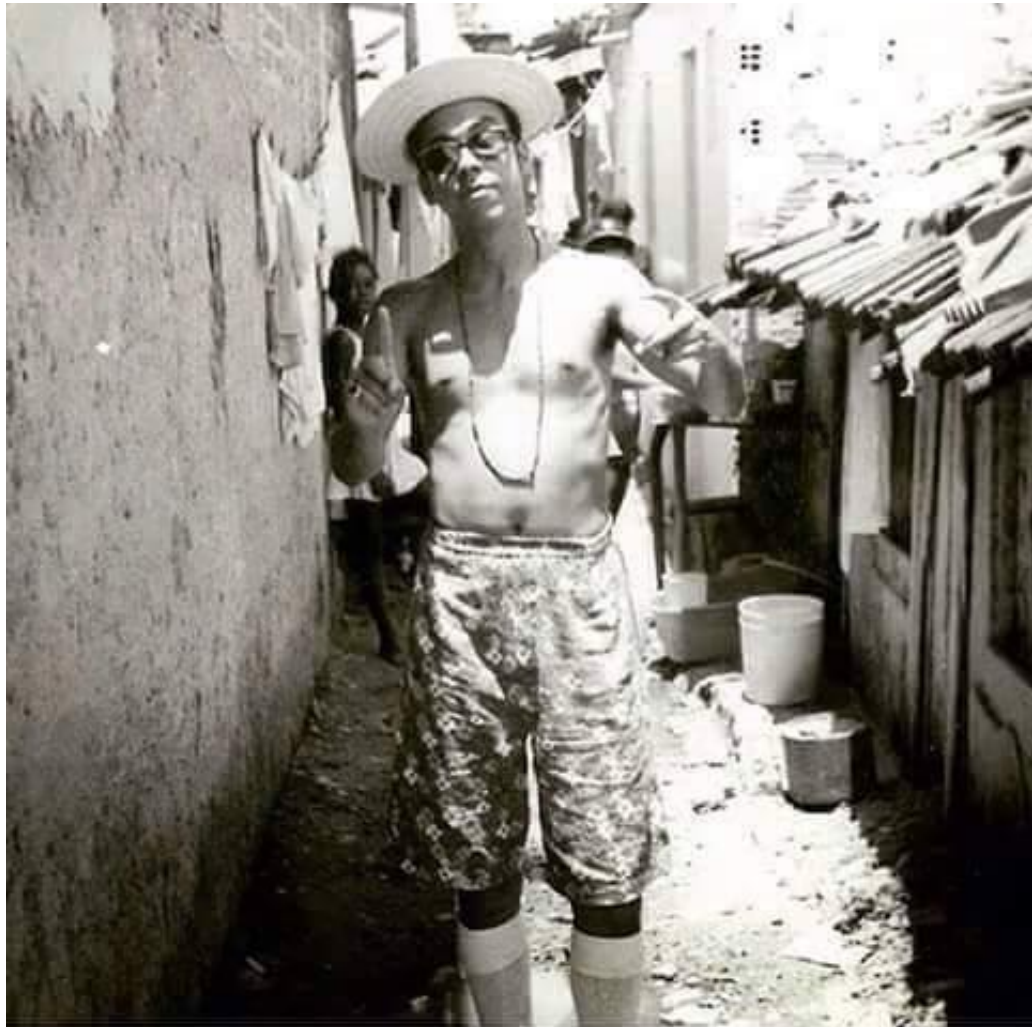
Chico frequentava diversos lugares conhecidos no âmbito da cultura de Recife. Nos bailes de funk, era conhecido por fazer *raps* e por estar sempre por perto de eventos musicais locais. Um amigo em comum de Jorge Du Peixe e Chico Science os

---

<sup>21</sup> CHICO SCIENCE: CARANGUEJO ELÉTRICO. Direção: José Eduardo Miglioli Junior. 1h 26min 2016.

apresentou: seu nome era Sérgio Mofado, um jovem com um moicano verde que gostava de *rap*, *hip hop* e *break dance*:

“Quando Sérgio foi me apresentar Chico, Chico trabalhava na clínica radiológica de Recife, entregando carteira de trabalho. Eu lembro que ele fez um pedaço de uma música chamada: negros, e na hora eu fiz uma intera do rap, começou bater ali, a situação de uma futura amizade.” (Jorge Du Peixe).<sup>22</sup>



(Imagem 2- Chico Science na comunidade de Peixinhos/ Acervo Familiar)

---

<sup>22</sup> Idem.



Por volta dos 20 anos, idade que Chico tinha quando tirou a foto acima, ele e Jorge Du Peixe aproximaram-se e tornaram-se amigos.<sup>23</sup> Por volta de 1987, conhecem Lucio Maia, em um ensaio com seus amigos da escola. Lucio viria a ser o guitarrista da banda Chico Science e Nação Zumbi.

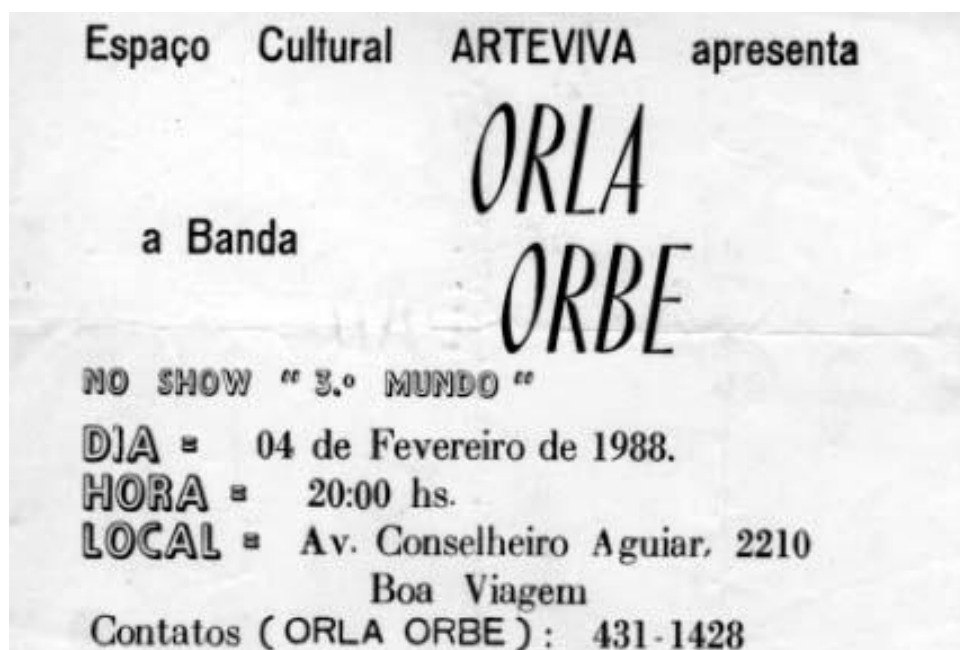


(Imagem 3 – Chico Science e Jorge Du Peixe/ Acervo Familiar)

---

<sup>23</sup> Para essa pesquisa foi realizado um trabalho de “história oral de vida” com o atual vocalista da banda Nação Zumbi: Jorge Du Peixe (Entrevista concedida a Amanda Fará de Lucas em 06 de novembro de 2013 via Skype, Rio de Janeiro/RJ). Foram utilizadas, também, as transcrições de relatos orais selecionados nos Documentários Biográficos já citados. Sobre o trabalho na interface memória/oralidade: Cf. FERREIRA, AMADO, op. cit.; SANTHIAGO, Ricardo (Org.). História oral e arte: Narração e criatividade. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

É possível encontrar dezenas de fotos como a imagem 3, onde Chico e Du Peixe estão juntos -- isso porque parte da relação de organização da banda também partia de Du Peixe. Ainda em 1987, Chico, ao lado de Lúcio, criou Orla Orbe, banda que durou alguns meses e teve fim. Por volta de um ano depois, Chico procurou Lucio novamente para formar a banda Loustal, grupo com influências do *hip hop*, do *funk* e do *soul*, aliado ao *rock* dos anos 1960. A banda começou em 1989 e levava esse nome em homenagem a Jacques de Loustal, um desenhista de quadrinhos francês, que também ilustrou capas de discos de rock. Os jovens músicos também eram fãs de histórias em quadrinhos e de ficção científica.



(Imagem 4 : Cartaz do grupo Orla Orbe, feito a mão e xerografado. Acervo do fã clube. Acervo Chico Science e Nação Zumbi – Fev. 1988. )



(Imagem 5 - Frame do vídeo clipe Etnia, de Chico Science, ainda na Loustal. No frame acima é possível encontrar uma das poucas imagens da banda Loustal)

Enquanto transitava entre essas bandas iniciais, Chico se relacionava com outras figuras que se tornariam colaboradoras do Movimento Manguebeat, como Fred Zero Quatro, um amante do *punk rock* e vocalista da banda Mundo Livre SA,<sup>24</sup> e o autor do *Manifesto dos Caranguejos com cérebro*.<sup>25</sup>

Outro personagem importante na formação do Movimento Manguebeat foi o DJ Dolores, Hélder Aragão, um sergipano que se mudou para Pernambuco em busca de emprego e estudo. Além de amigo de Chico Science, Dolores desenhou os quadrinhos que estavam na contracapa do disco *Da Lama ao Caos*, o primeiro do grupo Chico Science e Nação Zumbi.

---

<sup>24</sup> Mundo Livre SA é uma banda de Recife, Pernambuco, que surgiu em 1984. É contemporânea da banda Chico Science e Nação Zumbi. Seu vocalista, Fred 04, era amigo de Chico Science. Seu primeiro álbum foi lançado em 1994 com o nome de *Samba Esquema Noise*, lançado pela gravadora Banguela Records.

<sup>25</sup> Cf. ZERO QUATRO, Fred. *Manifesto dos Caranguejos com Cérebro*. Release enviado aos jornais, 1992.

Pode-se falar ainda de outro rapaz que participou da construção da cena manguê, Renato L, amigo que incentivava Chico Science nos debates políticos, culturais e também na produção de eventos.<sup>26</sup>

Jorge Du Peixe era mais novo que Chico e passaram a conviver nos grupos de dança.<sup>27</sup> No ano de 1991, enquanto trabalhava para a EMPREL, Chico conheceu Gilmar, que fazia parte de um bloco afro conhecido como Lamento Negro. Este bloco se encontrava em um centro comunitário, o Daruê Malungo, um espaço criado pelo Mestre de Capoeira conhecido como Meia Noite, no bairro de Peixinhos, em Olinda.<sup>28</sup>

Esse grupo, liderado por Gilmar, existia desde 1980. Em 1984, ainda com Bola 8 (apelido de Gilmar) a frente, desenvolvia projetos ligados a arte, cultura e educação para os jovens da comunidade.<sup>29</sup> Os ritmos mais presentes eram o samba-reggae,<sup>30</sup> o afoxé<sup>31</sup> e mais tarde o maracatu.<sup>32</sup>

---

<sup>27</sup>“Conheci Chico na associação de moradores da quarta etapa de Rio Doce, lá em Olinda. A gente dançava break na época (risos). E Chico fazia parte de uma equipe lá rival e tal, e eu costumava furar o bloqueio e entrar na roda de dança deles ali e tal. Mas numa situação dessas, num dia de semana, um desses amigos meus me levou onde o Chico trabalhava, numa ‘clínica radiológica’ de Recife. Entregando carteiras de trabalho ali e tal ... numa sala vazia, timidamente batucando as coisas querendo mostrar já. (...)”. (DU PEIXE, Jorge. Entrevista concedida a Amanda Fará em 6 de novembro de 2013, Rio de Janeiro/ RJ).

<sup>28</sup> Daruê Malungo é uma expressão em iorubá que significa “companheiros de luta”

<sup>29</sup> “Em 1984, Chico participava da Legião Hip Hop, uma gangue de dança de rua do Grande Recife, formando em 1987 o grupo Orla Urbe e, dois anos depois, o Loustal (nome retirado do quadrista francês Jacques Loustal). Em 1991, Chico conheceria, através de um colega de trabalho, o bloco samba-reggae Lamento Negro. Depois de assistir a um ensaio do grupo, ele resolveu experimentar no seu trabalho a percussão “afropernambucobaiana”. O resultado foi a Nação Zumbi: cinco percussionistas e uma base rock, com destaque para o guitarrista Lúcio, um fã inveterado de Jimi Hendrix. (O GLOBO, p. 2, Segundo Caderno, 07 de setembro de 1993).

<sup>30</sup> O samba-reggae é um estilo percussivo que se caracteriza, em termos conceituais, pela apologia do negro e, em termos musicais, pela recriação de sonoridades afroamericanas. A nova rítmica foi elaborada a partir do diálogo entre instrumentos de percussão e dos vocais. Diferentemente do reggae, que é feito a partir de instrumentos harmônicos como a guitarra e um baixo que se impõe, o samba-reggae encontra em tambores como surdos, taróis e repiques, a sua forma privilegiada de expressão. Nos blocos afro, o samba-reggae foi concebido tendo como elementos de base: uma banda (ou bateria) formada por vários tipos de tambores, onde cada executante realça seu instrumento; a coreografia dos percussionistas; os temas das canções que mergulham no universo da comunidade; e as danças permanentemente inventadas, que desenham sua corporalidade. Cf. GUERREIRO, Goli. "Samba-Reggae, um ritmo atlântico: a

"Conheci o mestre meia noite em uma das minhas conversas eu perguntei a ele por que ele criou o centro cultural Daruê malungo. E ele disse que um dia precisou escrever um abaixo assinado e os amigos capoeiras dele não sabiam escrever o nome e aí ele disse que tinha que fazer uma escolinha e ensinar esse povo a escrever. Aí a música se tornou bem mais interessante pra mim, por causa do cunho social".<sup>33</sup>

Nessa época, Chico estava envolvido com sua banda Loustal, mas depois de conversas com os amigos e algumas reflexões, pensou na possibilidade de unir os dois grupos, Loustal e Lamento Negro. A banda passou a se chamar Chico Science e o Lamento Negro e em 1991, estreou no espaço conhecido como Oásis, já utilizando o nome de Chico Science e Nação Zumbi. Em seu primeiro show o grupo fez críticas à situação política do nordeste e conseguiu mostrar de forma congruente a diversidade do som que produziam.

É importante compreender alguns aspectos políticos e culturais de Pernambuco no final dos anos 1980 e início dos anos 1990, que serão aprofundados no próximo

---

invenção do gênero no meio musical de Salvador, Bahia." *Congreso De La Asociación Internacional Para El Estudio De La Música Popular Rama Latinoamericana*. Vol. 10. 2006.

<sup>31</sup> Os autores consultados concordam com o fato dos afoxés terem suas origens comuns aos maracatus de Recife, isto é, os cucumbis e os desfiles dos Reis Congos. Esses fazem parte de uma multiplicidade de manifestações conhecidas como Ciclo dos Reisados, tendo sua ocorrência entre o Natal e o Carnaval. Cf. VIEIRA FILHO, Raphael Rodrigues. "Folguedos negros no carnaval de Salvador (1880-1930)". In: SANSONE, Lívio & SANTOS, Jocélio Teles dos (Orgs). *Ritmos em trânsito: sócio-antropologia da música baiana*. São Paulo/ Salvador: Dynamis Editorial/ Programa A cor da Bahia/ Programa S.A.M.B.A, 1997.

<sup>32</sup> "O maracatu vem da tradição dos reis negros que se perpetua desde a Europa do século XV e no Brasil desde o século XVII. No Recife, havia apresentações na frente da Igreja do Rosário dos pretos. Divididos em 'nações' cada um tinha o seu 'rei' (como Chico era parte da Nação Zumbi). O rei do Congo sobrepunha-se aos outros. Acompanhavam instrumentos de percussão. Antes, 'maracatu' se chamava 'nação'. Depois 'maracatu passou a designar 'ajuntamento de negros'. Uma 'nação' mandava mensagens para a outra. Depois da abolição da escravatura e a proclamação da república no Brasil, os babalorixás passaram a comandar o maracatu, numa espécie de fusão do poder político com o religioso e o maracatu reafirmou-se nas festas carnavalescas, em cortejos que ficavam em torno de 150 pessoas." (NETO, Moisés. *Chico Science: a rapsódia afroiberdelica*. Editora Comunicarte, 2000, s.p.)

<sup>33</sup> CHICO SCIENCE: CARANGUEJO ELÉTRICO. Direção: José Eduardo Miglioli Junior. 1h 26min, 2016.

capítulo. De acordo com Rodrigo Gameiro<sup>34</sup>, a situação cultural de Recife, apesar de favorecida pelo governo federal possuía um déficit de produtores culturais profissionais, nas palavras do autor, existia um amadorismo nessa área, e a cada novo governo o projeto político cultural voltava à estaca zero.

"Um grupo de jovens, influenciados pela efervescência do fim da ditadura e em contato com influências musicais, produziu um programa na Rádio Universitária. A iniciativa mostrou que havia espaço para criar e divulgar música fora dos parâmetros estabelecidos pelas multinacionais da indústria fonográfica. Inconformados com a realidade social e urbana da capital, Recife, produzem o Manifesto do Movimento Manguebit no qual apresentam uma alternativa para o marasmo cultural: "livrar-se dos grilhões do tradicionalismo abandonando a energia negativa do melaço de cana e energizando o ambiente fértil da lama". O "mangue" era um nome óbvio para o movimento cultural de Recife, já que a cidade foi construída sobre manguezais onde habita a população pobre das favelas da cidade".<sup>35</sup>

Uma das principais críticas do Manguebeat ao governo era a carência de espaços em que os jovens pudessem se divertir e trocar ideias em Pernambuco. Os garotos tinham noção de toda a diversidade cultural existente em seu estado, mas não conseguiam encontrar os espaços para essa diversidade ser expressada.

"É engraçado, a imprensa foi tão receptiva aos manifestos que acabou colando essa história de 'caranguejo'. Pra gente era gréia isso daí. Então ficava inventando: 'caranguejo com cérebro' 'antena parabólica enfiada na lama', 'parabólica voltada para o mangue'. Isso é gréia, mas que acaba tendo sentido pra quem não sabe que existia uma certa dose de ironia (...)".<sup>36</sup>

Além dessa relação viva com o mangue e dessas "brincadeiras" que os *mangueboys* faziam, houve um outro fato que acabou gerando uma vontade maior de criar um manifesto. Fred Zero Quatro havia trabalhado para um jornal local que estava

---

<sup>34</sup> GAMEIRO, R., MENEZES, M. F., CARVALHO, C. A., CARVALHO, A., & VIEIRA, M. "Maracatu pernambucano: resistência e adaptação na era da cultura mundializada". In: CARVALHO, Cristina Amélia (Org.) *Organizações, cultura e desenvolvimento local: a agenda de perspectiva do Observatório da Realidade Organizacional*, 2003, pp. 199-211.

<sup>35</sup> TELES, José. *Do frevo ao manguebeat*. Editora 34, 2000.

<sup>36</sup> LIRA apud VARGAS, Herom. "Movimento Mangue beat: Música Popular, Antropofagia e Iluminismo". *Educere. Revista de Educação*. Vol 2, nº I. p 81- 92. Jan/Jun 2002.

produzindo um documentário sobre os mangues da cidade, conforme ele próprio registrou:

“A TV vida tava querendo concluir um documentário sobre os mangues Pernambucanos. Não foi nada inspirado na cena dos mangueboys, nada. Era uma coisa mesmo de documentário, que eles tavam querendo fazer, ecológico mesmo. Entrevistei um cara que tem um barco, de pesca. Fui em muitas colônias de pescadores também e tal. E algumas pessoas de universidade, assim, especialistas nessa parte de mangue. (...) Entrevistei um bocado de gente. E eles [da TV Viva] tinham muita imagem já, e queriam alguém prá fazer um texto, um roteiro, pra poder montar o documentário. E me chamaram por isso”.<sup>37</sup>

No primeiro “Manifesto Dos Caranguejos com Cérebro”, de Fred Zero Quatro, o trecho intitulado “Mangue”, aponta o seguinte conceito:<sup>38</sup>

“Estuário. Parte terminal de rio ou lagoa. Porção de rio com água salobra. Em suas margens se encontram os manguezais, comunidades de plantas tropicais ou subtropicais inundadas pelos movimentos das marés. Pela troca de matéria orgânica entre a água doce e a água salgada, os mangues estão entre os ecossistemas mais produtivos do mundo.

Estima-se que duas mil espécies de microorganismos e animais vertebrados e invertebrados estejam associados à vegetação do mangue. Os estuários fornecem áreas de desova e criação para dois terços da produção anual de pescados do mundo inteiro. Pelo menos oitenta espécies comercialmente importantes dependem do alagadiço costeiro.

Não é por acaso que os mangues são considerados um elo básico da cadeia alimentar marinha. Apesar das muriçocas, mosquitos e mutucas, inimigos das donas-de-casa, para os cientistas são tidos como símbolos de fertilidade, diversidade e riqueza”.<sup>39</sup>

Nesta primeira parte, o manifesto de Fred Zero Quatro propõe uma explicação do que é um mangue, definindo-o como um lugar de diversidade, de encontro das águas doce e salgada e de sobrevivência.

---

<sup>37</sup> ZERO QUATRO apud LIRA, op. cit., p.112.

<sup>38</sup> Diversidade cultural é o conceito-chave instituído pelo Manguete seus idealizadores que, até em sua nomenclatura, procuraram explicitar isso (Mangue = ecossistema rico e diversificado, alusão aos manguezais existentes em boa parte do território de Recife; + Beat = batida em inglês); alternativamente, o movimento também é chamado de Manguete (bit = a menor parte de uma informação digital). Cf. DUARTE, Fernanda Carolina Armando. *Traços da mundialização no videoclipe brasileiro*. São Paulo, Ed. UFSCAR, 2011.

<sup>39</sup> ZERO QUATRO, Fred. *Manifesto dos Caranguejos com Cérebro*. Release enviado aos jornais, 1992.

Na segunda parte, “Manguetown, a cidade”, Fred procura fazer uma síntese, com exagero intencional, da chegada dos holandeses no século XVI ao momento presente da cidade de Recife, em que se articulava e se consolidava o movimento Mangue, fazendo referência à situação política e econômica do país e seus reflexos em Pernambuco. Em “Manguetown, a cidade”, assim se apresenta o espaço social:

“A planície costeira onde a cidade do Recife foi fundada é cortada por seis rios. Após a expulsão dos holandeses, no século XVII, a (ex)cidade \*maurícia\* passou desordenadamente às custas do aterramento indiscriminado e da destruição de seus manguezais.

Em contrapartida, o desvario irresistível de uma cínica noção de \*progresso\*, que elevou a cidade ao posto de \*metrópole\* do Nordeste, não tardou a revelar sua fragilidade.

Bastaram pequenas mudanças nos ventos da história, para que os primeiros sinais de esclerose econômica se manifestassem, no início dos anos setenta. Nos últimos trinta anos, a síndrome da estagnação, aliada a permanência do mito da \*metrópole\* só tem levado ao agravamento acelerado do quadro de miséria e caos urbano.”<sup>40</sup>

Na terceira e última parte do manifesto, Zero Quatro utiliza novamente metáforas, sugerindo soluções de melhorias para Recife. Logo no primeiro trecho afirma: “Emergência! Um choque rápido ou Recife morre de infarto! Não é preciso ser médico para saber que uma maneira simples de parar o coração de um sujeito é obstruindo suas veias”. Com esse trecho, é possível notar que o sujeito prestes a enfartar é a cidade de Recife. E completa: “O modo mais rápido, também, de infartar e esvaziar a alma de uma cidade como Recife é matar os seus rios e aterrar os estuários”.

Em seguida, oferece a solução para sair do colapso no qual se encontram: “Basta injetar um pouco de energia na lama e estimar o que ainda resta de fertilidade nas veias de Recife”. No parágrafo seguinte, é explicado como começou esse processo de conexão e de articulação para apresentar o objetivo principal do movimento: “O objetivo era engendrar um circuito energético, capaz de conectar boas vibrações dos

---

<sup>40</sup> ZERO QUATRO, op.cit.



mangues com a rede mundial de circulação de conceitos pop: Imagem símbolo: uma antena parabólica enfiada na lama”. Fred segue identificando quem são os *mangueboys* e *manguegirls*:

“Indivíduos interessados em hip-hop, colapso da modernidade, caos, ataques de predadores marítimos (principalmente tubarões), moda, Jackson do Pandeiro, Josué de Castro, rádio, sexo não-virtual, sabotagem, música de rua, conflitos étnicos, midiotia, Malcom MacLaren, Os Simpsons e todos os avanços da química aplicados no terreno da alteração e expansão da consciência”.<sup>41</sup>

Na parte final, o autor fala do que se tornou o Movimento Mangubeat e das suas consequências: “mais de cem bandas, programas de rádio, desfiles de moda, vídeo clipes, filmes e muito mais”, terminando com a seguinte frase: “Pouco a pouco, as artérias vão sendo desbloqueadas e o sangue volta a circular pelas veias da Manguetown”.

O que Science e seus amigos, entre eles Fred Zero Quatro, autor do manifesto, buscavam nessa época era um espaço que permitisse vivenciar a cultura de uma forma ampla. Não haviam regras a serem seguidas. A ideia era juntar o máximo de jovens interessados e produzir shows e pequenas festas. O “Manifesto dos Caranguejos com Cérebro” foi lido pela primeira vez em um *release* para jornais, causando boa impressão na mídia local. Mais tarde, foi publicado no disco Da Lama ao Caos.

Outro ponto importante para se pensar o Movimento Mangubeat foi o “Bom Tom Rádio”, que pode ser descrito como um laboratório musical no qual Jorge Du Peixe, Chico e Mabuse faziam improvisos e produziam músicas a partir de suas intuições. As influências deles eram basicamente os ritmos vindo de fora, como o *rap* e

---

<sup>41</sup> Idem.

o *rock n roll*, mas também o *black music*, James Brown, *Afrika Bambaataa* e Fela Kuti, como afirma Jorge:<sup>42</sup>

"(...) Acho que com 16, 17 conheci Chico. A gente tinha uma idéia sempre fincada em música negra ali e tal. Tô sempre ligado. Acho que a fase que ouvi mais rádio na minha vida, que era o que eu tinha mais acesso. E ligado na programação, tentando gravar em fita cassete que rolava ali e tal. Sempre ligado nas batidas de música negra, enfim".<sup>43</sup>

Uma das consequências da efervescência cultural gerada por Chico Science, Fred Zero Quatro, Helder Aragão, Renato L, Mabuse e Du Peixe foi um processo de mudanças na perspectiva cultural existente em Pernambuco. Esse novo ideal ia contra um dos movimentos culturais tradicionais no nordeste brasileiro, o Movimento Armorial, que zelava pelas tradições nordestinas e tinha como seu mentor principal Ariano Suassuna, que chegou a criticar o movimento dos jovens pernambucanos.<sup>44</sup>

O Movimento Armorial foi uma ideologia que marcou as políticas culturais de Pernambuco a partir da década de 1970. De acordo com Herom Vargas, a proposta era lançar uma arte brasileira que possuísse seus fundamentos nas raízes culturais populares sertanejas e que pudesse formar uma corrente contrária à presença de influências estrangeiras que, para os armoriais, acabava se tornando uma barreira para a construção de uma identidade artística nacional. Em suas palavras:

---

<sup>42</sup> Todos os grupos e nomes citados possuem uma relação direta com a música negra. Seja no funk americano de James Brown, no hip hop do líder do grupo Zulu Nation Afrika Bambaata ou no Afrobeat do ativista e cantor nigeriano Fela Kuti.

<sup>43</sup> DU PEIXE, Jorge, op. cit.

<sup>44</sup> Cf. COSTA, Luís Adriano. *Movimento Armorial: o erudito e o popular na obra de Antonio Carlos Nóbrega*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade. UEPB: Campina Grande, 2007; DIDIER, Maria Thereza. *Emblemas da sagração armorial: Ariano Suassuna e o Movimento Armorial (1970 – 76)*. Recife: Ed. UFPE, 2000; NEWTON JÚNIOR, Carlos. *O pai, o exílio, e o reino: a poesia armorial de Ariano Suassuna*. Recife: Ed. UFPE, 1999; SUASSUNA, Ariano. *O Movimento Armorial*. Recife: Ed. UFPE, 1974; TELES, José. *Do frevo ao mangubeat*. São Paulo: Ed. 34, 2000.

"A proposta da Arte Armorial consta de uma retomada, no âmbito erudito, de elementos artísticos-culturais (musicais, visuais, orais, plásticos e simbólicos) mantidos quase inertes no sertão árido do Nordeste, ao sabor da história, provenientes da Península Ibérica com as influências cristãs e mouras, e das culturas indígenas. Segundo esse movimento, os aspectos que se mantiveram – alguns instrumentos, certos tipos de cantos, estruturas poéticas e musicais, a iconografia dos brasões etc – são tidos como mananciais de origem e definidores de uma essência da arte brasileira, espécie de símbolo cultural, uma vez que são traços profundos (cravados no sertão nordestinos) e longínquos (no tempo e no espaço) do que primeiro se sintetizou em terras brasileiras".<sup>45</sup>

Essa busca pela essência brasileira criada dentro do Movimento Armorial possui argumentos explícitos em artigos que abordam o tema, como "Movimento Armorial x Tropicalismo: Dilemas brasileiros sobre a questão nacional na cultura contemporânea", de Almicar Bezerra, que cria um comparativo entre esses dois movimentos nacionais.<sup>46</sup> Esse artigo traz alguns pontos bastante relevantes para esta pesquisa.

Bezerra identifica no movimento uma busca pela definição do “que é o nacional?”. Esse questionamento ocorre nos estudos culturais no Brasil, principalmente por fatores como a existência de diversas nacionalidades e etnias na formação da sociedade brasileira. O autor propõe em seu artigo que tanto o Tropicalismo quanto o Movimento Armorial têm em seu interior uma necessidade de reconfigurar a importância da formação da identidade nacional brasileira. Conforme explicitado nos trechos das reportagens veiculadas pelo jornal O Globo em 1995:

"A música foi, sem dúvida uma das vertentes mais populares e controversas do Movimento Armorial. Foi também a esfera artística que mais obteve destaque midiático nos primeiros anos do Movimento de 1970 a 1977 – com a Orquestra Armorial e em seguida com o Quinteto. Antes do concerto inaugural da Igreja de São Pedro dos Clérigos, Ariano Suassuna havia trabalhado em pesquisa da sonoridade da música popular erudita como parte de sua atuação no departamento de extensão cultural da UFPE. O mais interessante é que ele é dramaturgo, poeta e romancista, age como articulador

---

<sup>45</sup> VARGAS, Herom. *Hibridismos musicais de Chico Science e Nação Zumbi*. Cotia: Ateliê Editorial, 2007, p. 38.

<sup>46</sup> BEZERRA, Amílcar. "Movimento Armorial x Tropicalismo: dilemas brasileiros sobre a questão nacional na cultura contemporânea." *Enecult–Encontros de Estudos Multidisciplinares em Cultura V*, Salvador, 2009.

e ideólogo de uma concepção musical que se impõe cênica e sonoramente.  
(...)

A ideia de Ariano era a de investigar e recuperar melodias barrocas que podiam ser encontradas em manifestações como o romanceiro popular. A identificação com os troncos ibéricos da cultura brasileira está na relação que esta mantém com os cantadores (de desafios, toadas ou aboios), tocadores de rabeca, banda de pífano e demais portadores de uma sobrevivência cultural que remonta o renascimento europeu. As composições procuravam utilizar a estrutura básica da música camerística europeia (cordas, cravo e flauta) para reler a cultura popular em sua “analogia” com o velho continente, através da viola sertaneja, da zabumba e dos pífanos.

Para Ariano, os instrumentos, técnicas e estéticas europeias não poderiam se sobrepor aos mesmos elementos de composição da música popular nordestina. Ariano chamava a presença cênica de instrumentos e a melodia áridas provocada pelo seu caráter artesanal. Independentemente do resultado dessa união de “contrários”, não se pode deixar de reconhecer o caráter valorativo dessa proposta. Siba, do Mestre Ambrósio, embora não comungue da estética armorial como referência, lembra do pioneirismo, no Nordeste, do projeto. “Mesmo quem não tem essa influência, não pode deixar de assumir a importância da música armorial para a visibilidade da cultura popular local”, explica Siba”.<sup>47</sup>

É possível compreender, a partir dessa visão armorial, um dos motivos pelos quais a indústria fonográfica não enxergava em Pernambuco um espaço para produção de uma música contemporânea e inovadora. Os jovens pernambucanos se interessavam por essa música contemporânea, mas existia uma resistência regional à música *pop* e à entrada de ritmos globalizantes no cenário nordestino.

Apesar de Chico Science buscar elementos tradicionais da cultura pernambucana, para Suassuna, a princípio, essa relação entre os ritmos era prejudicial para a identidade artística nacional.

Como afirmado anteriormente,, em 1991 é criada a banda Chico Science e Nação Zumbi. Nas palavras de Du Peixe, os vários músicos que participavam dos ensaios (sempre cheios), nem sempre eram os mesmos que tocavam.<sup>48</sup> Em dado

---

<sup>47</sup> Cf. GERAÇÕES DO maracatu em conflito – Ariano Suassuna, agora secretário critica até Tom Jobim na sua guerra contra o Mangubeat. *O Globo*, Segundo Caderno, p.5 - 4/01/ 1995; ARIANO SUASSUNA quer se aliar a “Chico Ciência”. *O Globo*, Segundo Caderno, p. 2 –17/01/ 1995.

<sup>48</sup> DU PEIXE, op. cit.

momento, Science indagou ao grupo quem iria ser de fato da banda e quem era apenas “simpatizante” do grupo. Após essa triagem, se tem a primeira formação oficial da banda Chico Science e Nação Zumbi: Chico Science, Jorge Du Peixe, Lúcio Maia, Dengue, Canhoto, Gilmar Bola 8, Toca Ogan e Gira.

Uma das preocupações do grupo de Chico e de outros grupos locais era a articulação para gerar espaços onde todos pudessem se apresentar. A partir desses espaços e dessas articulações surge uma efervescência cultural muito forte.

É interessante ressaltar que não existia uma regra sobre qual tipo de ritmo deveria ser privilegiado naquele momento. Pelo contrário, a ideia era que qualquer ritmo era bem-vindo. Ou seja, dentro desse movimento artístico, é possível encontrar um grupo de *rap* como o Faces do Subúrbio, com críticas sociais à situação recifense, ou um grupo como *Mestre Ambrósio*, que produzia músicas inspiradas na cultura local, como ciranda, maracatu, e linguagem de cordel.<sup>49</sup>

Um dos espaços conhecidos da história do Movimento Mangubeat foi a Soparia de Roger, conhecida a partir da canção Macô. O baile da Soparia era um evento que acontecia de tempos em tempos. O lugar foi inaugurado em 1992 e teve seu fim nos anos 2000. Nesse espaço passaram diversos artistas entre eles Otto, Cordel do Fogo Encantado, Alceu Valença, Mundo Livre SA e Chico Science e a Nação Zumbi. Esse espaço tem uma relevância para o movimento Mangubeat justamente por proporcionar encontros de grupos distintos.

---

<sup>49</sup> Faces do Subúrbio foi um grupo de *rap* recifense que fazia duras críticas a situação social de Recife. Um dos integrantes do grupo era Alexandre Garnizé, atual mestre do grupo de maracatu Tambores de Olokun.



(Imagem 6 - A canja do Soparia/ Foto da Soparia de Rogê, um dos poucos espaços de encontro)

Refletindo sobre as consequências quase imediatas do Movimento Manguebeat, é importante falar sobre o Abril Pro Rock, festival que acontece até a atualidade. Ele constitui um dos pontos concretos da realidade de um movimento, conforme Jorge Du Peixe comenta:

"Não tinha muitos festivais até passar a existir o Abril Pro Rock. O Abril Pro Rock passou a caminhar junto com o que estava acontecendo, nascendo em Recife. O festival nasceu junto com Chico Science e Nação Zumbi. E esse grito foi dado a partir dos anos 90. Acho que meio no esquema de cooperativa cultural, não que todo mundo tenha montado uma cooperativa, mas todo mundo passou a dar o grito a partir de Recife. Um estado muito cultural calçado na metáfora do mangue, na analogia da diversidade cultural, da biodiversidade do mangue".<sup>50</sup>

Após o primeiro Abril pro Rock, iniciou-se a primeira *Manguetour*. Durante essas apresentações, eram entregues um Kit-Mangue contendo uma camiseta, uma

---

<sup>50</sup> DU PEIXE, op. cit.

garrafa de pau-de-índio (bebida típica de Recife), um chip para ser usado no pescoço, um glossário do vocabulário mangue e fitas demo que foram distribuídas à imprensa.<sup>51</sup>

Paulo André, amigo pessoal de Chico, que foi convidado para ser empresário da banda no início da agitação cultural, foi um dos criadores do Abril Pro Rock, deu uma entrevista para um especial sobre Chico à emissora EBC, falando sobre o começo do festival e sua repercussão:

"O primeiro Abril foi no Circo Maluco Beleza, um lugar que também tinha shows de axé music, de forró estilizado que na época estava começando a ficar grande e o pagode também começando a dar as caras. Tinha lugar pra umas 5 ou 6 mil pessoas e eu consegui um domingo lá. Eram 12 bandas e o Maracatu Nação Pernambuco. A cultura popular no final dos anos 1980 estava praticamente sendo colocada na prateleira de um museu. Foi quando veio o Chico e bebeu no maracatu; o Mestre Ambrósio no Cavalo Marinho, na rabeca, e a cultura popular passou a ser vista pelos jovens como algo legal e não como aquela coisa folclórica distante deles".<sup>52</sup>

De acordo com Paulo André, o Abril Pro Rock foi um dos divisores de água para Chico Science e Nação Zumbi, pois teria sido no festival que alguns produtores culturais teriam de fato dado atenção ao grupo, e compreendido a sua diversidade cultural. Isso por que existia uma dificuldade em definir o estilo musical do grupo:

"Foi um divisor de águas porque foi a coisa certa, no lugar certo, na hora certa e apareceram as pessoas certas. Estavam lá o Miranda e o Gastão, que eram os convidados do festival, e a galera que formaria o Jorge Cabeleira; a galera da Eddie, os futuros diretores de cinema, os artistas visuais. Era uma galera que estava vivendo aquele momento da cidade".<sup>53</sup>

Em 1993, após diversos shows no Recife e apenas duas apresentações fora do nordeste -- uma em São Paulo e outra em Belo Horizonte --, com a repercussão positiva, o grupo foi chamado pela gravadora Sony, que na época possuía uma produtora para

---

<sup>51</sup> LIRA, op. cit. p. 113-114

<sup>52</sup> ENTREVISTA. Paulo André à EBC. Disponível em: <http://www.ebc.com.br/cultura/2016/03/chico-science-50-anos-entrevista-com-paulo-andre-pires>. Acesso em: 10 de junho de 2016.

<sup>53</sup> Idem.

grupos *underground* chamada Chaos.<sup>54</sup> Em dezembro de 1993, começou a ser produzido o disco *Da Lama ao Caos*, no Rio de Janeiro, pelo produtor Liminha, que produziu também o segundo disco do grupo.<sup>55</sup> Sobre isso, Du Peixe teceu o seguinte comentário:

"O primeiro foi *Da Lama ao Caos*, foi da Sony. Criou-se nessa época o selo Chaos, onde tava o Planet Hemp, Skank, na época (?) na época dos anos 90 ali, Rio de Janeiro, Circo Voador. Foi gravado no Rio, no estúdio Nas nuvens, era o estúdio de Gilberto Gil sociedade com Liminha e tinha outro que eu esqueço o nome dele agora".<sup>56</sup>

Em abril de 1994, é lançado nacionalmente *Da Lama ao Caos*.<sup>57</sup> A capa foi criada por Hélder Aragão, o DJ Dolores, e Hilton Lacerda, atualmente cineasta.

---

<sup>54</sup> DU PEIXE, op. cit.

<sup>55</sup> Cf. Sobre as bases para construção do primeiro álbum em 1993: CHICO SCIENCE traz o movimento mangue ao Rio. *O Globo*, Segundo Caderno, p. 2. 07/09/ 1993; O BARULHO chega à praia. Segundo Caderno, p.4 22/12/ 1993. *O Globo*, Segundo Caderno, p. 5 17/12/ 1993.

<sup>56</sup> Idem.

<sup>57</sup> Ficha técnica: Chico Science & Nação Zumbi: "Da Lama ao Caos". Alexandre Dengue – baixo; Canhoto – caixa Chico Science - voz, samplers em "Lixo do Manguê"; Gilmar Bolla 8 – alfaia; Gira – alfaia; Jorge du Peixe - alfaia, tonel em "A Cidade"; Lúcio Maia – guitarras;Toca Ogam - percussão e efeitos. Participações Especiais: André Jungmann - berimbau em "Maracatu de Tiro Certo";Chico Neves - samplers em "Rios, Pontes & Overdrives", "A Cidade", "Samba Makossa", "Antene-se" e "Côco Dub (Afrociberdelia)";Liminha - grito em "Lixo do Manguê". Produção musical: Liminha - produtor, engenheiro de gravação, mixagem; Jorge Davidson - direção artística; Ronaldo Viana - coordenação de mixagem; Guilherme Calicchio - engenheiro de gravação; Vitor Farias - engenheiro de gravação; Renato Muñoz - assistente de estúdio; Ricardo Garcia - assessoria técnica; Alberto Fernandes - assessoria técnica Steve Hall – masterização; Eddy Schreyer – masterização; Gravado e mixado no Estúdio Nas Nuvens, Rio de Janeiro-RJ; Masterizado na Future Disc, Oregon, EUA; Produção gráfica: Dolores & Morales - projeto gráfico; Fred Jordão – fotos; Luciana K - arte final; Helder - ilustrações, arte final; Hilton Lacerda - texto HQ, arte final; Cláudio Almeida - edição de imagens/textos, arte final; Estado da Arte – colaboração; João Belian – colaboração. Sobre o lançamento do álbum em 1994: SONS INTELIGENTES do mangue – Grupo de recife inova o rock com mistura regional, *O Globo*, Segundo Caderno, p. 4 30/03/ 1994; DA LAMA ao Caos – “Caranguejos que andam para frente”. *O Globo*, Segundo Caderno, p. 08 30/03/ 1994; MANGUEZAIS À BEIRA do caos – Regina Casé grava em Recife quadro para o Fantástico. *O Globo*, Segundo Caderno, p. 3 . 04 /04/ 1994; AMANHÃ NO globo Rio Show “rock brasileiro vai atrás dos ritmos nordestinos”. *O Globo*, Segunda Página, p.2 –14/04/ 1994; NAÇÃO ZUMBI mostra novas saídas para o Rock . *O Globo*, Rio Show, p. 16. 15/04/ 1994; MUROS CONVIDAM a preservar manguezais. *O Globo*, Jornais de Bairro, p.6 – 17/04/ 1994; MANGUEBEAT pega o bondinho. *O Globo*, Rio Show, p. 16 –13/05/ 1994; HOMENS CARANGUEJOS invadem o Rio, *O Globo*, Segundo Caderno, p. 8 19/06/1994; LEITORES-CARANGUEJO levam “kit da lama”. *O Globo*, Segundo Caderno, p. 8 –26/06/ 1994.



O disco Da Lama ao Caos é considerado a obra-prima do movimento Manguebeat, por dialogar de forma clara com o Manifesto dos Caranguejos com Cérebro, publicado em sua contracapa. As músicas reconstituem as cidades caóticas de Pernambuco e assimilam em sua sonoridade a sensação de se estar em meio a um mundo em transição, no qual a identidade de um povo pode acabar se diluindo.



(Imagem 7 - capa do disco Da Lama ao Caos, 1994)

O disco foi na contramão da normatividade e da padronização musical, tendo apresentado ainda, em sua contracapa, uma história em quadrinhos sobre um menino que virou um homem-caranguejo.

De acordo com Du Peixe, “pelo fato do álbum ter um formato diferente, de trazer ritmos tradicionais de uma forma atraente ao público jovem, a repercussão foi positiva na mídia”.<sup>58</sup>

Sendo assim, algumas músicas do disco *Da Lama ao Caos* foram executadas nas rádios e fizeram parte da trilha sonora de novelas da Rede Globo de Televisão, como a música *A Praieira em Tropicaliente*, novela dirigida por Walter Negrão e exibida no em rede nacional.<sup>59</sup>

Devido à forte divulgação do disco, gerada pela exposição em rádio e TV, Chico Science e Nação Zumbi começaram uma turnê e viajaram para fora do Brasil. Em 1995 o álbum foi lançado também nos EUA e no Japão. Na turnê internacional os *mangueboys* foram para a Europa e para os Estados Unidos.<sup>60</sup> O disco *Da Lama ao Caos* é formado por quatorze músicas com diversas autorias, mas o torna o disco um dos mais conhecidos da década é a forma como ele dialoga diretamente com a história de Recife, citando momentos históricos como a Revolta Praieira, mas também refletindo sobre questões amorosas, como é o caso de *Risoflora*.

Quando o disco chegou as rádios do sudeste, as críticas começaram a aparecer nos jornais. Em uma das primeiras publicações sobre o álbum, em março de 1994, pode-se notar um certo estranhamento:

"No disco, a Nação Zumbi soa realmente mais estranha do que no palco. Mas “*Da Lama ao Caos*” é a prova mais convincente de que existem saídas para o rock brasileiro na década de 90. Chico Science é melhor letrista do que intérprete, mas, não é exatamente um cantor nos moldes tradicionais, funciona bem neste contexto embolada-rock-rap-repente. Da mesma forma

---

<sup>58</sup> DU PEIXE, op. cit.

<sup>59</sup> Novela exibida no horário das 18h na rede Globo no ano de 1994.

<sup>60</sup> Cf. SCIENCE TOCARÁ em Nova Iorque. *O Globo*, Segundo Caderno, p. 5 – 07/03/ 1995; CHICO SCIENCE faz baile incendiário. *O Globo*, Segundo Caderno, p. 3 –10/04/ 1995; FESTAÇÃO DE nordestinos. *O Globo*, Segundo Caderno, p. 1 – 07/05/ 1995.

que os repentista sempre fizeram. Na Nação Zumbi, cinco percussionistas – Toca ogan, Jorge Du Peixe, Canhoto, Gilmar, Gira – fornecem o diferencial regional, enquanto a base elétrica de Alexandre Dengue (baixo) e o ótimo Lucio Maia (guitarra), adiciona tempero ao funk e rock.

O resultado vai do bem intencionado ao muito interessante. Eles sintetizam uma nova sonoridade, além do hibridismo que costuma marcar as experiências do gênero. Dá para se notar a mão do experiente produtor Liminha (Gilberto Gil, Titãs, Paralamas), que forneceu um padrão técnico sem descaracterizar o “mangue beat”. O “Banditismo por um questão de classe” é um dos bons exemplos, embaladas por uma irresistível usina percussiva. A ciranda-rock “A praiaira” e “Samba makossa” (com sample do saxofone do africano Mano Dibango) conquistam pelo balanço. Enquanto o “Coco dub”, “Antene-se” e a instrumental “Lixo de Mangue” partem do experimentalismo sem patinar som na cabeça. Talvez seja necessário assistir ao grupo – que tocará no dia 12 de abril no Circo Voador- para entender melhor as mentes antenadas já podem e devem correr atrás destes caranguejos que andam para frente”.<sup>61</sup>

Como é possível perceber nesta crítica do Jornal O Globo, a sonoridade da banda Chico Science e Nação Zumbi gerava uma estranheza nas pessoas. Entretanto, é difícil encontrar alguma notícia que se referisse a banda como algo completamente negativo. Na realidade, a primeira impressão era sempre de surpresa, já que não existiam outros grupos que tivessem os mesmo traços musicais que Chico e a Nação.

Em entrevista cedida em 2013, Jorge Du Peixe procurou definir o que ele compreendia por Da Lama ao Caos:

"Da lama ao caos, né, tá muito óbvio isso, é muito claro, a interpretação é livre. O nome quem deu foi Chico, mas o caos pra Chico era a coisa, ele tinha essa atração pelo caos, né. Um cara chamado alguma coisa Gleick que escreveu a teoria do caos. Existia um livro e ele tinha esse livro nas mãos por um tempo ali e tal. Da lama, ele teve essa visão da lama e caos também ali. Caos, transformação, alteração, andamento, metamorfose, tudo isso. Da lama ao caos sintetiza um pouco disso, acho. Da lama ao caos, da feitura, do andamento, em movimento, em acontecimento e o acontecendo, né, de uma maneira conturbada ou não, mas ta acontecendo. E o caos tá presente toda hora, em todos... Da lama viemos e pro caos iremos (risos). Pode ser tomado assim também, de certa forma".<sup>62</sup>

Da Lama ao Caos foi um importante “disco/movimento” para colocar o nordeste de volta ao mapa da indústria cultural. Pôde-se entender, em termos midiáticos, que o

---

<sup>61</sup> DA LAMA ao Caos – “Caranguejos que andam para frente”. *O Globo*, Segundo Caderno, p. 08 30/03/1994.

<sup>62</sup> DU PEIXE, op. cit..

nordeste era capaz de produzir uma música tão boa quanto ao resto no país. Tal ideia pode ser corroborada através das notícias encontradas em jornais de grande circulação no sudeste, como o jornal O Globo, com pelo menos dez shows no Rio de Janeiro no ano de 1994.<sup>63</sup>

### ***Da Lama ao Caos***

As canções do álbum da Lama ao Caos possuem diversas referências e críticas sócio-políticas embutidas em seu conteúdo. O disco conversa com o ouvinte, conversa com a cidade de Recife e com sua história.

Já na primeira canção do álbum, chamada "Monólogo ao Pé do ouvido", Chico expõe uma das razões pela qual o Manguebeat surgiu, sobre como o passado pode ser moderno e como pode fazer parte do presente: "Modernizar o passado é uma evolução musical/ cadê as notas que estavam aqui? Não preciso delas/ basta deixar tudo soando bem aos ouvidos".<sup>64</sup>

Os questionamentos sobre as notas musicais e sua negação reafirmam a primeira frase, pois, no período em que surgiu, a música possuía um padrão musical específico: guitarra, baixo, bateria. O que Chico Science e Nação Zumbi fizeram foi propor uma mistura, sem sobreposições, de uma cultura sobre outra.

É possível compreender ainda o momento social pelo qual passa a cidade dos jovens pernambucanos, Recife, vista pelo DIESE como a pior cidade para um jovem

---

<sup>63</sup> "O MANGUEBEAT pega o bondinho". Rio Show, *O Globo*, p. 16, 13 mai. 1994; "DE ROBERTO à Roberto - Frejat produz tributo ao "Rei" em disco com estrelas do pop nacional". Segundo Caderno, *O Globo*, p. 2, 18 jun. 1994; HOMENS CARANGUEJOS invadem o Rio Fanzine. Segundo Caderno, *O Globo*, p. 8, 19 de junho de 1994. FESTAS JUNINAS. Rio Show, *O Globo*, p. 13, 24 de junho de 1994.

<sup>64</sup> "Monólogo ao Pé do Ouvido". Autoria: Chico Science. Duração: 1:07.

viver. A afirmação de que "o medo dá origem ao mal" pode ser interpretada em relação ao fato da violência gerar um estado humano de medo, que leva a uma violência maior. Mas logo em seguida, afirma-se que "o homem coletivo sente a necessidade de lutar", inserindo o Manguebeat como uma expressão de coletividade dentro do espaço cultural. Essa estrofe termina afirmando que "o orgulho, a arrogância e a glória enche a dominação de domínio/ São demônios os que destroem o poder bravo da humanidade", que pode ser compreendido com uma metáfora para a Globalização, que empodera determinados grupos em oposição a outros, o que pode ser relacionado ainda com o fato da música ser concebida por certos grupos como regional e atrasada.

Ainda refletindo sobre as questões sociais, a música "Banditismo por uma questão de classe" é capaz de descrever um conceito abordado por Erick Hobsbawm, o banditismo social:<sup>65</sup>

"o banditismo desafia simultaneamente a ordem econômica, a social e a política, ao desafiar os que têm ou aspiram ter o poder e o controle dos recursos. Este é o significado histórico do banditismo nas sociedades com divisões de classe e Estados".<sup>66</sup>

"Banditismo por uma questão de classe" faz referências ainda a personagens folclóricos e reais da cidade de Recife: Galeguinho do Coque, Perna "cabiluda", Biu do Olho Verde e Lampião.

Galeguinho do Coque, um rapaz de 17 anos, teria entrado no mundo crime praticando pequenos furtos e traficando na região do Coque em Recife. Ficou conhecido por sempre escapar da polícia. Já "perna cabiluda" remete a uma história contada por um radialista que acabou se tornando uma lenda na cidade. Tratava-se de uma perna

---

<sup>65</sup> "Banditismo por Uma Questão de Classe". Autoria: Chico Science. Duração: 3:59

<sup>66</sup> HOBBSAWM, Eric. *Bandidos*. 4.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

cabeluda fantasma que vagava pela cidade, dando chutes em transeuntes e causando medo nas pessoas. Biu do Olho Verde foi um bandido que estuprava e torturava suas vítimas com um alicate. Já Lampião, conhecido no nordeste por ajudar os mais necessitados, roubava de quem possuía mais bens.<sup>67</sup> O fim da música é uma crítica à ação da polícia dentro das comunidades de Recife. Afirma que até os inocentes são criminalizados, já que a situação econômica dentro das comunidades poderia levar pessoas com necessidades como a fome, a roubar comida -- no caso da música, um pão velho --, o que é diferente de roubar por “maldade”.

Com a ideia de levar Recife para fora de Pernambuco através da música, a canção "Rios Pontes e Overdrives" é capaz de descrever um dia na cidade de Recife, fazendo referências diretas ao mangue, e citando os nomes de diversos bairros da cidade.<sup>68</sup> A crítica social presente nessa canção é evidenciada ainda na última estrofe, que afirma que o "molambo é uma peça", o que significa que os moradores de áreas carentes servem como massa de manobra para políticos mal intencionados; passando por cima desses moradores, políticos mentem e utilizam a miséria a seu favor.

Ainda fazendo referências à cidade de Recife, a música "A Cidade" remete a essa noção da cidade como o centro das possibilidades e de possuir respaldo nos processos industriais, que acentuam a urbanização, mas concentram a renda nas camadas superiores da sociedade, aumentam o consumo de forma geral, geram empregos. Mas, por outro lado, provocam um trabalho cada vez mais especializado, o que retira pessoas do mercado por não possuírem o conhecimento adequado. Sendo

---

67 Virgulino Ferreira da Silva, popularmente conhecido como Lampião, foi um cangaceiro que se tornou reconhecido por fazer saques a fazendas e distribuir os bens roubados com os mais necessitados.

68 "Rios, Pontes & Overdrives". Autoria: Chico Science, Fred Zero Quatro duração: 4:03

assim, o refrão da música é justamente sobre como a cidade não para de crescer e de se desenvolver, aumentando as diferenças sociais.

A letra da música afirma ainda que a cidade se encontra comprada por quem que já a usou e ilude pessoas de lugares distantes com a ideia de que as oportunidades se encontram nas metrópoles. No verso em que Science diz: "No meio da esperteza internacional, a cidade até que não está tão mal", ele está fazendo uma referência ao momento da Globalização, uma das consequências de uma revolução tecnológica. As diferenças sociais são ocasionadas pela apropriação do poder aquisitivo por uma minoria e, de uma forma geral, a situação social e econômica acaba sendo mediana, ou nas palavras do músico, "mais ou menos".

Por fim, recorrendo a um tom de *rap*, ou de um repente, ocorre a reação a esta situação de Recife, que segrega economicamente os cidadãos. Tal força vem do Samba e do Maracatu, ou seja, das raízes. No entanto, Science diz que envenenará esses sons, o que corrobora a visão inicial do Manguebeat. O veneno seria a música *pop* do momento. Assim, seria possível sair da lama, da marginalidade e enfrentar os urubus. Tendo como morador principal do manguezal o caranguejo, enfrentar os urubus significa enfrentar algo acima de si na cadeia alimentar. Science expõe um retrato de Recife: o fedor que vem dos mangues devido à poluição dos rios e também reflete o processo de urbanização desordenada devido a industrialização da cidade de Recife.

"Maracatu Tiro Certo" é composta por Chico Science e Jorge Du Peixe.<sup>69</sup> A letra procura rememorar uma rixa entre os grupos de maracatu de Recife e Olinda. Esses desentendimentos entre os grupos era tão forte, que em alguns momentos os integrantes dos grupos rivais se enfrentavam fisicamente, ocorrendo até casos de morte. Em meio a

---

<sup>69</sup> "Maracatu de Tiro Certo". Autoria: Chico Science, Jorge du Peixe. Duração: 4:11

canção, há um diálogo entre duas pessoas, em que uma delas pretende matar a tiros um terceiro personagem, de um grupo de maracatu rival. Mesmo quando não se quer mais cometer o ato de violência, "as balas não atendem ao gatilho", ou seja, a morte é inevitável. Tal diálogo tem um significado ambíguo. Pode significar somente a continuidade da briga, mas também uma naturalização da morte, já que em outra parte da música, Science canta: "Tem gente que é como o barro/ Que ao toque de uma (bala) se quebra/ Outros não!/ Ainda conseguem abrir os olhos/ E no outro dia assistir TV". Esse trecho aponta a naturalização da violência na televisão, que passa despercebida.

Apesar de serem separadas por faixas, nota-se que "Salustiano Song" é uma continuação "do Maracatu tiro certo", além de servir como uma faixa de transição para outros ritmos, já que esta nona canção revela uma utilização diferenciada da guitarra elétrica.<sup>70</sup> Este diálogo entre as canções é ainda interessante pois "Salustiano Song" foi composta por Chico Science e Lucio Maia, guitarrista do grupo, e a anterior foi composta por Science e Jorge Du Peixe, que na época tocava alfaia no grupo. Logo, nessa transição de co-autoria, é possível perceber também uma transição instrumental, no sentido que em cada música há uma exaltação de um instrumento.

É possível observar como o disco foi pensado de forma a ser um exemplo das manifestações culturais da cidade de Recife e de todo o estado de Pernambuco, bem como da relação dos jovens com o passado, julgado como folclórico pelo resto do país mas que, no entanto, é algo presente para os cidadãos pernambucanos, cada um com suas características específicas.

---

<sup>70</sup> "Salustiano Song" (instrumental). Autoria: Chico Science, Lúcio Maia. Duração: 1:28



A canção "Da lama ao caos", também título do álbum, possui uma sonoridade diferente das músicas anteriores.<sup>71</sup> Seu som é mais pesado em diversos os sentidos, tanto na batida das alfaias, quanto nos *riffs* da guitarra que sinalizam um som *hardcore* e *rock n´roll*. É uma das canções que consegue representar o Manifesto dos Caranguejos com Cérebro por diversos motivos que serão esclarecidos a frente.

Cabe nesse ponto lembrar do romance de Josué de Castro, Homens e Caranguejos, que conta a história de um menino que vai morar no mangue. Na primeira parte do livro, é possível notar certa semelhança com as metáforas utilizadas no Mangubeat:

“Os mangues do Recife são o paraíso do caranguejo. Se a terra foi feita para o homem, com tudo para bem servi-lo, o mangue foi feito especialmente para o caranguejo. Tudo aí é, foi, ou está para ser caranguejo, inclusive a lama e o homem que vive nela. A lama mistura com a urina, excremento e outros resíduos que a maré traz. Quando ainda não é caranguejo, vai ser. O caranguejo nasce nela, vive dela, cresce comendo lama, engordando com as porcarias dela, fabricando com a lama a carinha branca de suas patas e a geléia esverdeada de suas vísceras pegajosas.

Por outro lado, o povo vive de pegar caranguejo, chupar-lhe as patas, comer e lambe os seus cascos até que fiquem limpos como um copo e com sua carne feita de lama fazer a carne do seu corpo e a do corpo de seus filhos.

São duzentos mil indivíduos, duzentos mil cidadãos feitos de carne de caranguejo. O que o organismo rejeita volta como detrito para a lama do mangue para virar caranguejo outra vez.

Nesta aparente placidez do charco desenrola-se, trágico e silencioso, o ciclo do caranguejo. O ciclo da fome devorando os homens e os caranguejos, todos atolados na lama.”<sup>72</sup>

A música que dá nome ao álbum é uma das possui uma crítica social evidente, e a entonação de indignação com a qual ela é cantada proporciona um tom ainda mais crítico em relação à situação pela qual passava Recife, de áreas miseráveis, com diferenças sociais evidente.

---

<sup>71</sup> "Da Lama ao Caos". Autoria: Chico Science. Duração:4:31

<sup>72</sup> CASTRO, op. cit.

Uma das canções que possui uma ambiguidade devido seu título é "A praieira", que faz uma alusão a Revolução Praieira ocorrida em Pernambuco no segundo reinado, no final da segunda metade do século XIX, entre 1848 e 1850.<sup>73</sup> Tal insurreição ocorreu porque havia um monopólio entre os comerciantes portugueses e os pequenos agricultores eram marginalizados e censurados pela imprensa. Porém, o estopim para essa revolta foi o veto de uma cadeira no senado a Antonio Chichorro Gama, um liberal.

Os políticos liberais acabaram se revoltando e receberam apoio de diversos populares. O nome "Praieira" foi usado pois o jornal que apoiava a revolta se localizava na Rua da Praia, em Recife. As principais reivindicações era: imprensa livre, voto livre, fim do poder moderador, fim do cargo vitalício de senadores, uma lei que favorecesse os trabalhadores, fim dos juros altos sobre o comércio. A revolta não obteve vitória, muitos insurgentes foram mortos e outros presos.

Sendo assim, a canção "A Praieira" é uma homenagem à revolução, mas possui um duplo sentido, já que também fala do simples ato de se encontrar um bom lugar na praia e relaxar durante o dia de lazer.<sup>74</sup> É importante comentar ainda que essa foi a primeira música da banda Chico Science e Nação Zumbi a fazer parte da trilha sonora de uma novela. Em 1994, esta canção fez parte da novela *Tropicaliente*, exibida pela Rede Globo no horário das 18 horas. Logo, esta música foi uma das propulsoras da banda para o resto Brasil.

Talvez a palavra que possa descrever a relação de Chico Science com a música popular e dita folclórica seja contextualização. Ele consegue relativizar os ritmos

---

73 MARSON, Isabel. *Movimento Praieiro, 1842-1849: imprensa, ideologia e poder político*. São Paulo: Moderna, 1980.

74 "A Praieira". Autoria: Chico Science. Duração: 3:36

tradicionais, enriquecendo-os sem torná-los intocáveis. O disco *Da Lama ao Caos* sinaliza que culturas locais, regionais consideradas folclorizadas não devem ser tratadas como um traço do passado. As músicas desse disco refletem a possibilidade de diversidade que cada cultura pode proporcionar diante de uma indústria cultural padrão.

Sobre a recepção do disco *Da Lama ao Caos*, não foi um sucesso. Assinado pelo selo *Chaos*, da Sony Music, o CD não obteve um bom índice de vendas. Apesar de possuir uma música na novela *Tropicaliente*, as rádios e outras mídias não sabiam onde encaixar a banda dentro de suas programações, supostamente por ser algo que não possuía precedentes dentro da música brasileira.

A canção "Samba Makossa" afirma o samba como um ritmo tipicamente brasileiro e a makossa como um ritmo africano, mais especificamente de Camarões. A makossa nasceu de uma dança chamada Kossa e se tornou popular na década de 1950, ficando conhecida de forma mundial através de Manu Dibango no início da década de 1960.<sup>75</sup> Esta música faz uma conexão entre Camarões e os morros do Rio de Janeiro. Nesse contexto, a música propõe um diálogo entre as periferias do mundo e provoca as pessoas que não se sentem representados pela música *pop* que está em vigência no momento do lançamento do *compact disc*.

"Antene-se" é dedicada ao indivíduo que sobrevive no mangue.<sup>76</sup> Faz referências claras aos locais aonde os amigos da banda passeavam na juventude e cita de forma direta que estão "na quarta pior cidade do mundo/ Recife, cidade do mangue/ Incrustada na lama dos manguezais". É uma expressão de crítica ao lugar em que se vive e

---

<sup>75</sup> Manu Dibango é um saxofonista nascido em Camarões que popularizou o ritmo Makossa. Ficou conhecido por ter uma música tocada no disco de Michael Jackson, no álbum *Thriller*, em 1992.

<sup>76</sup> "Antene-se". Autoria: Chico Science. Duração: 3:35.

também uma evocação aos outros jovens que estão na cidade para se unirem aos já "convertidos" *mangueboys*.

A única canção do disco romanceada conta a história de amor entre um caranguejo e a Risoflora, nome de uma flor (*Rhizophora mangle*) típica dos manguezais.<sup>77</sup> Na letra, o caranguejo está à procura de sua flor, lhe faz promessas de cuidar dela, de tratá-la bem e de não perdê-la mais. Apesar de ser uma música de amor, ainda assim, remete a símbolos de Recife, o que diferencia a canção de outras músicas românticas, já que a torna uma história tipicamente regional, por tais elementos só existirem nos mangues da cidade.

Já "Lixo do mangue" é instrumental.<sup>78</sup> Possui sirenes que sinalizam uma emergência, guitarras e batidas que vão se misturando até ficarem na mesma altura e desembocarem em uma música. Esta canção remete a uma parte do Manifesto dos Caranguejos com Cérebro que trata da seguinte cena:

"Emergência! Um choque rápido ou o Recife morre de infarto! Não é preciso ser médico para saber que a maneira mais simples de parar o coração de um sujeito é obstruindo as suas veias. O modo mais rápido, também, de infartar e esvaziar a alma de uma cidade como o Recife é matar os seus rios e aterrar os seus estuários. O que fazer para não afundar na depressão crônica que paralisa os cidadãos? Como devolver o ânimo, deslobotomizar e recarregar as baterias da cidade? Simples! Basta injetar um pouco de energia na lama e estimular o que ainda resta de fertilidade nas veias do Recife".<sup>79</sup>

Na penúltima música do disco, Science recorreu a Fred 04 para fazer mais uma crítica ao cenário musical em questão. Na década de 1990, momento do surgimento da cena mangue, o mundo passava por uma revolução tecnológica, com a popularização

---

<sup>77</sup> "Risoflora". Autoria: Chico Science. Duração: 4:08.

<sup>78</sup> "Lixo do Mangue" (instrumental) autoria: Lúcio Maia duração: 1:45

<sup>79</sup> ZERO QUATRO, op. cit.

dos computadores e o nascimento da internet.<sup>80</sup> Por isso, já se assistia novas formas de se fazer música, como a própria música eletrônica, além das novas formas de sintetizar a voz e organizar os instrumentos dentro da música.

Diante disso, para Fred 04, naquela conjuntura existiam artistas que levam a fama e produzem dinheiro, quando na verdade o trabalho real é feito por computadores e até por cientistas. Trata-se de uma forma de criticar artistas que não possuem talento ou que são superestimados pela mídia.

A derradeira música do disco Da lama ao Caos, intitulada "Coco Dub", possui duas palavras: uma que descreve um ritmo brasileiro, o coco, e uma que descreve um ritmo jamaicano, o dub.<sup>81</sup> Como subtítulo, possui "Afrociberdelia", uma junção de três palavras: o afro, pra designar a raiz africana, já que tanto o coco, quanto o *dub* possuem essa matiz, o ciber (*cyber*), pra relacionar a música ao mundo cibernético, ao mundo globalizado e o delia (parte final de psicodelia). Essas três questões estariam presentes no segundo disco do grupo Chico Science e Nação Zumbi, com o mesmo nome: Afrociberdelia.

A música é quase em sua totalidade instrumental, é psicodélica, com ecos e distorções de guitarras. As batidas de alfaia e conga são presentes por toda a música, (são 6:45 minutos de música). Nos últimos dois minutos Chico entoa:

"Cascos, cascos, cascos  
Multicoloridos, cérebros, multicoloridos  
Sintonizam, emitem, longe  
Cascos, cascos, cascos  
Multicoloridos, homens, multicoloridos  
Andam, sentem, amam

---

<sup>80</sup> Cf. CASTELLS, Manuel. *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura, A Sociedade em Rede*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

<sup>81</sup> "Coco Dub (Afrociberdelia)". Autoria: Chico Science. Duração: 6:45

Acima, embaixo do mundo  
Cascos, caos, cascos, caos  
Imprevisibilidade de comportamento  
O leito não-linear, segue...  
Para dentro do universo  
Música quântica..."

Os versos são emblemáticos e podem ser entendidos como símbolos que descrevem um som, um ritmo, e um movimento. Esses símbolos são capazes de descrever a capa do disco *Da Lama ao Caos*, que delinea o tom do disco, sobre homens *multicoloridos* que vão além de uma descrição comum. Revela-se assim a complexidade que existe em cada pessoa, assim como a complexidade que ocorre em cada região do mundo, podendo-se fazer uma analogia com as periferias do mundo, que podem acabar encobertas por um poder dominante. Desse modo, *Da Lama ao Caos* serve como um incentivo aos "Cidadãos do Mundo" para buscarem uma alternativa em meio a dominação dos "demônios que destroem o poder bravo da humanidade".

Esteticamente, Science era performático nos shows, dançava e cantava com um chapéu de palha, algo que virou sua marca registrada, utilizava óculos escuros, assim como os outros integrantes. Tinha uma imagem futurista agregada a uma estética regional, como as camisas coloridas com estampas de flores, típicas de decorações de casas mais humildades no nordeste.

É interessante tratar ainda de como a banda Chico Science e Nação Zumbi foi importante para resgatar a autoestima tanto de jovens nordestinos, bem como de toda uma cultura regional. O Movimento Manguebeat (bit) desencadeou uma nova área para artistas pernambucanos. Além de revelar que uma cultura não permanece estagnada, apesar de ser praticada por antepassados, ela pode ser aplicada a uma conjuntura

contemporânea sem que ocorra uma folclorização, mas uma incorporação da mesma na sociedade, perpetuando um traço da identidade local.

Em relação às letras, as referências sobre a cultura contemporânea e a cultura do passado nordestino, denotam como ela são contínuas e conectadas, apesar de mudanças políticas e econômicas. A relação do pobre e do rico ainda pode ser observada e delimitada pela localização em que se mora, pelo deslocamento para o trabalho e no encontro das classes sociais nos grandes centros urbanos.

## Capítulo II

### A consolidação da Nação Zumbi: o álbum Afrociberdelia (1996) entre o Manguebeat e os sentidos da Globalização

Durante o ano de 1995, o grupo Chico Science e Nação Zumbi produziu uma demo para que a gravadora Sony, agora sem o selo *Chaos*, aprovasse a criação do novo disco do grupo: o Afrociberdelia.<sup>82</sup>

Quando a demo foi aprovada, o grupo foi para o Rio de Janeiro para a gravação. Essa mudança serviria tanto para facilitar o contato com as gravadoras quanto as idas a programas de televisão e rádios. Pois, como já citado anteriormente, o sucesso nacional de um grupo dependia também do seu contato com o eixo Rio-São Paulo. Eles se instalaram em uma casa no bairro de Santa Teresa, e tinham um orçamento inicial para a

---

<sup>82</sup> Afrociberdelia: Ficha técnica. Chico Science – voz, Dengue – baixo, Gilmar Bolla 8 – alfaia, Gira – alfaia, Jorge du Peixe – alfaia, Lúcio Maia - guitarra, violão de 12 cordas em "Criança de Domingo". Pupilo – bateria, Toca Ogam - percussão e voz. Participações Especiais: Fred 04 - cavaquinho em "Samba do Lado", Gilberto Gil - vocal em "Macô", Marcelo D2 - backing vocals em "Macô". Músicos convidados: Bidinho - trompete em "Etnia" e "Um Passeio no Mundo Livre"; flugelhorn em "Amor de Muito", Eduardo BiD - guitarra dub em "Etnia"; arranjos de metais; Gustavo Didalva - percussão em "Samba do Lado" Hugo Hori - flauta em "Macô" e "Amor de Muito"; sax em "Etnia" e "Um Passeio no Mundo Livre" Lucas Santana - flauta em "Manguetown", Marcelo Lobato - teclados em "Um Satélite na Cabeça (Bitnik Generation)", Serginho Trombone - trombone em "Etnia", "Um Passeio no Mundo Livre" e "Amor de Muito"; arranjos de metais, Tiquinho - trombone em "Etnia", "Um Passeio no Mundo Livre" e "Amor de Muito". Produção musical: Eduardo BiD – produtor, Chico Science & Nação Zumbi – produtor G-Spot - gravação e mixagem, Luis Paulo Serafim - gravação ("Maracatu Atômico") e mixagem ("Maracatu Atômico", "Um Satélite na Cabeça (Bitnik Generation)" e "Baião Ambiental"), Mario Caldato Jr. - mixagem ("O Encontro de Isaac Asimov com Santos Dumont no Céu"), Marcos "Golden Ears" Eagle – masterização, Jorge Davidson - direção artística, Ronaldo Viana - coordenação artística: Paulo André Pires - produção executiva, Andrea Alves - assistente de produção, Heloisa Rodrigues - apoio à produção Jorge Maurell - apoio à produção, Marcelo Seródio - apoio à produção. Gravado no Estúdio Nas Nuvens, Rio de Janeiro-RJ, no verão de 1996; exceto "Maracatu Atômico", gravada no Estúdio Mosh, São Paulo-SP Mixado no Estúdio Mosh; exceto "Manguetown", mixada no Impressão Digital, Rio de Janeiro-RJ Masterizado na Cia. de Audio, São Paulo-SP Produção gráfica: H. D. Mabuse - projeto gráfico, Vavá Ribeiro – fotografia Carlos Nunes - coordenação gráfica, Equipe Nas Nuvens: Paulo Lima - direção técnica, Bruno - assistente de estúdio, Marco Aurélio - assistente de estúdio, Renato Muñoz - assistente de estúdio Equipe Impressão Digital: Geraldo Tavares - direção técnica, Marcelo "Load" Hoffer - assistente de estúdio Marcos Hoffer - assistente de estúdio, Equipe Mosh: Osvaldo Malagutti Jr. - direção técnica, Paula Gaio – programação, Keko "Antroposófico" Mota - assistente de estúdio, Rico "Suave" Romano - assistente de estúdio Equipe Cia. de Áudio: Carlos Freitas, Marcos Eagle, Ricardo "Franja" Carvalheira.



permanência deles na cidade, orçamento que acabou estourado, já que o tempo de gravação demorou mais que o esperado pelo grupo.

Um fato importante que ocorreu nesse novo disco foi a saída do baterista Canhoto para a entrada do atual baterista Pupillo, que inseriu no grupo os pratos de bateria.<sup>83</sup> É interessante também que a banda tenha se proposto a criar algo que fosse o mais profissional possível e por isso contratou especialistas para melhorar a sonoridade, como é o caso dos tambores utilizados pelo grupo.

Antes do lançamento do novo disco, devido ao alcance do álbum *Da Lama ao Caos*, o grupo fez uma turnê internacional. Passaram por Alemanha, Suíça e Japão. Um dos eventos que é relevante explicitar foi a participação do grupo no festival Central Park Summer Stage, em Nova Iorque, a convite de Gilberto Gil.



(Imagem 8- Chico Science e Gilberto Gil no palco do Summerstage New York Festival)

Em uma reportagem ao jornal *A Folha de São Paulo*, em 1995, a repórter faz um mapeamento geral do evento e apresenta uma breve entrevista com Chico Science:<sup>84</sup>

---

<sup>83</sup> Seu nome de batismo é Romário Menezes Jr.

<sup>84</sup> CHICO SCIENCE faz turnê internacional. LEMOS, Antonina. *Folha de São Paulo*, 1995. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/6/19/folhateen/15.html>>. Acesso em: 12 dez. 2016.

"O primeiro show do grupo estava programado para ontem, no Central Park, junto com Gilberto Gil. A apresentação fez parte do Central Park Summerstage New York Festival (o festival de verão do Central Park). O Chico Science continua nos EUA até 24 de junho. Neste dia, eles tocam em Miami, Flórida. Não pára por aí. A banda toca ainda na Bélgica, na Itália, na Alemanha e na Suíça. Eles se apresentam na noite de ska (espécie de reggae tocado rápido) do Festival de Montreaux (festival de música que acontece todos os anos na Suíça e tem importância mundial). A turnê vai lançar o primeiro disco da banda, "Da Lama ao Caos", na Suíça e na Alemanha, pela Sony Music. Nos EUA, o disco já foi lançado, pelo selo latino da Sony.

Chico Science falou à Folha, de Recife, pelo telefone, na última quarta-feira, dois dias antes de viajar. Ele confessou estar "feliz e ansioso". Chico disse que estava muito contente por tocar com Gilberto Gil. "Sempre tive vontade de tocar com ele. No Central Park, então, vai ser o máximo." Esta é a primeira viagem internacional de Chico, que pretende "consumir informações". Quero voltar com a cabeça mais aberta, mais antenado com as coisas que estão acontecendo. Quero ir a shows, principalmente na Alemanha, onde a cena de rock é muito interessante. Os shows internacionais foram agendados pela própria banda. "Conseguimos um roteiro com alguns festivais e saímos escrevendo para os organizadores", conta Chico. Para conseguir viajar, o grupo descolou um patrocínio do Governo de Pernambuco, que pagou as passagens. O resto vai ser bancado pela própria banda. Na volta, o Chico Science entra em estúdio para gravar seu segundo disco. "Queremos lançar o CD no Carnaval, em cima de um trio elétrico", conta Chico.

Outro evento importante que ocorreu durante a apresentação do novo disco em shows foi a presença do grupo Chico Science e Nação Zumbi no Hollywood Rock, um festival de música que teve sua primeira edição oficial em 1988 e sua última edição em 1996, quando o grupo se apresentou no palco principal na praça da Apoteose no Rio de Janeiro e em São Paulo no estádio do Pacaembu.



(Imagem 9- Frame da gravação do show no Hollywood Rock, na praça da Apoteose em janeiro de 1996, gravado pela MTV)



(Imagem 10- Frame da gravação do show no Hollywood Rock, na praça da Apoteose em janeiro de 1996, gravado pela MTV)

O MINISTÉRIO DA SAÚDE ADVERTI: QUEM FUMA ADOCE NAIS DE ÚLCERA DO ESTÔMAGO.

# hollywood ROCK

1 9 9 6

**RIO DE JANEIRO -- PRAÇA DA APOTEOSE**

26 DE JANEIRO	27 DE JANEIRO	28 DE JANEIRO
Pato Fu	Raimundos	Chico Science & Nação Zumbi
Supergrass	Urge Overkill	Cidade Negra
White Zombie	The Black Crowes	Steel Pulse
Smashing Pumpkins	<u>Robert Plant e Jimmy Page</u>	Aswad
<u>The Cure</u>		<u>Gil e convidados</u>

INGRESSOS À VENDA: Lojas M.Officer (principais shoppings), stands nos shoppings Madureira Shopping Rio, Plaza Shopping Niterói e BarraShopping. Para maiores informações, Disk Hollywood Rock RJ: (021) 537-1414 ou Disk Agência: (021) 537-1144. Vendas a domicílio (021) 203-2205 de 2ª a 6ª feira das 8h30 às 18h30. menores 14 anos

**VARIG**  *M.Officer*

(Imagem 11 - Banner dos shows do Hollywood Rock de 1996)

Enquadraram o grupo na “noite de reggae” do Hollywood Rock. A recepção foi positiva, como mostra o trecho do jornal O Globo abaixo:

"Cerca de oito mil pessoas assistiram ontem o show do grupo Chico Science e Nação Zumbi, que abriu a última noite da fase carioca do Hollywood Rock empolgando a plateia com sua mistura de maracatu, rock e rap. Depois do grupo pernambucano, subiram ao palco da Praça da Apoteose os ingleses do Steel Pulse, que abriram sua apresentação cantando “Harers”. A banda de reggae pediu para tocar antes do Cidade Negra para homenagear o grupo da Baixada Fluminense. O também inglês Aswad e Gilberto Gil & convidados (Fernanda Abreu, Lobão e Carlinhos Brown) eram as outras atrações da noite.

Chico Science entrou no palco às 18h55m conclamando a plateia a dançar:

-Apertem os cintos e não fumem, que nós vamos decolar.

A banda conseguiu cativar o público com um repertório em que se alternavam músicas do primeiro disco, “ Da lama ao caos”, e do segundo “Afrociberdelia”, ainda não lançado.

O Vocalista Chico Science seduziu a plateia com seu carisma, desceu ao primeiro andar do palco para ficar mais perto do público e fez uma versão mangue-beat para “Todos estão surdos”, de Roberto Carlos.

O líder da banda foi aplaudido quando saiu do palco e voltou usando um traje típico do maracatu – uma grande peruca vermelha, manto de lantejola e bastão de fitas coloridas. O grupo teve outro bom momento durante a música “Da Lama ao caos’ quando a banda improvisou “Refuse resist” do Sepultura”.<sup>85</sup>

Em julho de 1996, o segundo disco do grupo Chico Science e Nação Zumbi foi lançado. Ao contrário de Da Lama ao Caos, foi um disco criado com um pensamento maduro, considerando mais a lógica mercadológica. Pode-se dizer que foi ampliada a diversidade musical dos integrantes do grupo, até pelo fato de terem tido um contato direto com os estilos musicais que gostavam quando saíram em sua primeira turnê.

Uma consequência da turnê internacional do grupo Chico Science e Nação Zumbi foram as novas relações criadas entre os integrantes e outros músicos, poetas e intelectuais. Chico Science foi apresentado a Bráulio Tavares por Lenine, e pediu sua

---

<sup>85</sup> HOLLYWOOD ROCK. 29 de Janeiro de 1996, Matutina, Rio, *O Globo*, página 13.

ajuda para desenvolver o conceito de Afrociberdelia, que já havia sido usado como título de uma canção no disco Da Lama ao Caos, "Coco dub (afrociberdelia)".<sup>86</sup> Então Tavares desenvolveu de forma pragmática o conceito, que foi publicado no encarte do novo disco. Logo, surgia mais uma consideração proveniente do Movimento Mangubeat:

**AFROCIBERDELIA** (de África + Cibernética + Psicodelismo) -- s.f. -- A arte de cartografar a Memória Prima genética (o que no século XX era chamado "o inconsciente coletivo") através de estímulos eletroquímicos, automatismos verbais e intensa movimentação corporal ao som de música binária.

Praticada informalmente por tribos de jovens urbanos durante a segunda metade do século XX, somente a partir de 2030 foi oficialmente aceita como disciplina científica, juntamente com a Telepatia, a Patafísica e a Psicanálise. Para a teoria afrociberdética, a Humanidade é um vírus benigno no software da Natureza, e pode ser comparada a uma Árvore cujas raízes são os códigos do DNA humano (que tiveram origem na África), cujos galhos são as ramificações digitais-informáticas-eletrônicas (a Cibernética) e cujos frutos provocam estados alterados de consciência (o Psicodelismo).

No jargão das gangs e na gíria das ruas, o termo "afrociberdelia" é usado de modo mais informal:

a) Mistura criativa de elementos tribais e high-tech: "Pode-se dizer que o romance *The Embedding*, de Ian Watson, é um precursor da ficção-científica afrociberdética".

b) Zona, bagunça em alto-astral, bundalelê festivo: "A festa estava marcada pra começar às dez, mas só rolou afrociberdelia lá por volta das duas da manhã."

Enciclopédia Galáctica, volume LXVII, edição de 2102.<sup>87</sup>

É relevante refletir também sobre o conceito "Afrociberdelia", definido por Moisés Neto como:

"(...) mutação quantitativa entre o passado e o presente (ou ainda uma mistura entre elementos tribais e high-tech), unindo ficção e história, num título que é pastiche de africano, cibernético e psicodélico, numa busca de devorar valores estrangeiros, mesclando-os ao caráter nacional. A obra questiona o progresso que se mistura, na sua eletrônica poesia, onde os recifenses de impulsos contraditórios é flagrado em uma arapuca de instituições que já têm a modernidade presa nas galerias do poder".<sup>88</sup>

---

<sup>86</sup> Bráulio Tavares é um escritor, compositor e pesquisador de literatura fantástica, paraibano. Lenine é um cantor, compositor, letrista, ator e engenheiro químico, pernambucano.

<sup>87</sup> Texto escrito por Bráulio Tavares no encarte do disco Afrociberdelia, 1996.

<sup>88</sup> NETO, Moisés. Chico Science: a rapsódia afrociberdética. Editora Comunicarte, 2000.

A forma como determinados conceitos alcançam um patamar quase filosófico dentro dos debates acerca da música produzida por Chico Science pode ser vista como uma das características do Movimento Manguebeat. Conceitos que levavam jovens a algumas reflexões e, em certa medida, a uma identificação com o grupo devido a essa visão ampla das possibilidades da música como um instrumento universal.

O primeiro single de Afrociberdelia foi lançado em janeiro, mas o disco só foi lançado em julho de 1996, quando o grupo já estava se preparando para uma nova turnê internacional, que passou por 13 cidades e novamente pelo Montreaux Jazz Festival, na Suíça.

A capa do novo álbum, ao contrário do primeiro, tem a foto dos integrantes da banda, questão que pode ser compreendida como forma de disseminar a imagem dos integrantes do grupo e torná-los conhecidos fisicamente. A capa apresenta uma tentativa de um *grafitti* para relacionar o grupo a cultura de rua, mas possui uma visão mais comum em relação aos álbuns produzidos na época, ou seja, ocorre um deslocamento entre o primeiro e o segundo disco no que diz respeito a produção gráfica dos discos. No entanto, o produtor do disco, Paulo André, afirmou em entrevista que o interesse em colocá-los na capa era justamente para demonstrar que também existia uma diversidade de estilos na personalidades deles. Em suas palavras: "Eu falei: Chico, a banda tem que aparecer na capa, velho, porquê tem um visual bacana, todo mundo é diferente do outro".<sup>89</sup>

---

<sup>89</sup> CHICO SCIENCE, 50 anos. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/chicoscience>>. Acesso em: 15 jan. 2017.



(Imagem 12: Capa do Disco “Afrociberdelia” (1996))

O novo disco do grupo Chico Science e Nação Zumbi passou por um processo mais árduo durante sua criação. Isso por que a gravadora Sony, pensando em questões de circularidade, acabou impondo algumas questões.

Então, a imposição de alguns detalhes do disco não gerou um sentimento positivo entre os integrantes do grupo com a Sony Music. Uma das desavenças do grupo com a gravadora foi devido a inserção de três mixagens de "Maracatu Atômico". Em uma reportagem para a revista Bizz, do grupo Abril, Paulo André, o produtor executivo do disco, foi claro:

"Sem a aprovação do grupo, a Sony encomendou a Edu K e ao DJ Cuca (quem?) três remixes de "Maracatu Atômico". "Não lembro se a banda foi informada ou não. Faz tempo...", desconversa Davidson. Mas eu não fui a favor dos remixes. Foi uma imposição da presidência. Segundo Paulo, a Nação não concordava, mas não podia fazer nada. Não é o que os integrantes contam e nem mesmo o que Chico Science falou aos jornais na época. Segundo a Folha de S.Paulo de 8 de junho de 1996, ele disse que gostaria de ter sido informado sobre isso. "Não sabia que os remixes iam entrar", completou. Jorge, Lúcio e BiD endossam o coro e atribuem isso ao estremecimento final da relação da banda com a gravadora".<sup>90</sup>

Apesar de certo receio vindo dos fãs ao se depararem com algumas informações sobre o Afrociberdelia, associando-o a um viés mais ligado à MPB, o próprio Chico Science, em entrevista para o jornal O Globo, rebateu as críticas:

"A aproximação com a MPB pode soar um pouco estranha para cerca de 30 mil compradores de "Da Lama ao Caos", disco de estréia da banda lançado pela Sony Music em janeiro de 1994. Mas segundo Chico Science, "Afrociberdelia" não vai ser tão diferente assim do seu antecessor. – É um ponto de fusão entre o maracatu, a cibernética e a psicodelia – diz Chico, lembrando que o nome do segundo disco é o subtítulo de "Coco dub", a última faixa do seu CD de estréia".<sup>91</sup>

A construção desse novo disco foi, então, mais conturbada do que o primeiro, principalmente pela necessidade de se expandir, cada vez mais, a sonoridade do grupo e de torná-la agradável às rádios brasileiras. O que a gravadora buscava era uma inserção maior da banda no cenário nacional, já que o primeiro disco não teria alcançado o mercado nacional como o esperado.

Apesar de existir uma tensão sobre o conteúdo produzido, a Sony permitiu que Science convidasse dois outros músicos para trabalhar na criação do disco: o guitarrista Eduardo Bid e Di Spot, que havia trabalhado como técnico de som com grupos de *hip hop* na década de 1990. Um dos diferenciais da presença de Bid na formulação do novo

---

<sup>90</sup> REVISTA BIZZ, edição 206, outubro de 2006. Autor: Igor Ribeiro.

<sup>91</sup> O GLOBO. 17 de Janeiro de 1996, Matutina, Segundo Caderno, p. 10.



disco foi a habilidade de tornar o som dos tambores mais vivos nas gravações, implementando uma tecnologia avançada na captação do som.

Neste sentido, cabe um debate sobre a relação da indústria cultural e a proposta do álbum Afrociberdelia. Para isso, parte-se desse conceito, que foi apresentado pela primeira vez por dois pensadores alemães vinculados a Escola de Frankfurt, Adorno e Horkheimer, no livro *A Dialética do esclarecimento: Fragmentos filosóficos*, publicado no ano de 1947.<sup>92</sup> É possível compreender que o termo “indústria cultural” diz respeito à produção e organização da cultura em uma sociedade predominantemente veiculada a ideia de mercadoria – onde toda e qualquer ação humana teria como característica os valores do mundo do capital, da padronização do objeto e conseqüentemente a alienação dos indivíduos.

O pesquisador Eduardo Vicente faz uma ponderação sobre o alcance nordestino da indústria fonográfica; Em suas palavras:

"Em relação ao boom nordestino, Rita Morelli irá dedicar especial atenção às carreiras de Fagner e Belchior, dois de seus principais expoentes, em *Indústria fonográfica: um estudo antropológico*. Campinas: Ed. Unicamp, 1991. Merece destaque, em sua obra, a discussão acerca das estratégias (antagônicas) adotadas por ambos para o desenvolvimento de suas carreiras, que acaba por evidenciar a maior adaptação dessa geração às exigências de um mercado crescentemente racionalizado. Vale observar, ainda, que embora o grande contingente de artistas da região justifiquem a expressão boom nordestino, o que tivemos foi, na verdade, um processo mais amplo de regionalização da produção, do qual são exemplos os artistas oriundos de estados como Minas Gerais (com o pessoal do Clube de Esquina), Pará (com a própria Fafá de Belém) e Rio Grande do Sul (com Kleiton e Kledir), entre outros".<sup>93</sup>

---

<sup>92</sup> ADORNO, Theodor e HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento; Fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 1985.

<sup>93</sup> VICENTE, Eduardo. "Segmentação e consumo: a produção fonográfica brasileira – 1965/1999". *ArtCultura*, Uberlândia, v. 10, n. 16, p. 103-121, jan.-jun. 2008.

De forma específica, a trajetória do grupo Chico Science e Nação Zumbi, que acabou sendo a banda de maior sucesso do movimento cultural conhecido por Manguebeat, pode ser problematizada por meio das reflexões sobre indústria cultural: tal indústria foi capaz de fazer com que essa formação sócio-cultural fosse utilizada como mercadoria, esvaziasse sua especificidade histórica e suas contradições?

Há diversas questões que são explicitadas alguns anos após a morte do vocalista Chico Science, mas que podem ser compreendidas como um processo que começou no momento em que o grupo foi assimilado pelo mercado.

Não cabe uma discussão maniqueísta sobre a relação da banda com a indústria cultural, mas simplesmente compreender as formas como a cultura é absorvida por esses setores que devem ser analisados como um dos braços do capital.

Para explicar como se daria o fenômeno da indústria cultural na sociedade, Adorno e Horkheimer trabalham a ideia de *fetichização* e *padronização* das formas culturais. Para esses autores, a característica principal dessa forma de cultura mercadoria seria uma tendência ao empobrecimento da subjetividade e predominância de uma padronização alienante que buscaria, assim, eliminar a autonomia dos sujeitos em relação à cultura emancipatória. Quanto à fetichização, essa seria a característica de uma indústria que passa a deter o poder da linguagem e, assim, exerce também o poder de criar e recriar necessidades de consumo para os objetos por ela produzidos.

O grupo Chico Science e Nação Zumbi, apesar da afirmação *identitária*, da busca por uma diferença em relação aos demais grupos em destaque na indústria fonográfica, é absorvido e passa aos poucos a perder sua autonomia para se adequar aos padrões de venda. Esse ponto pode ser melhor observado quando ocorre a morte o

vocalista e passam a ocorrer distanciamentos entre os integrantes da banda, bem como a associação do grupo a uma marca.

Ainda assim, o grupo não perde suas características centrais. O novo álbum remete a um real amadurecimento do grupo, seja no sentido musical, seja no sentido técnico das criações. No entanto, as novas regras criadas pela gravadora geraram um desconforto cada vez mais presente na criação das músicas, assim como na relação de quais músicas seriam boas ou ruins para a expansão do grupo. Um dos fatos que corroboram a afirmação acima é a necessidade de se finalizar a música "Manguetown" para que esta fosse apresentada durante o Hollywood Rock de 1996.

Uma das questões a ser pensada na elaboração dessa pesquisa seria justamente a tentativa do grupo Chico Science e Nação Zumbi de buscar uma alternativa a essa lógica mercadológica. A memória, as lutas e as contradições propostas pelo grupo Nação Zumbi e todo o Movimento *Manguebeat* ainda precisam ser retomados por meio da atualização e defesa de suas propostas, uma vez que, passado o período de efervescência e popularização do movimento, o objetivo da indústria do entretenimento é esvaziar, cada vez mais, sua historicidade e suas denúncias das contradições sociais do período.

Contra a naturalização proposta pela lógica mercadologia que guia a indústria cultural deve estar o reconhecimento da memória e a manutenção do discurso engajado com sua realidade, numa clara guerrilha semiológica. Pode-se citar a atualidade da denúncia das músicas propostas pelo grupo e sua relação com movimentos atuais como

o Ocupe Estelita, que busca denunciar a mercantilização da cidade de Recife na sua relação com o capital financeiro.<sup>94</sup>

No entanto, é sabido que, uma vez imerso dentro dos paradigmas da Indústria Cultural, torna-se cada vez mais preso as estratégias por ela criada. A criação de rótulos e de funções sociais também fazem parte do conceito de indústria cultural, que preza por especificamente por um determinado grupo e, para isso, se adapta a suas características.

Um fato que serve como fonte para essa relação com o conceito de indústria cultural foi justamente o lançamento da faixa Manguetown em janeiro de 1996, a primeira música do álbum Afrociberdelia a ser divulgada pela banda no Hollywood Rock.<sup>95</sup> Os produtores da Sony queriam que a banda tocasse essa música no festival, para apresentar um pouco do novo conteúdo produzido por eles. Como a música já estava gravada, eles produziram também um clipe. No entanto, a recepção da música

---

<sup>94</sup> "O Projeto Novo Recife prevê a construção de 12 torres de até 40 pavimentos no Cais José Estelita. O empreendimento é uma ação de um consórcio de grandes construtoras do estado, também chamado Consórcio Novo Recife, formado pelas empresas Moura Dubeux, Queiroz Galvão, G.L. Empreendimentos e Ara Empreendimentos. Assim como vários outros empreendimentos de grande impacto na capital pernambucana, o Projeto Novo Recife não foi antecedido do Estudo de Impacto de Vizinhaça (EIV), que, após feito, deve ser apresentado à população, para que possibilite o exercício da gestão democrática, como manda o Estatuto da Cidade (Lei 10.257, de 10 de Julho de 2001). Quando o Projeto Novo Recife chegou a conhecimento público, pessoas e organizações sociais passaram a se mobilizar para discutir formas de intervenções populares na discussão dos rumos e nos processos de ocupação da cidade. Desde 2012, o grupo "Direitos Urbanos – Recife", de caráter não partidário, tem aglutinado e mobilizado manifestações, ocupações, audiências públicas, denúncias ao Ministério Público, dentre outras atividades para defender a área do Cais José Estelita. A área toda, além de sua beleza estética e de representar parte da identidade visual da cidade, tem grande valor histórico por permitir, ainda hoje, uma percepção de qual foi o padrão de ocupação da cidade que se consolidou ao longo do tempo. Em poucas palavras, o Cais José Estelita, sejamos contra ou a favor da sua demolição, é parte da história do Recife e uma discussão sobre os seus rumos não pode ser tangenciada exclusivamente pelos interesses do capital imobiliário e sem a devida transparência pública e participação social. Isso pode até soar démodé, mas ficou conhecido como democracia"(CARTA CAPITAL. "O que a imprensa do Recife não conta sobre o Estelita". 29 Mai. 2014).

<sup>95</sup> "Manguetown" é uma canção que segue um padrão conceitual do primeiro disco já que procurar refletir sobre a cidade de Recife dentro demonstrando um dia na vida de um *mangueboy* e utilizando as metáforas já inseridas no primeiro álbum e no manifesto dos caranguejos com cérebro: "Andando por entre os becos/ Andando em coletivos/ Ninguém foge ao cheiro sujo/ Da lama da manguetown (...)/ Fui no mangue catar lixo/ Pegar caranguejo/ Conversar com urubu",

não foi a que a produtora esperava, as rádios não a tocaram e isso gerou um desconforto na produtora.

Outro exemplo foi o de "Maracatu Atômico", uma música composta por Jorge Mautner e mais conhecida na voz de Gilberto Gil, que não teve a recepção esperada pela gravadora. Então a Sony fez três outras versões para tocar em espaços diferentes, o que deixou os músicos infelizes: "Se dependesse do Chico e da banda não rolaria, mas foi uma tentativa desesperada da gravadora de tentar fazer a música tocar nas rádios, nas festas, ou coisas do tipo".<sup>96</sup>



(Imagem 13 Foto durante a gravação do vídeo clipe Maracatu Atômico, foto: Gil Vicente)

Apesar da apresentação de algumas músicas do álbum Afrociberdelia ter sido realizada no início de 1996, o disco em si só foi lançado em julho do mesmo ano,

---

<sup>96</sup> Paulo André em entrevista para EBC, disponível em: < <http://www.ebc.com.br/chicoscience>>. Acesso em: 02 fev. 2017.

quando o grupo já se preparava para mais uma turnê internacional. Passou novamente pela Alemanha e se apresentou para vinte mil pessoas. O grupo que abriu o show de Chico Science e Nação Zumbi foram os Paralamas do Sucesso, algo que Chico comentou em entrevista para a rádio alemã que foi convidado.<sup>97</sup> Para ele e o grupo, era estranho ter uma banda que os inspirou abrindo um show deles.

No mesmo ano, na casa de show Metropolitan, no Rio de Janeiro, os Paralamas do Sucesso convidaram Science e a Nação Zumbi para participarem de um de seus shows.

“(…)Mas o Metropolitan não será palco apenas de momentos de ternura. O pau vai comer também no final, Paralamas e Chico Science vão se juntar para tocar “Eu quero ver o oco”, rock pesado dos Raimundos. Chico Science, acaba de chegar de uma turnê europeia – durante a qual as duas bandas dividiram palco na Holanda e Alemanha e tiveram a ideia de trazer a dobradinha ao Brasil – está lançando o CD “Afrociberdelia”.  
- É, basicamente, o mesmo show que a gente vez fazendo só que mais curto-diz Chico – Estou curioso para ver a versão do Paralamas para “Manguetown.”<sup>98</sup>

### *As canções do Afrociberdelia*

A ordem das faixas do álbum Afrociberdelia constroem uma conversa. Assim como no disco Da Lama ao Caos, as canções são conectadas e coerentes, pode-se compreender como um áudio-livro que possui início, meio e fim.<sup>99</sup>

---

<sup>97</sup> Ocupação Chico Science no Itaú Cultural. Disponível em <http://www.itaucultural.org.br/ocupacao/chico-science/na-midia/#modal-figures> Acesso em: 23/01/2017

<sup>98</sup> OS PARALAMAS Recebem Chico Science. *O Globo*, Matutina, Rio Show, página 25, 22 de Novembro de 1996.

<sup>99</sup> Napolitano, ao pensar a música como fonte histórica, aponta que separar a melodia da voz pode ser didático, mas que este procedimento acaba por reduzir as conclusões: “O efeito global da articulação dos parâmetros poético-verbal e musical é que deve contar, pois é a partir deste efeito que a música se realiza socialmente e esteticamente. Palavras e frases ditas podem ter um tipo de apelo ou significado no ouvinte, quando cantadas ganham outro completamente diferente, dependendo da altura, da duração, do timbre e

O disco faz referências aos conceitos do Manguebeat e a cidade de Recife. A introdução do disco é "Mateus Enter", uma música pesada, com muitos tambores e com Chico fazendo uma voz parecida com um vocalista de *hardcore*.<sup>100</sup> A letra apresenta a banda, e revela algumas questões. Talvez um dos pontos que sejam mais evidentes nesse novo álbum é o interesse do grupo de mencionar sua relação com maconha, pois em um segundo momento o disco faz menção tanto a fumaça, quanto na canção Macô, música que tem a participação de Gilberto, aonde Chico começa fazendo ruídos de engasgo e tosse remetendo a algo comum em usuários da erva.

*Mateus Enter* também utiliza a palavra “enter”, que pode ser interpretada tanto como a letra do teclado do computador que serve para confirmar algo, quanto para remeter a entrada no disco.

A música seguinte chama-se "Cidadão do Mundo"<sup>101</sup>. A sonoridade dessa canção possui uma presença forte dos instrumentos do maracatu e a letra possui muitas informações que poderiam ser consideradas soltas, mas que na verdade fazem sentido. O principal atributo dessa música é revelar a importância de Josué de Castro, o próprio cidadão do Mundo, para se pensar nas questões da fome no nordeste.<sup>102</sup> Nas palavras de DJ Dolores:

"A música vem (...) como se fosse a história de um garoto que tá vindo do interior; exploração da mão de obra infantil, dos trabalhos forçados da criança. Então ele encontra o cidadão do mundo que é Josué de Castro, na beira do manguezal, chega na cidade que é Recife; vem fugindo de um cara que vem pegar ele, vem de todo aquele cerco".<sup>103</sup>

---

ornamentos vocais, do contraponto instrumental, do pulso e do ataque rítmico, entre outros elementos” (NAPOLITANO, op. cit., p.54).

<sup>100</sup> "Mateus Enter". Autoria: Chico Science & Nação Zumbi. Duração: 0:33.

<sup>101</sup> "O Cidadão do Mundo". Autoria: Chico Science & Nação Zumbi, Eduardo Bidlovski. Duração: 3:21

<sup>103</sup>Especial Chico Science, 50 anos. < <http://www.ebc.com.br/chicoscience>>. Acesso em: 11 fev. 2017.

"Etnia" procura evidenciar a celebração sobre as raças e a miscigenação do Brasil. É interessante falar que na década de 1990 o mito sobre a “democracia racial” criado por Gilberto Freyre ainda estava em evidência e pouco se questionava sobre essa forma de se compreender a sociedade brasileira. Sendo assim, a canção vai de encontro com esse conceito e busca refletir a beleza de todos os grupos étnicos que existem no Brasil.

A música foi composta na época da banda Loustal e inclusive possui um vídeo-clipe com outro arranjo musical.



(Imagem 14- Frame – vídeo clipe oficial da música *Etnia*)





(Imagem 15- Frame – vídeo clipe oficial da música *Etnia*)

A quarta música remete instantaneamente ao nome do álbum devido seu título, "Quilombo Groove".<sup>104</sup> Esta é uma música instrumental em que pode-se perceber a mistura dos instrumentos de percussão com os eletrônicos, convivendo com bastante fluidez, o que é um pouco diferente das músicas instrumentais do primeiro disco.

A música "Macô" tem a participação de Gilberto Gil e do *rapper* Marcelo D2. Existem duas formas de perceber a música: a primeira enquanto uma reafirmação do uso da maconha como algo comum e natural. E, em outro ponto de vista, pode-se relacionar a ideia de que um *mangueboy* ou *manguegirl* que é antenada com o mundo através das tecnologias existentes, não precisaria do uso de nenhuma erva para “viajar”. Contudo, há relatos de que a expressão “Cadê Rogê?”, existente na canção, passou a

---

<sup>104</sup> "Quilombo Groove" (instrumental). Autoria: Chico Science & Nação Zumbi. Duração: 2:32

servir de código para usuários da erva quando se queriam saber quem tinha o entorpecente.

Vale lembrar que o Rogê do qual eles falam durante a música, é Rogê, dono da Soparia onde os artistas tocaram no início do movimento, e que virou um espaço de encontro de vários artistas.

A música "Um passeio pelo Mundo Livre" segue a linha de uma mistura suave entre os tambores e guitarras e sua letra remete a um passeio, e a liberdade de se sair com os amigos.<sup>105</sup> O interessante é justamente ter "Mundo Livre" no título da canção, já que este é o nome de uma das bandas que começaram junto com Chico Science e Nação Zumbi, O Mundo Livre SA, banda de Fred 04, o criador do Manifesto dos Caranguejos com Cérebro. Nesse sentido, a música é mais uma referência a ocupar os espaços do Brasil junto com seus amigos.

A canção "Manguetown" descreve a cidade de Recife do ponto de vista de um jovem que mora em sua periferia.<sup>106</sup> Recife é a "manguetown, é a cidade enfiada na lama. Essa música foi uma das mais trabalhadas pela gravadora Sony music e possui um clipe, ambientado em um espaço que pode ser explicado como futurista para a época. Chico aparece usando um computador e se relacionando com a câmera de forma expressiva. No clipe, é possível encontrar algumas animações com elementos das metáforas do Movimento Mangubeat.

---

<sup>105</sup> "Um Passeio no Mundo Livre". Autoria: Dengue, Gira, Jorge du Peixe, Lúcio Maia, Pupilo. Duração: 4:00.

<sup>106</sup> "Manguetown" autoria: Dengue, Lúcio Maia duração: 3:15



(Imagem 16 - Frame – vídeo clipe oficial da música *Manguetown*)

"Um satélite na cabeça" é a décima terceira música do álbum *Afrociberdelia*, cujo título remete a imagem do *mangueboy* com uma parabólica na cabeça.<sup>107</sup> Em um ritmo acelerado, Chico critica as mídias, falando que, por mais que eles se expandam para o mundo a televisão, os excluem: "Com as roupas sujas de lama/ Porque o barro arrudeia o mundo/E a TV não tem olhos pra ver". As roupas sujas de lama remetem a uma pessoa que saiu do mangue; o barro que existe no mundo inteiro e é proveniente da lama, presença que a televisão ignora.

A música "Sangue de Bairro" faz parte da trilha sonora do filme *Baile Perfumado*.<sup>108</sup> O filme é considerado um marco importante para a retomada do cinema pernambucano, além de ser compreendido com um fruto do Movimento Manguebeat. Além de Chico Science e Nação Zumbi, o filme conta com músicas de Mestre Ambrósio e Fred Zero Quatro. "Sangue de Bairro" menciona diversos cangaceiros ou

---

<sup>107</sup> "Um Satélite na Cabeça (Bitnik Generation)" autoria: Chico Science & Nação Zumbi duração: 2:07

<sup>108</sup> "Sangue de Bairro". Autoria: Chico Science & Nação Zumbi. Duração: 2:12

bandidos do sertanejos. A música tem um som bem próximo a um *hardcore* que se desenvolve com o som dos tambores.

### ***Pós-álbum***

O ano de 1996 foi um ano intenso para o grupo e Chico começou a falar em férias, devido ao cansaço. Em entrevista cedida à EBC, Paulo André, o produtor, fala:

"A gente em 96 por morar no Rio foi um período bem intenso pra gente. Apesar do último show ter sido no dia 2 de dezembro. Em outubro de 96 a gente fez oito shows num mês, e em novembro nosso último mês do Rio. Chico começou a reclamar de muito trabalho, dessa intensidade, novembro com nove shows, dá quase um show a cada três dias. E eu falava pra ele: "a gente vai parar, mas vamos parar quando acabar o contrato do apartamento. Porque a gente entrega o apartamento, volta pra Recife, aí vai tocar no carnaval, tu tira férias e volta pro carnaval" porque o cachê dos shows era melhor. E realmente ele tirou férias e foi ficar um mês na Europa. Realizou o último desejo que ele tinha que era andar de snowboard".<sup>109</sup>

O final do ano de 1996 e o início de 1997 foram voltados para a volta do grupo Chico Science e Nação Zumbi para Recife. Um dos pontos mais citados é o cansaço de Chico e de todo grupo devido ao intenso cronograma de shows. Na volta para Recife Chico foi morar com sua irmã Goretti. A essa altura, ele já tinha uma filha, Lula,, e estava começando a pensar em uma carreira solo e em criar uma produtora independente para promover os músicos de Recife.

---

<sup>109</sup> Especial Chico Science, 50 anos. < <http://www.ebc.com.br/chicoscience>>. Acesso em: 11 fev. 2017.



(Imagem - Foto de Chico com sua irmã Gorete em sua volta para Recife após as turnês. Janeiro de 1997/ Acervo familiar)

Outra questão que deve ser abordada é que, apesar do intenso sucesso de shows, a banda ainda não tocava nas rádios com a frequência que queriam. Seu sucesso era evidenciando nos shows, mas ainda assim existia uma resistência das rádios para a disseminação da música para o resto do Brasil.

O contrato com a Sony era de três álbuns, o primeiro Da Lama ao Caos, o segundo Afrociberdelia e o terceiro seria lançado no ano de sua morte, em 1997. O nome e algumas músicas já existiam e já haviam sido gravadas.

Diante dessa exposição, o capítulo se encerra buscando ter elucidado alguns pontos sobre a trajetória de Chico Science e da Nação Zumbi. A primeira seria a

apropriação da indústria cultural de seus conceitos para disseminá-los na indústria fonográfica, bem como o descontentamento e a resistência da banda quanto a alguns aspectos relacionados tanto à sua imagem quanto à sua sonoridade. Outro ponto importante é a expansão do grupo para fora do país e a rejeição em determinadas rádios. Por fim, foi abordada sua volta para Recife aonde se prepararia para o carnaval e uma nova turnê.

## Capítulo III

### Ressignificações da banda Nação Zumbi pós-Chico Science

“A morte foi absurda, cara, a morte foi absurda. De súbito, o acidente foi uma rasteira em você que você fica. Pegou a gente numa época que a gente estava tentando alçar o voo ali e tal. A gente ia fazer o carnaval num trio junto com Carlos Nóbrega que é um parceiro nosso e tal. Ia ser o trio dele na frente o nosso atrás e tal. A gente estava ensaiando e num domingo desses antes de acontecer o acidente. é, depois de noite de festa, Chico fez um rango com a gente na casa de um amigo e tal. Foi pra casa, na manhã seguinte voltou pra buscar a bolsa, mas não conseguiu, voltou à tarde e aconteceu o acidente, assim, pegou a gente... Foi uma porrada muito grande, difícil de se reerguer, mas a gente tinha que voltar uma hora ou outra. Era o que a gente sabia fazer, e queria fazer, e se tem uma pessoa que não admitiria em hipótese alguma que a gente parasse. Já que a gente começou tudo isso junto, a gente não viu de parar ou deixar de levar as ideias adiante”,<sup>110</sup>

No dia 2 de fevereiro de 1997 Chico Science sofreu um acidente automobilístico e faleceu. A comoção nacional foi imediata, Science e a Nação Zumbi se preparavam para o carnaval de Pernambuco quando aconteceu sua morte. No obituário do Jornal O Globo do dia 3 de Fevereiro de 1997, encontra-se a seguinte notícia:

"O cantor e compositor Francisco Assis França, mais conhecido com Chico Science, líder da banda Chico Science e Nação Zumbi, morreu ontem, às 19h vítima de um acidente de carro. Chico Seguiu de Recife para Olinda sozinho num Fiat Uno, na Avenida Complexo do Salgadinho, quando bateu num poste. Ele ainda foi socorro por populares e levado para o Hospital da Restauração, em Recife, onde já chegou morto. Segundo os médicos o compositor sofreu múltiplas fraturas na face e traumatismo craniano e no tórax.<sup>111</sup>

---

<sup>110</sup> DU PEIXE, op. cit.

<sup>111</sup> OBITUÁRIO, *O Globo*, 3 fev. 1997.

A morte de Chico causou um sentimento de luto intenso para seus parceiros de banda, para diversos artistas da época e principalmente na cidade de Recife. A morte repentina as vésperas do carnaval fez com que os integrantes do grupo desistissem por um tempo de levar a banda para frente. Para Du Peixe, o grupo não queria se reencontrar, pois quando se aproximavam o sentimento de perda era muito grande. As lembranças de Chico afloravam, afinal todos eles se conectavam justamente pelo elo que Chico fez questão de criar.

Paramos um tempo, a gente não conseguia se ver, se olhar, muito menos tocar porque ia faltar uma peça essencial ali, então foi difícil por um bom tempo. Depois de um ano a gente passou a se ligar, quase um ano depois. 'Ah, vamos retomar, a gente tem que... é o que a gente sabe fazer, a gente tem que continuar fazendo. Embora muitas pessoas tivessem tentado acabar e tal, especulações, já era, não existe mais, não tem mais possibilidades, não tem mais condições, enfim. É, e a gente por um tempo chegou a pensar nisso, mas po, mas a gente tem que fazer alguma coisa, se coçar em algum sentido e tal. E a gente retomou quando a gente começou a fazer o 'Rádio do Samba', né<sup>112</sup>.

Em diversos momentos, quando se vai à procura de notícias sobre a morte de Chico Science, um dos temas recorrentes é a presença impactante do então secretário da cultura Ariano Suassuna em seu enterro.<sup>113</sup> Como dito anteriormente, Suassuna foi um dos mentores do Movimento Armorial, que tinha como objetivo preservar as raízes nordestinas, evitando contato com o estrangeirismo e criticando o cenário cultural no âmbito nacional, que assimilava os traços mundializados da cultura.<sup>114</sup> Mesmo quando o grupo de Chico chegou ao topo da indústria fonográfica, Suassuna negou-lhes um apoio

---

<sup>112</sup> DU PEIXE, op. cit.

<sup>113</sup> Ariano Suassuna foi secretário de cultura no governo Miguel Arraes de 1994 até 1998.

<sup>114</sup> "(...) resolvi criar o Movimento Armorial pra ver se criava uma fronteira de resistência, que fosse possível, para continuar a falar em Cultura Brasileira e Cultura Popular. Porque eu acreditava, como ainda hoje acredito, que no Brasil, o problema da Cultura Popular se identifica com o próprio problema da Cultura Nacional e, portanto, com o próprio problema da sobrevivência do Brasil enquanto nação. Porque no meu entender, no Brasil só é nacional o que é popular ou então ligado ao popular. (...) E outra coisa que acreditava e que até hoje acredito, é que somente fortalecendo esse tronco cultural popular ou então ligado fundamentalmente ao popular, é que você pode então conviver fraternalmente com outras culturas". (SUASSUNA apud OLIVEIRA, 1993: 127).



financeiro para sua primeira turnê internacional. Tal negativa poderia ser justificada por diversos pontos, até um problema econômico do estado, mas Suassuna fez um pronunciamento que acaba por deixar apenas uma alternativa a essa negativa:

"Em primeiro lugar, considero deturpação o que se importa. Agora, eu digo isso com desgosto, porque eu gostava pessoalmente de Chico Science. Um dia ele veio aqui e disse: "professor, eu sou armorial!". Aí eu perguntei a ele: "porque é que você não se chama *Chico Ciência*? Mude o nome para *Chico Ciência*, que eu subo no palco com você!" [...]. Não era só mudar o nome, mas também o que havia por trás. [...] Porque eu disse para ele: "Chico, você me desculpe, mas você está equivocado. Você está sendo colocado a serviço das piores forças que estão invadindo culturalmente o Brasil". Estas forças invadem de outras formas também, mas, no nosso caso, o que interessava era o aspecto cultural. Aí ele disse: "mas professor, olhe, eu estou tentando valorizar o maracatu rural". Então, como valorizar o maracatu rural, que é uma coisa boa, introduzindo o *rock*, que é uma porcária? Como é que pode? Uma coisa ruim não pode valorizar uma coisa boa, não!"<sup>115</sup>



(Imagem 17- Encontro de Suassuna e Science)

---

<sup>115</sup> SUASSUNA, Ariano apud VARGAS, op. cit.

Partindo do pressuposto de que a memória revela a identidade de um povo e de que ela é um campo de disputa política, deve-se entender que a memória é um fenômeno coletivo e social, um fenômeno que é construído, que há interferências sobre ela. Logo, a relação das cidades de Recife e de Olinda com o movimento Manguebeat pode também ser compreendida como uma relação identitária, partindo da interface política e de choque pela morte de Chico Science.

A morte de Science talvez tenha sido uma das situações mais impactantes para o Movimento Manguebeat. O que se pode notar é uma personificação do movimento inteiro em um só personagem. Tal personificação não parte apenas de um grupo restrito da mídia, parte ainda de diversos integrantes do próprio movimento.

Por exemplo, em entrevista cedida para a pesquisa em questão, Alexandre Garnizé, ex-integrante do grupo de *rap* Faces do Subúrbio, expõe que, sem Chico, a situação cultural e inclusive política de Recife ainda seria problemática.<sup>116</sup> O ponto central, para o percussionista, é que Chico articulou diversos grupos e propôs uma cooperativa do mangue, um movimento cultural, pois naquelas circunstâncias o importante era sair do marasmo cultural que vivia Recife.

Como Michel Pollack afirma:

“A memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória”.

O autor explica ainda o motivo de afirmar que a memória é um fenômeno que é construído: “Quando falo em construção, em nível individual, quero dizer que os modos

---

<sup>116</sup> GARNIZÉ, Alexandre. Entrevista concedida para a pesquisa, em 14 de outubro de 2015, no centro Cultural Imperator, Méier, Rio de Janeiro.

de construção podem tanto se conscientes como inconscientes”. Ou seja, sendo a memória uma construção, ela acaba por ser um lugar aonde se elaboram, se rompem e se assimilam acontecimentos passados, é um local aonde ocorrem disputas, mas também um espaço em que as ideias (até as opostas) dialogam, a fim de construir alternativas que possam interpretar e reinterpretar o passado no presente.

### ***O memorial Chico Science e suas perspectivas***

Em 2009, foi inaugurado em Recife, no Pátio São Pedro, o Memorial Chico Science. O secretário de cultura em questão foi Renato L, o mesmo Renato amigo de Chico no início de sua carreira, que estava na elaboração do álbum *Da Lama ao Caos*. O espaço tinha como objetivo “levar as ideias e a filosofia do *Mangubeat* adiante, para as outras gerações”.



(Imagem 18- Grafitti feito nas paredes internas do Memorial Chico Science)

No site oficial do Memorial Chico Science, há uma descrição sobre como o espaço é dividido e quais as atividades se pretendia realizar ali:

"O Memorial é dividido espacialmente em três módulos conceituais: o informativo, o imersivo e o educativo. No primeiro deles, o informativo, uma versão da Exposição Chico Imaginário está montada, também há um terminal de computador onde é armazenado o acervo digital do equipamento. No módulo central, o imersivo, funciona uma espécie de câmara escura multimídia, sala de exposição de instalações com caráter artístico, visual, computacional e eletrônico, proporcionando aos visitantes uma experiência particular e mais intuitiva. O último dos módulos, o educativo, é o espaço para pesquisa onde está disponibilizado em caráter permanente um ambiente de pesquisa nutrido por uma biblioteca e videoteca".

Já sobre o plano de ações, ficou-se acordado que todo mês de março, mês de aniversário de Chico, ficaria reservado para refletir a importância da vida e da obra dele e do movimento Manguebeat como um todo para a cultura brasileira:

"Durante uma semana são propostas atividades com um eixo temático norteador das discussões e análises que permearam o universo de Chico Science. Oficinas de formação fazem parte do cronograma do Memorial Chico Science tendo como características a gratuidade, a participação do público jovem e adulto e a exposição dos resultados trabalhados de maneira coletiva durante o processo".<sup>117</sup>

Segundo Pierre Laborie, por meio da rememoração de fragmentos do passado, a memória social expressa, no presente, múltiplas representações do passado.<sup>118</sup> A memória se constrói sob influência dos códigos e das preocupações do presente, por vezes em função dos fins (sentidos dos usos do passado no tempo presente).

---

<sup>117</sup> O MEMORIAL. Disponível em: <<https://memorialchicoscience.wordpress.com/sobre/>> Acesso em: 18 fev. 2017.

<sup>118</sup> LABORIE, Pierre. "Memória e Opinião". In AZEVEDO, Cecília; CRUZ, Denise Rollemberg; KNAUSS, Paulo; BICALHO, Maria Fernanda; QUADRAT, Samantha Viz (orgs.). *Cultura política, memória e historiografia*. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

Ainda que sejam construídos de diversas formas pelo meio social, em última análise, o ato e a arte de lembrar jamais deixam de ser profundamente pessoais. Se considerarmos a memória um processo, e não um depósito de dados, poderemos observar que, à semelhança da linguagem, a memória é social, tornando-se concreta apenas quando narrada. A memória é um processo individual, que ocorre no meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados. Em vista disso, as recordações podem ser semelhantes, contraditórias ou sobrepostas. Porém, em hipótese alguma, as lembranças de duas pessoas são – assim como as impressões digitais, ou, bem da verdade, como as vozes – exatamente iguais.

Sendo assim, buscando uma reflexão acerca da questão do Memorial Chico Science, uma nova situação ocorreu e levantou alguns pontos que servem para pensar também as questões de disputas de memória.

O espaço ocupado pelo memorial Chico Science busca realizar atividades socioeducativas a partir de diversos temas, sempre relacionando as ideias de Chico com alguma prática comum dentro do Movimento Mangubeat. Dentre os exemplos que se pode destacar está a presença de um espaço dedicado a ficção científica, algo de que Chico era fã e que buscava inserir em suas músicas, como na canção “O encontro de Isaac Asimov com Santos Dumont no Céu”:

“Nada como o Firmamento,  
Para trazer ao pensamento.  
A certeza de que estou sólido, Em toda a área que ocupo.  
E a imensidão aérea,  
É ter o espaço do firmamento no pensamento.  
E acreditar em voar algum dia”.

Em notícia publicada no site da prefeitura de Recife, é possível encontrar uma publicação fazendo referência a esse espaço:

Pouca gente sabe, mas o tema ficção científica foi uma importante base para a formação do Movimento Manguê. Para expor este viés e discutir temas e ideias de quem vive com as antenas mais do ligadas, o Memorial Chico Science, equipamento cultural da Prefeitura do Recife, abre o Clube de Ficção Científica Segunda Fundação. O nome foi inspirado na trilogia Fundação, do escritor russo Isaac Asimov.<sup>119</sup>

Em uma outra exposição, mais uma vez a presença de ideias futuristas fica evidente:

"Nesta quinta-feira (08), a partir das 17h, o Memorial Chico Science (MCS), equipamento cultural da Prefeitura do Recife, abre uma nova exposição, a Camiseta Sonora. A iniciativa enfatiza o contexto Manguêbeat do Recife dos anos 90, não só como um movimento musical, mas também como algo que incorporou e foi capaz de desenvolver outras formas de expressão que não fossem a sonoridade de Chico Science & Nação Zumbi, Mundo Livre S/A entre tantos outros.

Na exposição, o público vai poder conferir cerca de 40 peças que estavam guardadas na gaveta de personagens chave da cena musical do Recife como Fabinho Trummer, da Eddie; DJ Dolores; Fred 04, da Mundo Livre; além de Canibal e Neilton da Devotos. Este último emprestou para a mostra peças únicas, pintadas à mão por ele mesmo. Além das camisetas, no espaço do MCS, será possível conferir um vídeo realizado a partir de uma colagem de fotos, feita pelo artista plástico Gil Vicente".<sup>120</sup>

Em 2015, foi anunciada por Jorge Du Peixe uma nova localização para o Memorial Chico Science. O lugar escolhido foi a Cruz do Patrão, um ponto que servia de desembarque de navios negreiros no século XIX e fica à beira do rio Beriberi, entre Recife e Olinda.

A escolha do local causou um certo mal-estar entre historiadores locais e Du Peixe, pois o cantor afirmou que o espaço merecia ser ressignificado para perder o status de um lugar negativo para a cidade.

---

<sup>119</sup> MEMORIAL Chico Science abre espaço para ficção científica. Disponível em: <[http://www.recife.pe.gov.br/2009/10/21/memorial\\_chico\\_science\\_abre\\_espaco\\_para\\_ficcao\\_cientifica\\_169062.php](http://www.recife.pe.gov.br/2009/10/21/memorial_chico_science_abre_espaco_para_ficcao_cientifica_169062.php)>. Acesso em: 17 fev. 2017.

<sup>120</sup> CAMISETA sonora é nova mostra do memorial Chico Science. Disponível em: <[http://www.recife.pe.gov.br/2009/10/07/camiseta\\_sonora\\_e\\_nova\\_mostra\\_do\\_memorial\\_chico\\_science\\_168852.php](http://www.recife.pe.gov.br/2009/10/07/camiseta_sonora_e_nova_mostra_do_memorial_chico_science_168852.php)>. Acesso em: 12 fev. 2017.



(Imagem 19 - Cruz do Patrão )

É bem claro, nesse sentido, a ideia de disputa de memórias. Nesse caso, a noção de resignificação se torna frágil, quando se percebe que há uma contradição explícita no discurso do grupo:

"A requalificação geral da área é mais ampla, em discussão há décadas. Na última quinta-feira, a Secretaria Estadual de Turismo, Esporte e Lazer apresentou, em reunião no Porto, projeto que prevê para o local o Memorial Chico Science (hoje instalado no Pátio de São Pedro, em más condições), espaço de convivência, auditório e sala de exposição afro-brasileira – proposta parecida à divulgada em 2007, quando se falou em um Centro de Referência da Cultura Afro-Brasileira".<sup>121</sup>

Os integrantes que se posicionaram contra a situação portuária de Recife, apoiando o movimento Ocupe Estelita, que tinha como ponto principal preservar a história da cidade, mantendo e revitalizando um espaço histórico que estava passando por um alto índice de especulação imobiliária, rompe com essa ideia de valorização do passado, ao dizer que um determinado ponto histórico merece ter outra memória ocupando-o.

---

<sup>121</sup> Novo projeto para requalificar a Cruz do Patrão. Disponível em: <<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/geral/noticia/2015/06/14/novo-projeto-para-requalificar-a-cruz-do-patrao-185721.php>> Acessado em: 13 fev. 2017.



(Imagem 20- Monumentos em homenagem a Chico Science: O caranguejo gigante às margens do Rio Capibaribe)

Na cidade de Recife, é possível encontrar diversos monumentos, *graffitis* e expressões artísticas que declaram a importância do Movimento Manguebeat para a cidade. Dentro os monumentos mais conhecidos estão o Caranguejo gigante e a estátua de Chico.





(Imagem 21- estátua de Chico Science no Pátio São Pedro)

Às vésperas do que seria o aniversário de 50 anos de Chico Science, sua filha, Lula Lira, e os integrantes da banda, anunciaram uma parceria entre a prefeitura de Recife e o governo do Estado de Pernambuco, através da qual, no calendário cultural da cidade, seriam incluídas datas especiais relacionadas a Science.

O secretário de turismo do Estado de Pernambuco, Felipe Carreras, ao lado do secretário de turismo da cidade de Recife, Camilo Simões, repensaram, ao lado de Lula Lira e Jorge Du Peixe, uma forma de homenagear Science durante todo o ano, que seria demarcar seu aniversário de 50 anos. Inclusive os secretários em questão se propuseram a ajudar financeiramente a ida da banda Nação Zumbi para participarem do festival Summerstage, no Central Park em Nova Iorque, justamente por ter sido um dos palcos

onde Chico tornou-se mundialmente conhecido, e por ter impulsionado a carreira do grupo.



(Imagem 22- Lula, filha de Science, com Du Peixe e os secretários de turismo do Estado de Pernambuco e da cidade de Recife)

### *Vinte anos depois*

Passados mais de vinte anos após a morte de Science, cabe salientar alguns pontos em relação a formação atual da banda Nação Zumbi. O grupo permaneceu junto com projetos paralelos, se apresentando com outros artistas, como é o caso de Dengue, Lucio Maia e Pupillo, que tocam com a cantora Marisa Monte e com o cantor seu Jorge.<sup>122</sup>

---

<sup>122</sup> Grupo 3 na Massa, Afrobombas, Los sebosos Postizos e Combo X.

Uma polêmica aconteceu em torno da formação do grupo: um dos integrantes fundadores foi retirado da banda. Ainda existe uma discussão pouco esclarecida sobre o acontecido, mas pode-se afirmar que há um embate judicial em torno dessa expulsão do grupo.

Mas antes de aprofundar essa discussão, existe um ponto que merece ser debatido, já que se refere à questão da imersão do grupo dentro da indústria cultural. No início dos anos 2000, após o lançamento do terceiro disco do grupo, intitulado Chico Science e Nação Zumbi, que ainda possui músicas de autoria de Chico e foi lançado como um álbum em homenagem ao cantor, o grupo passou a ser assessorado por outra empresa, a Babel Produções.

Contando com álbum de 1998, foram lançados ao todo oito discos do grupo. A persistência da banda em continuar ocupando o cenário musical brasileiro só possui respaldo na imagem de Chico Science. Os shows que mais fazem sucesso, principalmente nos eixos Rio-São Paulo, são os shows comemorativos, em que o grupo canta sucessos dos dois primeiros álbuns. O que acontece em Recife e Olinda é diferente. A presença da Nação Zumbi nessas cidades ainda é marcante, tanto por causa do memorial Chico Science, quanto pela tradicional presença do grupo no carnaval recifense.

No ano de 2016, foi oficializada a saída de Gilmar Bolla 8, integrante fundador do grupo em 1994 e amigo pessoal de Science. Gilmar foi o amigo que tinha relações com o centro de educação e cultura Daruê Malungo e havia apresentado a Chico o mestre de capoeira Meia Noite. Foi Gilmar que lhe apresentou também o grupo de percursionistas que passou a tocar com o grupo como Nação Zumbi. Contudo, após a repercussão de sua saída, algumas histórias sobre o grupo tornaram-se públicas. Dentre

elas, destaca-se que existia uma segregação no grupo: a dos músicos que teriam vindo do lado rock e dos músico que vieram do lado do maracatu.

A repercussão nos jornais recifenses foi nítida. No jornal Diário de Pernambuco saiu a seguinte notícia:

"O percussionista afirma que, desde o início de 2015, vem sendo excluído da banda. O mal estar começou após um show em São Paulo, quando integrantes do Movimento Passe Livre subiram no palco, interrompendo a apresentação. "Depois disso recebi um e-mail de Lúcio dizendo que eu coloquei o movimento no palco e, por isso, passaria a ganhar 30% menos", lembra, admitindo ter respondido com "desaforo" a conversa, na qual chegou a chamar o guitarrista da banda de escravocrata. "Eu estava com raiva e depois ele mandou uma cópia desse e-mail, só com minha resposta, para a banda. Passamos o carnaval inteiro assim, nesse clima", revela. Depois disso, o músico conta que foi barrado de uma participação da banda no show de Lenine e em uma homenagem a Renato Russo.

Às vésperas do Rock In Rio, segundo Gilmar, o estopim. "O show já era no dia seguinte e eu não tinha passagem ainda. Já tinha mandado mensagem, mas Ana não me respondia. Já à noite, ela disse 'Está sabendo não? Fizeram uma reunião, você está fora da banda'", lembra o percussionista, que também se queixa de ouvir gritos da empresária. "Já relevei muitas vezes porque comigo e com Toca [Ogan, também percussionista do grupo] sempre foi esse o tratamento. Quantas vezes a gente apareceu nas entrevistas? Sempre fomos escanteados."

Desde que parou de fazer show com a banda, Gilmar disse que é constantemente procurado por fãs, que desejam melhoras na sua saúde. "Eles estão dizendo para as pessoas que estou doente", reclama o músico, que resolveu acionar o grupo judicialmente. "Busquei um advogado e descobri que Ana registrou a banda em nome dela, em dezembro. Não fico feliz de procurar a imprensa, mas é uma banda que eu criei e para mim, agora, ficou grave".<sup>123</sup>

No outro extremo do grupo, os músicos também se posicionaram e deram a sua versão dos acontecimentos. Basicamente, acusaram Gilmar de não ser responsável com os compromissos da banda. Além disso, Gilmar teria acusado o guitarrista Lucio Maia de uma forma pesada, chamando-o de escravocrata por causa da forma como o trabalho seria imposto para os integrantes negros do grupo.

---

<sup>123</sup> GILMAR Bola Oito diz que foi demitido por empresária e vai processar Nação Zumbi. Disponível em: [http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2015/12/20/internas\\_viver.617468/gilmar-bola-oito-diz-que-foi-demitido-da-nacao-zumbi-por-empresaria.shtml](http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2015/12/20/internas_viver.617468/gilmar-bola-oito-diz-que-foi-demitido-da-nacao-zumbi-por-empresaria.shtml) <acesso em: 14/02/2017)

No fim do ano de 2015, foi publicado na página oficial de uma rede social do grupo o seguinte comunicado, explicando o motivo da saída do músico Gilmar e salientando que não houve nenhuma questão racial para o rompimento:

"Através deste comunicado gostaríamos de esclarecer a questão envolvendo a saída do sócio fundador/músico/compositor Gilmar Corrêa da Silva da banda Nação Zumbi.

Gostaríamos que tudo fosse tão simples como alardeado nos jornais locais do Recife, mas não é bem assim.

Primeiro, tendo em vista a saída voluntária, ou seja, saiu por vontade própria e não como disse a matéria do Jornal que foi expulso ou sacado. Por este motivo, isentamos a nossa empresária de tê-lo feito.

É lamentável ver essa reação do Gilmar levando inverdades a público sem argumentos reais. Os motivos, que não ousamos listar aqui, serão conhecidos em seu devido tempo.

Enfatizamos que não é uma questão de melanina e sim de disciplina. Nunca tivemos nenhum procedimento de exclusão de qualquer tipo, pois somos veementemente contra. Entretanto, má conduta, falta de profissionalismo e desrespeito não cabem dentro da banda.

Rupturas acontecem quando as coisas não funcionam como deveriam. Problemas internos existem e sempre estarão aí e como qualquer sociedade/amizade somos vulneráveis a eles.

A situação já está sendo devidamente resolvida nos âmbitos judiciais.

A Nação Zumbi está unida. Um feliz natal a todos, fãs e colaboradores".<sup>124</sup>

A situação tomou proporções judiciais e Gilmar se manifestou mais uma vez, falando que processaria a produtora da banda já que,, como sócio-fundador do grupo, ele teria direitos a receber dinheiro mesmo se estivesse fora do grupo. Assim ele se expressou em uma rede social sobre ocorrido:

"Sobre minha saída do Nação Zumbi, a bem da verdade, esclareço que:

1 – Fui realmente pego de surpresa com a decisão de ser retirado do grupo. Não fui oficialmente informado por nenhum dos componentes da banda, e sim pela produtora Ana Almeida, da Babel Produções.

2 – Nada tenho contra os meus companheiros de banda, afinal todo o trabalho que realizei junto a Nação Zumbi foi sempre cercado de muito amor, lealdade e compromisso com os princípios que construímos desde da fundação do CHICO SCIENCE & NAÇÃO ZUMBI.

---

<sup>124</sup> DECLARAÇÃO oficial do grupo Nação Zumbi, disponível em: <https://www.facebook.com/nacaozumbi/?fref=ts> <acesso em: 13/01/2017>

3 – Ao saber da decisão da Nação Zumbi, via a produtora da banda, no mês de setembro, mesmo não concordando com a forma como se deu a retirada do grupo, desde 05 de outubro que havia um negociação entre mim e o grupo no sentido de realizar uma saída mediada, afinal, na qualidade de sócio fundador eu precisava saber o que realmente tinha acontecido e quais os direitos que teria junto à produtora e grupo.

4 – No mês de outubro apresentei minhas primeiras observações sobre a situação, isso no intuito de firmar um entendimento.

5 – Uma proposta de acordo de minha parte foi apresentada no mês de novembro com as seguintes condições:

5.1. Que eu pudesse atuar junto ao grupo pelo menos até o carnaval/2016;

5.2. Que houvesse uma prestação de contas da Babel Produções dos valores recebidos dentre os anos de 2012 e 2015;

5.3. Um pagamento de valor fixo pela estimativa de lucro pelos próximos 5 anos(condição que seria definida em comum acordo);

5.4.10% sobre o licenciamento da marca Nação Zumbi nos próximos 5 anos;

6 – No mês de dezembro foi apresentada a contraproposta do grupo, que não atendeu plenamente aos itens 5.1, 5.2, 5.3, mas mesmo assim eu estava disposto a continuar o processo de negociação.

7 – Ao que se refere ao item 5.4, que trata da marca Nação Zumbi, fui novamente surpreendido ao ser informado que consta um pedido de registro da marca NAÇÃO ZUMBI em nome produtora Ana Almeida, que tramita junto ao INPI(Órgão de Marcas e Patentes). O número do Processo é 910253420, e pode ser acessado no link <https://gru.inpi.gov.br/pe.../servlet/MarcasServletController...> Isso é muito grave.

8 – Infelizmente, e com muito pesar, principalmente pela maneira como tudo foi feito, via equipe de produção, só me restaram duas alternativas: a de esclarecer ao público o que vinha realmente acontecendo, já que há tempos muitos me perguntam o que estava ocorrendo, e a de tentar buscar judicialmente os meus direitos."<sup>125</sup>

A saída do músico do grupo Nação Zumbi causou uma movimentação dos fãs, que questionaram a integridade dos outros músicos por terem demorado a se manifestar sobre sua saída. Os comentários se baseavam justamente no que Gilmar havia exposto. Para finalizar o assunto sobre a saída do percussionista, Lula, a filha de Chico Science, fez uma declaração pública que buscava conter os fãs e silenciar a separação:

---

<sup>125</sup> NAÇÃO ZUMBI explica saída polêmica de Gilmar Bola Oito: falta de profissionalismo e desrespeito. Disponível em: [http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2015/12/21/internas\\_viver.617666/nacao-zumbi-explica-saida-polemica-de-gilmar-bola-8-falta-de-profissi.shtml](http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2015/12/21/internas_viver.617666/nacao-zumbi-explica-saida-polemica-de-gilmar-bola-8-falta-de-profissi.shtml). Acesso em: 21 nov. 2016.

"Em profundo estado de decepção e tristeza me encontro agora.

Difícil acreditar o quão baixo podem chegar pra tentar denegrir o trabalho de artistas que sempre foram honestos com seu público. Eu nunca vi tanta mentira inventada à cara dura fazendo alguns virarem as costas para a Nação Zumbi. Com uma lista de acusações friamente elaboradas e enumeradas, fica realmente difícil pra quem vê de fora, acreditar no que a banda quer tentar explicar aos poucos. Me destrói ver tanta gente dando crédito a esses absurdos. Infelizmente estamos condicionados a acreditar nas mentiras que chegam através da tela do computador e do celular. Já estive inúmeras vezes na mesma posição de quem recebe a notícia: é automático, a gente lê a matéria/texto fajuto e ainda consegue concluir que não tem como aquilo não ser mentira. Parece que o primeiro a apontar o dedo é quem está com a razão, e assim começam as longas audiências no tribunal do facebook com seus juízes irredutíveis e imediatistas.

Aos fãs donos da razão, peço que parem de falar como se soubessem o que meu pai estaria sentindo nesse momento. Parem de sugerir pensamentos e atitudes de uma pessoa que nem entre nós está mais. Peço respeito a todos que estão usando o nome do meu pai em vão. Na minha posição de admiradora da banda, eu esperaria. Há muito a ser esclarecido. Sei que as coisas parecem ser como estão tentando fazer parecer. Mas existe uma verdade no meio dessa história que mais cedo ou mais tarde vai chegar, e espero que os que acusam sem conhecê-la tenham a humildade de admitir que erraram ao julgar de forma grosseira como fazem agora. Lembrem-se sempre da lei do retorno, ela nunca falha.

'Outro dia, um cabeludo falou:

Não importam os motivos da guerra, a paz ainda é mais importante que eles.<sup>126</sup>"

No dia sete de maio de 2016, o grupo se apresentou no clube Português em Recife, para celebrar os 20 anos do álbum Afrociberdelia. Aquele palco foi último lugar onde Chico esteve presente. Neste show Gilmar não apareceu, mesmo depois de uma decisão judicial que obrigaria a banda a aceitar a sua volta. Em uma nota no jornal *O Diário de Pernambuco* é possível ler mais detalhes:

Apesar da decisão da 1ª vara cível da comarca de Olinda, que na sexta-feira (6) determinou a reintegração, em caráter liminar, do músico Gilmar Bolla 8 à banda, o percussionista não foi visto na apresentação do sábado. Segundo o documento judicial, a ordem deveria ser cumprida em até 24 horas (o que não ocorreu), sob pena de multa diária de R\$ 5 mil. A Nação Zumbi, até o momento, não se manifestou oficialmente sobre a questão. A saída de Gilmar, em dezembro de 2015, foi conturbada. O percussionista alega ter

---

<sup>126</sup> FILHA de Chico Science, Lula fala sobre saída de Gilmar Bola Oito: nunca vi tanta mentira. Disponível em: <[http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2015/12/22/internas\\_viver,617830/filha-de-chico-science-lula-fala-sobre-saida-de-gilmar-bola-oito-nun.shtml](http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2015/12/22/internas_viver,617830/filha-de-chico-science-lula-fala-sobre-saida-de-gilmar-bola-oito-nun.shtml)>. Acesso em: 11 fev. 2017.

sido expulso da banda, enquanto a Nação Zumbi declara que haviam problemas internos, mas que a saída do músico foi voluntária<sup>127</sup>.



(Imagem 23 primeira foto do grupo sem Gilmar Bolla 8, divulgada para jornal/Foto: Jair Magri/Divulgação)

Sobre esse embate envolvendo todos os integrantes do grupo, pode-se pensar em algumas questões relevantes que servem como um aporte para pensar a relação do grupo com a indústria cultural e a importância de Chico Science para o grupo e todo o Movimento Manguebeat.

---

<sup>127</sup>NAÇÃO Zumbi celebrou Afrociberdelia e Chico Science sem Gilmar Bolla 8. Disponível em: <[http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2016/05/08/internas\\_viver,643308/nacao-zumbi-celebra-afrociberdelia-e-chico-science.shtml](http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2016/05/08/internas_viver,643308/nacao-zumbi-celebra-afrociberdelia-e-chico-science.shtml)>. Acesso em: 11 fev. 2017.



Em diversos momentos e entrevistas, a imagem de Chico é compreendida como a figura que serviu de “cola” para o movimento, figura central que envolveu várias pessoas e vários outros grupos a sua volta.

### ***Considerações finais***

O presente trabalho buscou construir uma narrativa histórica sobre o processo de construção e consolidação do grupo Chico Science e Nação Zumbi, banda que catalisou o movimento cultural pernambucano Mangubeat. Para tanto, foi necessário observar o encontro de seus integrantes, a criação do primeiro disco, as circunstâncias para a formação do segundo álbum e as reverberações da banda no cenário atual.

Os seguintes eixos narrativos, no decorrer dos três capítulos, foram observados:

1) analisar a constituição do grupo *Chico Science e Nação Zumbi*, investigando as memórias construídas das primeiras experiências musicais de Chico Science na banda Orla Orbe (1987) ao álbum *Da lama ao caos* (1994) – por meio da observação dos aspectos narrativos do Mangubeat presentes nas canções desse primeiro disco; 2) compreender o processo de consolidação da banda Chico Science e Nação Zumbi a partir do lançamento do álbum *Afrociberdelia* (1996), em meio aos diálogos com o movimento *Mangubeat* e os sentidos da Globalização; 3) dimensionar as ressignificações da Nação Zumbi após a morte do músico Chico Science a partir da indicação do trabalho de memória para o reconhecimento do impacto cultural da obra do músico Chico Science e da observação do projeto cultural para criação do Memorial Chico Science, em 2009; 4) discutir sobre a situação atual da banda, observando os novos discos, shows e ações culturais.

Problematizou-se, nesta pesquisa, a inserção do grupo nos padrões da indústria cultural, mesmo considerando aspectos de autenticidade presentes nas canções e nas atitudes dos integrantes do grupo. O que se pode perceber é um esforço da banda para manutenção dos seus princípios e, ao mesmo tempo, as pressões para o esvaziamento identitário diante das circunstâncias contemporâneas da indústria fonográfica.

A questão da memória é compreendida como um dos pontos cruciais do trabalho, bem como suas ressignificações. A existência do Memorial Chico Science revela a importância do músico para a cidade de Recife, ao mesmo tempo em que se associa ao trabalho de luto. O memorial é assumido como “reconhecimento” – uma forma de homenagear um sujeito histórico que participou ativamente das atividades e políticas culturais na cidade de Recife, a partir da valorização da diversidade sociocultural existente no espaço.<sup>128</sup>

Talvez seja difícil concluir um trabalho sobre Chico Science sem afirmar certa identificação com sua música e suas atitudes. É complicado ainda negar o fato de que sua trajetória foi um dos pontos que levaram à confecção desta pesquisa. Ao ouvir cada canção do grupo, é possível questionar e ter curiosidade de aprender mais sobre o que eles estavam falando.

O pós-morte de Chico acabou por nos revelar diversos questionamentos sobre as novas dimensões da banda Nação Zumbi no movimento Manguebeat. Ao analisar as reverberações atuais da banda, evitamos especulações. As relações entre os integrantes do grupo, que atualmente são especuladas, não podem ser observadas em um sentido acadêmico – pois a história não compreende as circunstâncias baseada em especulações e, por isso, as fontes de pesquisa utilizadas (entrevistas, reportagens, documentários,

---

<sup>128</sup> Sobre reconhecimento, cf. RICOEUR, Paul. *Percurso do reconhecimento*. São Paulo: Loyola, 2006.

músicas, fotografias, cartazes, panfletos, shows gravados, dentre outras) foram problematizadas para compreensão e interpretação do impacto cultural da banda Nação Zumbi, antes e após a morte de Chico Science.

Não é possível pensar em qualquer grupo artístico como isento de uma perspectiva da indústria cultural. Como citado anteriormente, essa indústria é produto de um sistema econômico que tem como um dos focos o esvaziamento cultural. Nesse contexto, observamos os sentidos de resistência presentes na história da banda Nação Zumbi, que, apesar dos empecilhos ocorridos ao longo de vinte anos após a morte de Science, mantém muitos dos seus princípios fundadores, expressos no *Manifesto dos Caranguejos com Cérebro* -- e que ainda são atuais. Trata-se de um movimento que abrange quem quiser somar, que tem como ponto central criar espaços de articulação para que o som não pare e para que todos sejam ouvidos.

O trabalho de memória sobre a construção do grupo Chico Science e Nação Zumbi gera múltiplas reflexões sobre a visibilidade cultural para o nordeste - potencializadas pelo movimento *Manguebeat*.

Como o próprio Du Peixe afirma em diversas entrevistas, para Chico o “Movimento Manguebeat era uma brincadeira levada a sério”, algo que poderia não ter dado em nada, mas que teve força graças aos jovens que queriam sair do marasmo cultural pelo qual passavam.

## Bibliografia

### Fontes

#### *Fontes jornalísticas*

- “GLOBAL GROOVE derrete a fronteira entre os gêneros e acaba com a hegemonia do rock. *O Globo*, Segundo Caderno, p. 6, 08 abr. 1994.
- OS TRIOS elétricos fazem um minuto de silêncio – Criador do Manguebeat preparava novo CD e ansiava para a segunda turnê internacional à frente do grupo Nação Zumbi. *O Globo*, Segundo Caderno, p. 4, 04 fev. 1997.
- DEZ MIL pessoas param o centro de Recife para se despedirem do cantor Chico Science – Maracatu prestaram homenagem e cortejo foi feito ao som de suas composições. *O Globo*, O País, p. 9. 04 fev. 1997
- CHICO SCIENCE traz o movimento mangue ao Rio. *O Globo*, Segundo Caderno, p. 2. 07 set. 1993
- TODOS OS IDIOMAS do gibi carioca – a segunda bienal de quadrinhos começa hoje com 41 exposições. *O Globo*, Segundo Caderno, p.4 11/11/ 1993.
- O BARULHO chega a praia – Chacademos e Rollins Bands se destacam na primeira lista do M2000 Segundo Caderno, p.4 *O Globo*, Segundo Caderno, p. 5, 17dez. 1993.
- RIO-KINGSTON via Buenos Aires. *O Globo*, Rio Show, p. 2. 07 jan. 1994.
- DE GRAÇA e ao ar livre. *O Globo*, Rio Show, p. 12, 07 jan. 1994.
- DISCOS BÁSICOS disponíveis. *O Globo*, Rio Show, p. 18, 07 jan. 1994.
- RAP DESLIGADO da tomada – Chico Science toca acústico na torre de babel. *O Globo*, Segundo caderno, p. 5, 10 jan. 1994.
- DESORGANIZAÇÃO ATRAPALHA M2000 Concerts. *O Globo*, Rio, p. 7, 10 jan. 1994
- SONS INTELIGENTES do mangue – Grupo de recife inova o rock com mistura regional, *O Globo*, Segundo Caderno, p. 4, 30 mar. 1994
- DA LAMA ao Caos – “Caranguejos que andam para frente”. *O Globo*, Segundo Caderno, p. 08, 30 mar. 1994
- MANGUEZAIS À BEIRA do caos – Regina Casé grava em Recife quadro para o Fantástico. *O Globo*, Segundo Caderno, p. 3, 04 abr. 1994.

- AMANHÃ NO globo Rio Show “rock brasileiro vai atrás dos ritmos nordestinos”. *O Globo*, Segunda Página, p.2, 14 abr. 1994.
- QUIXOTES CONTRA o desemprego. *O Globo*, Rio Show, p.2, 15 abr. 1994.
- NAÇÃO ZUMBI mostra novas saídas para o Rock . *O Globo*, Rio Show, p. 16, 15 abr. 1994
- MUROS CONVIDAM a preservar manguezais *O Globo*, Jornais de Bairro, p.6, 17 abr. 1994.
- MANGUEBEAT pega o bondinho. *O Globo*, Rio Show, p. 16, 13 mai. 1994.
- DE ROBERTO à Roberto - Frejat produz tributo ao “Rei” em disco com estrelas do pop nacional. *O Globo*, Segundo Caderno, p. 2, 18 jun. 1994.
- HOMENS CARANGUEJOS invadem o Rio, *O Globo*, Segundo Caderno, p. 8, 19 jun. 1994.
- LEITORES-CARANGUEJO levam “kit da lama”. *O Globo*, Segundo Caderno, p. 8, 26 jun. 1994.
- GARANHUNS PREPARA seu festival de inverno – Saindo de Recife. *O Globo*, Turismo, p. 3, 14 jul. 1994.
- O VELHO rei continua terrível *O Globo*, Segundo Caderno, p. 1, 30 out. 1994
- ROQUEIROS PRESTAM tributo a Roberto em SP. *O Globo*, Segundo Caderno, p. 4, 10 nov. 1994
- GERAÇÕES DO maracatu em conflito – Ariano Suassuna, agora secretário critica até Tom Jobim na sua guerra contra o Manguebeat *O Globo*, Segundo Caderno, p.5, 04 jan. 1995.
- ARIANO SUASSUNA quer se aliar a “Chico Ciência”. *O Globo*, Segundo Caderno, p. 2, 17 jan.1995
- AXÉ AFOGADO no mangue – Moraes Moreira reabre guerras entre carnavais de rua. *O Globo*, Segundo Caderno, p. 3, 02 mar. 1995.
- SCIENCE TOCARÁ em Nova Iorque. *O Globo*, Segundo Caderno, p. 5, 07 mar. 1995.
- CABELEIRA ESTREIA em CD produzido por Frejat – O nosso rock é diferente do Manguebeat. *O Globo*, Segundo Caderno, p. 4, 11 mar. 1995.

- MOSTRUÁRIO DO pop nacional em Recife – Começa o abril pro rock, que revelou nomes como Chico Science. *O Globo*, Segundo Caderno, p. 4, 06 abr. 1995.
- CHICO SCIENCE faz baile incendiário. *O Globo*, Segundo Caderno, p. 3,10 abr. 1995.
- FESTANÇA DE nordestinos. *O Globo*, Segundo Caderno, p. 1, 07 mai. 1995
- HOLLYWOOD ROCK 96 deve ter a dupla Page e Plant. *O Globo*, Segundo Caderno, p. 3, 25 out. 1995
- DESCONSTRUÇÕES EM nome da beleza (Crítica). *O Globo*, Segundo Caderno, p. 4, 26 out. 1995
- DE LED ZEPPELIN a Supergrass. *O Globo*, Segundo Caderno, p. 5, 01 nov. 1995.
- A ETERNA marca do timbre pesado. *O Globo*, Segundo Caderno, p.5, 01 nov. 1995.
- RAIMUNDOS LANÇAS disco mais roqueiro *O Globo*, Segundo Caderno, p.5, 01 nov. 1995.
- COLAR DE melancia vs pastel de vento – popstars usam marketing para escandalizar e esconder deficiências. *O Globo*, Segundo Caderno, p. 4, 05 nov. 1995.
- GILBERTO GIL grava inédita para CD promocional. *O Globo*, Segundo Caderno, p. 5, 12 dez. 1995.
- HOLLYWOOD ROCK 1996, São Paulo – Rio de Janeiro. *O Globo*, Segundo caderno, p. 10, 23 dez. 1995.
- A MPB psicodélica do Mangue – Atração da noite de reggae do Hollywood Rock, Chico Science grava novo disco e participa de novo projeto “Red Hot + Rio”. *O Globo*, Segundo caderno, p. 10, 17 jan. 1996.
- CIDADE NEGRA busca imagem menos radical. *O Globo*, Segundo Caderno, p. 10,18 jan. 1996.
- REAGGE ABRE festival em SP. *O Globo*, Capa, p. 1, 19 jan. 1996.
- PACAEMBU BALANÇA do ritmo do Reagge – Primeira noite do sétimo de Hollywood Rock não chega a encher o estádio paulistano. *O Globo*, O País, p. 9, 20 jan. 1996.

- PÚBLICO CARIOCA emociona dupla Page e Plant. *O Globo*, Capa, p.1, 29 jan. 1996.
- CHICO SCIENCE agrada em noite de reggae – Banda pernambucana faz show dançante para 8 mil pessoas antes do (ilegível) que homenageou a Cidade Negra. *O Globo*, Rio, p. 13,29 jan. 1996.
- COMO UMA CANÇÃO de despedida – Gil ascende velas no camarim do Hollywood Rock e canta samba do avião em resposta para Paulinho. *O Globo*, Segunda Caderno, p. 6, 30 jan. 1996.
- CIDADE NEGRA e Aswad dominam noite de reggae. *O Globo*, Segundo Caderno, p. 6, 30 jan. 1996.
- A CRISE DO Rock – Artistas e grupos da geração 80 discutem as causas do atual impasse criativo. *O Globo*, Segundo Caderno, p.1, 17 fev. 1996.
- COMEÇA HOJE em Recife o quarto Abril pro Rock. *O Globo*, Segundo Caderno, p. 6, 25 abr. 1996.
- O CALDEIRÃO DE tendências do Rock temperado com sotaque nordestino – Abril pro rock atrai as grandes gravadoras na trilha do sucesso do Manguebeat. *O Globo*, Segundo Caderno, p. 3, 29 abr. 1996.
- COMO GANHAR CDs e Bonés X O Globo, Planeta Globo, p. 4, 26 mai. 1996.
- ENTREVISTA COM Chico Science O Globo, Planeta Globo, p. 4, 26 mai.1996.
- ECOS TROPICALISTAS marcam Carlinhos Brown, Mundo Livre e Chico Science – Pop Brasileiro acerta ao misturar ritmos regionais brasileiros com o rock e o funk. *O Globo*, Segundo Caderno, p. 5, 28 mai. 1996.
- O PÓLO Pina é o novo reduto da noite de Recife O Globo, Boa viagem, p. 20, 30 mai. 1996.
- FRANÇA DE olho na MPB. O Globo, Segundo Caderno, p. 5, 04 jun. 1996.
- MANGUE E caranguejos e fase digital. *O Globo*, Segundo Caderno, p. 2, 21 jun. 1996.
- CULTURA POP a Mil (ilegível) carioca. *O Globo*, Segundo Caderno, p. 6, 14 jan. 1996
- CORPO A corpo (entrevista com Herbert Vianna) – O disco traz tudo que se pode ouvir dos Paralamas. *O Globo*, Segundo Caderno, p. 5, 23 jul. 1996.

- CORISCO E DADÁ no séc. XXI e o nordeste tradicional que domina a cena, mas com roupagem pós internet. *O Globo*, Caderno Ela, p. 2, 27 jul. 1996.
- SONAR – BOB Dylan cria sua gravadora – Science na Europa. *O Globo*, Segundo Caderno, p. 5, 06 ago. 1996.
- PATO FU e Chico Science sopram velas para si. *O Globo*, Segundo Caderno, p. 3, 10 out. 1996.
- TOTEM: FESTAS, conversas e muita música – tribos de várias partes do Rio se reúnem em estúdio de Santa Tereza para trabalho e diversão. *O Globo*, Jornais de bairro, p. 18, 24 out. 1996.
- MANGUE RECIFENSE encontra favela da Maré – Paralamas e Chico Science criam parceria que nasceu em turnê europeia. *O Globo*, Segundo Caderno, p. 1, 20 nov.1996.
- OS PARALAMAS recebem Chico Science. *O Globo*, Rio Show, p. 25, 22 nov. 1996
- CRÍTICA – UMA dupla plugada brilha com um belo set acústico – Paralamas e Chico Science, um encontro de gerações. *O Globo*, Segundo Caderno, p. 2, 25 nov. 1996.
- OLINDA NO centro da cidade maravilhosa – os rapazes do Chico Science e Nação Zumbi elegem vizinhos e ladeiras como o melhor do Rio. *O Globo*, Segundo Caderno, p. 4, 08 jan. 1997.
- OBITUÁRIO – CHICO Science, cantor e compositor, em Pernambuco. *O Globo*, Rio, p. 15, 03 fev. 1997.
- Acidente de carro mata Chico Science. *O Globo*, Capa, p. 1, 03 fev. 1997.
- MORTE DE Chico Science faz Recife parar. *O Globo*, Segundo Caderno, p. 1, 04 fev. 1997.
- O CONCEITO era misturar sampler com chapéu de palha – cantor uniu tecnologia e folclore no seu som. *O Globo*, Segundo Caderno, p. 4, 04 fev. 1997.
- UM CAVALLERA dá voz à Nação Zumbi – Ex-Sepultura se junta ao grupo de Chico Science em Recife para homenagear artista morto. *O Globo*, Segundo Caderno, p. 4, 15 abr. 1997.



- MESTRE AMBRÓSIO mostra seu Funrock - Elogiado por Alceu Valença, grupo de Pernambuco faz show em São Conrado O Globo, Segundo Caderno, p. 3, 17 abr.1997.
- FESTIVAL ABRIL pro Rock começa hoje em Recife – Mais Rica, edição deste ano do evento cresce e será marcada por homenagens a Chico Science. *O Globo*, p., 18 abr. 1997.
- O ROCK tira o chapéu de palha para Chico Science. *O Globo*, Segundo Caderno, p. 6, 21 abr. 1997.
- MÚSICA DE Recife ainda busca retorno comercial – Arnaldo Antunes e Paralamas do Sucesso tocam com Nação Zumbi para comprovar o sucesso artístico do movimento. *O Globo*, Segundo caderno, p. 4. 21 abr. 1997.
- ABRIL PRO rock confirma vocação de revelar talentos – Penelope Charmosa de Salvador foi a grande surpresa do festival. *O Globo*, Segundo caderno, p. 4. 22 abr. 1997.
- MARISA MONTE brinca de crítica em revista nos EUA – Cantora compara Chico Science e Caetano à “Timeout. *O Globo*, Segundo Caderno, p. 5, 03 mai. 1997.
- O SUINGUE sangue bom da garota carioca ganha sotaque nacional em “abreugrafia”. *O Globo*, Segundo Caderno, p.4, 03 jul. 1997.
- TRILHA SONORA de filme tem inédita de Chico Science – Disco saí no mês que vem e tem a participação dos principais artistas do movimento pernambucano. *O Globo*, Segundo caderno, p. 10, 30 jul. 1997.
- NO RIO, Manguebeat lança Baile Perfumado – Músicos de recife, que fizeram trilha para o filme, tem novos projetos. *O Globo*, Segundo caderno, p. 4, 20 ago. 1997.
- LEGADO DE CHICO Science ganha disco e palcos. *O Globo*, Segundo caderno, p. 3, 31 dez. 1997.
- CHICO SCIENCE, 50 anos. Disponível em <<http://www.ebc.com.br/chicoscience>> . Acesso em: 15 jan. 2017
- REVISTA BIZZ, edição 206, outubro de 2006. Autor: Igor Ribeiro.
- O MEMORIAL. Disponível em: <<https://memorialchicoscience.wordpress.com/sobre/>> Acesso em: 18/02/2017

- NAÇÃO ZUMBI explica saída polêmica de Gilmar Bola Oito: falta de profissionalismo e desrespeito. Disponível em: <[http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2015/12/21/internas\\_viver,617666/nacao-zumbi-explica-saida-polemica-de-gilmar-bola-8-falta-de-profissi.shtml](http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2015/12/21/internas_viver,617666/nacao-zumbi-explica-saida-polemica-de-gilmar-bola-8-falta-de-profissi.shtml)>. Acesso em 21 nov. 2016.
- FILHA de Chico Science, Lula fala sobre saída de Gilmar Bola Oito: nunca vi tanta mentira. Disponível em: <[http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2015/12/22/internas\\_viver,617830/filha-de-chico-science-lula-fala-sobre-saida-de-gilmar-bola-oito-nun.shtml](http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2015/12/22/internas_viver,617830/filha-de-chico-science-lula-fala-sobre-saida-de-gilmar-bola-oito-nun.shtml)>. Acesso em: 11 fev. 2017.
- NAÇÃO Zumbi celebrou Afrociberdelia e Chico Science sem Gilmar Bolla 8. Disponível em: <[http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2016/05/08/internas\\_viver,643308/nacao-zumbi-celebra-afrociberdelia-e-chico-science.shtml](http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2016/05/08/internas_viver,643308/nacao-zumbi-celebra-afrociberdelia-e-chico-science.shtml)>. Acesso em: 11 fev. 2017.
- Novo projeto para requalificar a Cruz do Patrão. Disponível em: <<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/geral/noticia/2015/06/14/novo-projeto-para-requalificar-a-cruz-do-patrao-185721.php>> Acesso em: 13 fev.2017.

## Fontes Musicais

### *Álbum Da Lama ao Caos.*

**Ficha técnica: Chico Science & Nação Zumbi:** “Da Lama ao Caos”. Alexandre Dengue – baixo; Canhoto – caixa Chico Science - voz, samplers em "Lixo do Mangue"; Gilmar Bolla 8 – alfaia; Gira – alfaia; Jorge du Peixe - alfaia, tonel em "A Cidade"; Lúcio Maia – guitarras;Toca Ogam - percussão e efeitos. **Participações Especiais:** André Jungmann - berimbau em "Maracatu de Tiro Certo";Chico Neves - samplers em "Rios, Pontes & Overdrives", "A Cidade", "Samba Makossa", "Antene-se" e "Côco Dub (Afrociberdelia)";Liminha - grito em "Lixo do Mangue". **Produção musical:** Liminha - produtor, engenheiro de gravação, mixagem; Jorge Davidson - direção artística; Ronaldo Viana - coordenação de mixagem; Guilherme Calicchio - engenheiro de gravação; Vitor Farias - engenheiro de gravação; Renato Muñoz - assistente de estúdio; Ricardo Garcia - assessoria técnica; Alberto Fernandes - assessoria técnica Steve Hall – masterização; Eddy Schreyer – masterização; Gravado e mixado no Estúdio Nas Nuvens, Rio de Janeiro-RJ; Masterizado na Future Disc, Oregon, EUA; **Produção gráfica:** Dolores & Morales - projeto gráfico; Fred Jordão – fotos; Luciana K - arte final; Helder - ilustrações, arte final; Hilton Lacerda - texto HQ, arte final; Cláudio Almeida - edição de imagens/textos, arte final; Estado da Arte – colaboração; João Belian – colaboração.

- "Monólogo ao Pé do Ouvido". Autoria: Chico Science. Duração: 1:07.
- "Banditismo por Uma Questão de Classe". Autoria: Chico Science. Duração: 3:59.
- "Rios, Pontes & Overdrives". Autoria: Chico Science, Fred Zero Quatro. Duração: 4:03.

- "A Cidade" (música incidental: "Boa Noite do Velho Faceta (Amor de Criança).  
Autoria: Chico Science. Duração: 4:46.
- "A Praieira". Autoria: Chico Science. Duração: 3:36.
- "Samba Makossa". Autoria: Chico Science. Duração: 3:03.
- "Da Lama ao Caos". Autoria: Chico Science. Duração:4:31.
- "Maracatu de Tiro Certeiro". Autoria: Chico Science, Jorge Du Peixe. Duração:  
4:11
- "Salustiano Song" (instrumental). Autoria: Chico Science, Lúcio Maia.  
Duração: 1:28
- "Antene-se". Autoria: Chico Science. Duração: 3:35.
- "Risoflora". Autoria: Chico Science. Duração:4:08.
- "Lixo do Mangue" (instrumental). Autoria: Lúcio Maia. Duração:1:45.
- "Computadores Fazem Arte". Autoria: Fred Zero Quatro. Duração: 3:13.
- "Coco Dub (Afrociberdelia)". Autoria: Chico Science e Nação Zumbi. Duração:  
6:45.

### *Álbum 'Afrociberdelia'*

**Ficha técnica. Afrociberdelia:** Chico Science – voz, Dengue – baixo, Gilmar Bolla 8 – alfaia Gira – alfaia, Jorge du Peixe – alfaia, Lúcio Maia - guitarra, violão de 12 cordas em "Criança de Domingo". Pupilo – bateria, Toca Ogam - percussão e voz, **Participações Especiais:** Fred 04 - cavaquinho em "Samba do Lado", Gilberto Gil - vocal em "Macô" Marcelo D2 - backing vocals em "Macô". **Músicos convidados:** Bidinho - trompete em "Etnia" e "Um Passeio no Mundo Livre"; flugelhorn em "Amor de Muito" Eduardo BiD - guitarra dub em "Etnia"; arranjos de metais Gustavo Didalva - percussão em "Samba do Lado" Hugo Hori - flauta em "Macô" e "Amor de Muito"; sax em "Etnia" e "Um Passeio no Mundo Livre" Lucas Santana - flauta em "Manguetown" Marcelo Lobato - teclados em "Um Satélite na Cabeça (Bitnik Generation)" Serginho Trombone - trombone em "Etnia", "Um Passeio no Mundo Livre" e "Amor de Muito"; arranjos de metais, Tiquinho - trombone em "Etnia", "Um Passeio no Mundo Livre" e "Amor de Muito" **Produção musical** Eduardo BiD – produtor, Chico Science & Nação Zumbi – produtor G-Spot - gravação e mixagem, Luis Paulo Serafim - gravação ("Maracatu Atômico") e mixagem ("Maracatu Atômico", "Um Satélite na Cabeça (Bitnik Generation)" e "Baião Ambiental"), Mario Caldato Jr. - mixagem ("O Encontro de Isaac Asimov com Santos Dumont no Céu"), Marcos "Golden Ears" Eagle –masterização, Jorge Davidson - direção artística, Ronaldo Viana - coordenação artística, Paulo André Pires - produção executiva, Andrea Alves - assistente de produção, Heloisa Rodrigues - apoio à produção Jorge Maurell - apoio à produção, Marcelo Seródio - apoio à produção Gravado no Estúdio Nas Nuvens, Rio de Janeiro-RJ, no verão de 1996; exceto "Maracatu Atômico", gravada no Estúdio Mosh, São Paulo-SP Mixado no Estúdio Mosh; exceto "Manguetown", mixada no Impressão Digital, Rio de Janeiro-RJ Masterizado na Cia. de Audio, São Paulo-SP **Produção gráfica** :H. D. Mabuse - projeto gráfico, Vavá Ribeiro – fotografia Carlos Nunes - coordenação gráfica **Equipe Nas Nuvens:** Paulo Lima - direção técnica, Bruno - assistente de estúdio, Marco Aurélio - assistente de estúdio, Renato Muñoz - assistente de estúdio **Equipe Impressão Digital:** Geraldo Tavares - direção técnica, Marcelo "Load" Hoffer - assistente de estúdio Marcos Hoffer - assistente de estúdio, **Equipe Mosh:** Osvaldo Malagutti Jr. - direção técnica, Paula Gaio – programação, Keko "Antroposófico" Mota - assistente de estúdio, Rico

- "Mateus Enter". Autoria: Chico Science & Nação Zumbi. Duração: 0:33.
- "O Cidadão do Mundo". Autoria:Chico Science & Nação Zumbi, Eduardo Bidlovski. Duração: 3:21.
- "Etnia". Autoria: Chico Science, Lúcio Maia. Duração: 2:33.
- "Quilombo Groove" (instrumental). Autoria: Chico Science & Nação Zumbi. Duração: 2:32.
- "Macô". Autoria: Chico Science, Jorge du Peixe. Duração: 4:10.
- "Um Passeio no Mundo Livre". Autoria: Dengue, Gira, Jorge du Peixe, Lúcio Maia, Pupilo.Duração: 4:00.
- "Samba do Lado". Autoria: Chico Science & Nação Zumbi. Duração: 3:47.
- "Maracatu Atômico". Autoria: Jorge Mautner, Nelson Jacobina. Duração: 4:45.
- "O Encontro de Isaac Asimov com Santos Dumont no Céu". Autoria: H. D. Mabuse, Jorge du Peixe. Duração:1:39.
- "Corpo de Lama". Autoria: Chico Science, Jorge du Peixe Dengue, Gira, Lúcio Maia. Duração: 3:53.
- "Sobremesa". Autoria: Chico Science, Jorge du Peixe, Renato L. Duração: 4:00.
- "Manguetown". Autoria: Dengue, Lúcio Maia. Duração: 3:15.
- "Um Satélite na Cabeça (Bitnik Generation)". Autoria: Chico Science & Nação Zumbi. Duração: 2:07.
- "Baião Ambiental" (instrumental). Autoria: Dengue, Gira, Lúcio Maia. Duração: 2:33.
- "Sangue de Bairro". Autoria: Chico Science & Nação Zumbi. Duração: 2:12.
- "Enquanto o Mundo Explode". Autoria: Chico Science & Nação Zumbi. Duração:1:29
- "Interlude Zumbi". Autoria: Gilmar Bolla 8, Gira, Toca Ogam. Duração: 1:12.
- "Criança de Domingo". Autoria: Cadão Volpato, Ricardo Salvagni. Duração: 3:28.
- "Amor de Muito". Autoria :Chico Science & Nação Zumbi. Duração: 2:55.
- "Samidarish" (instrumental). Autoria: Dengue, Lúcio Maia. Duração: 4:32.

- "Maracatu Atômico" (Atomic Version). Autoria: Jorge Mautner, Nelson Jacobina. Duração: 4:33.
- "Maracatu Atômico" (Ragga Mix). Autoria: Jorge Mautner, Nelson Jacobina. Duração:3:30.
- "Maracatu Atômico" (Trip Hop). Autoria:Jorge Mautner, Nelson Jacobina duração: 3:41.

### *Fontes Orais*

- DU PEIXE, Jorge. Entrevista concedida a Amanda Fará em 6 de novembro de 2013, Rio de Janeiro/ RJ.
- GARNIZÉ, Alexandre. Entrevista concedida a Amanda Fará em 14 de outubro de 2015, Rio de Janeiro, RJ.

### *Fontes audiovisuais*

- O MUNDO É UMA CABEÇA. Direção: Cláudio Barroso e Bidu Queiroz. Pernambuco. Beluga Produções, 2004. 17 minutos.
- VIVA! CHICO VIVE! Direção: Guilherme Genereze. Brasil. Produção Eric Veloso. 2009. 22 minutos.
- CHICO SCIENCE E NAÇÃO ZUMBI – MTV na estrada e a voz do Mangue. Direção Renata Rodrigues. 1996.
- SHOW DO HOLLYWOOD ROCK – 1996 – MTV Brasil
- CHICO SCIENCE: CARANGUEJO ELÉTRICO. Direção: José Eduardo Miglioli Junior. 1h 26min. 2016.

## Referências bibliográficas

- ADORNO, Theodor e HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento; Fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- ANDERSON, Perry. "Balanço do neoliberalismo". In: SADER, Emir; GENTILE, Pablo (org.) *Pós-neoliberalismo - As políticas sociais e o Estado Democrático*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- BEZERRA, Amílcar. "Movimento Armorial x Tropicalismo: dilemas brasileiros sobre a questão nacional na cultura contemporânea". *Enecult-Encontros de Estudos Multidisciplinares em Cultura V*, Salvador, 2009.
- CASTELLS, Manuel. *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura, A Sociedade em Rede*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- CASTRO, Josué de. *Geografia da Fome*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Homens e Caranguejos*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1967.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre práticas e representações*, Lisboa: DIFEL, 1990.
- CHIMENEZ, Myriam. "Musicologia e história. fronteira ou "terra de ninguém" entre duas disciplinas?" *Revista de História*, n. 157, 2007, p. 15-29.
- DE ASSIS, Francisco. "Para entender Chico Science & Nação Zumbi". *Comunicação & Inovação*, v. 9, n. 16, 2010.
- DUARTE, Fernanda Carolina Armando. *Traços da mundialização no videoclipe brasileiro*.
- DUARTE, Geni Rosa; ANDRADE, E. N. *A arte na (da) periferia: sobre... vivências. Rap e educação, rap é educação*. São Paulo: Summus, 1999.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. "História, tempo presente e história oral". *Topoi: revista de história*, Rio de Janeiro, n. 5, p. 314-332, set. 2002.
- GAMEIRO, R., MENEZES, M. F., CARVALHO, C. A., CARVALHO, A., & VIEIRA, M. (2003). "Maracatu pernambucano: resistência e adaptação na era da cultura mundializada". In.: CARVALHO, Cristina Amélia (org.) *Organizações, cultura e desenvolvimento local: a agenda de perspectiva do Observatório da Realidade Organizacional*. 199-211.

- GIRON, Luís Antônio. "Chico Science envenena o maracatu". *Folha de São Paulo*, p. 5-31, 1994.
- GUERREIRO, Goli. "As trilhas do Samba-Reggae: a invenção de um ritmo". *Latin American Music Review/Revista de Música Latinoamericana*. 20.1 (1999): 105-140.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro Editora, 2006.
- HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e mediações Culturais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.
- HOBBSAWM, E. J. *Bandidos*. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1976.
- KISCHINHEVSKY, Marcelo. Manguemit. "Novas estratégias de difusão diante da reestruturação da indústria fonográfica". *Ciberlegenda*, n. 16, 2006.
- KNAUSS, Paulo; BICALHO, Maria Fernanda e QUADRAT, Samantha Viz. (orgs). *Cultura política, memória e historiografia*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2009.
- LABORIE, Pierre. "Memória e Opinião". In AZEVEDO, Cecília; CRUZ, Denise Rollemberg; KNAUSS, Paulo; BICALHO, Maria Fernanda; QUADRAT, Samantha Viz (orgs.). *Cultura política, memória e historiografia*. Rio de Janeiro: FGV, 2009.
- LEÃO, Carolina et al. "A negociação manguemite: cultura pop, mídia e periferia no Recife contemporâneo". *Revista ECO-Pós*, v. 6, n. 2, 2009.
- LEITE, Rogerio Proença. "Contra-usos e espaço público: notas sobre a construção social dos lugares na Manguebeat". *Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais*, 2006.
- LIRA, Paula de Vasconcelos. *Uma antena parabólica enfiada na lama: Ensaio de diálogo complexo com o imaginário do Manguemite*. Dissertação (Mestrado). Curso de Pós-Graduação em Antropologia Cultural. Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2000.
- LUNA, Carlos EF; CABRAL, Thiago de Souza; MORAIS, Juliana Gomes. "A nova configuração da indústria da cultura e o papel dos agentes na gestão de carreiras e políticas para a cultura". *Anais do IV Encontro Nacional da Ulepicc*. Rio de Janeiro, 2012.
- MARKMAN, Rejane Sá. *Música e simbolização – Manguemite: Contracultura em Versão Cabocla Annablume*. 2008

- MARSON, Isabel. *Movimento Praieiro, 1842-1849: imprensa, ideologia e poder político*, São Paulo: Moderna, 1980.
- MATTOS, Wladimir. "Análise prosódica como ferramenta de interpretação da canção: um enfoque sobre a questão do “núcleo de identidade” na canção popular". *Anais do 3º encontro de Música e Mídia*. 2007.
- MELO, Mário Lacerda de. *Metropolização e subdesenvolvimento. O caso do Recife*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1978.
- MENDONÇA, Luciana FM. "Culturas populares e identificações emergentes: reflexões a partir do mangubeat e de expressões musicais brasileiras contemporâneas". *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 82, p. 85-109, 2008.
- MORAES, José Geraldo Vinci de, SALIBA, Elias (orgs). *História e música no Brasil*, São Paulo: Alameda, 2010.
- NAPOLITANO, Marcos. "Fontes audiovisuais: a história depois do papel". In: PINSKY, C. (org). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005
- \_\_\_\_\_. *História e música*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- NETO, Moisés. *Chico Science, A Rapsódia Afrociberdélica*. Recife: Editora Ilusionistas. 2000.
- OLIVEIRA, Esdras Carlos de Lima, *Artífices da Manguetown: a constituição de um novo campoartístico no Recife (1991 – 1997)*. 2012. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura). Universidade Federal Rural de Pernambuco. Recife, 2012.
- POLLAK, Michael. "Memória e Identidade Social". *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5.n. 10. 1992, p. 200-212.
- POLLAK, Michael. "Memória, esquecimento, silêncio". *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 2, n.: 3, p.3-15, 1989.
- PORTELLI, Alessandro. "História Oral como Gênero". *Projeto História*. São Paulo. Vol. 22. Jun 2001.
- PORTELLI, Alessandro. "O massacre de Civitella Val de Chaina". In: FERREIRA, Marieta de M.& AMADO, Janaína. *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro, FGV Editora, 1996.
- RIBEIRO, Getúlio. *Do tédio ao caos, do caos à lama: os primeiros capítulos da cena musical Mangue*, Recife. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Uberlândia. 2007.



- RICOEUR, Paul. *Percurso do reconhecimento*. São Paulo: Loyola, 2006.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Campinas: Papirus, 1994.
- ROCHA, Francisco Talvanes Sales. *Manguebit: Uma discursividade literomusical guerrilheira*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará. Fortaleza. 2006
- RODRIGUES, Sílvio Sérgio Oliveira. *Manguebeat, interdiscurso e intersemiose: Uma resposta do contemporâneo ao pós-moderno*. Dissertação (Mestrado em Literatura e interculturalidade) – Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande. 2009
- SANDRONI, Carlos. "O mangue e o mundo: notas sobre a globalização musical em Pernambuco". *Claves*, v. 1, n. 7, 2009.
- SANTHIAGO, Ricardo. "A vida do fado em histórias de vida: Ouvintes do programa Presença Portuguesa". Santos. *Anais do 5º encontro de Música e Mídia*. 2009.
- SANTOS, Milton. "Por uma globalização mais humana". In: RIBEIRO, Wagner (org.). *O País distorcido. O Brasil, a Globalização e a Cidadania*. São Paulo: Publifolha. 2002.
- SERGL, Marcos J. "Voz e Performance na música de Luciano Berio". Santos. *Anais do 2º encontro de Música e Mídia*. 2006.
- SILVA, Jefferson Andrade. "Memória dos sons e os sons da memória: um encontro entre a História Oral e a Etnomusicologia". *Revista Mosaico*, Rio de Janeiro, Edição nº1, 2009.
- TELES, José. *Do frevo ao manguebeat*. São Paulo: Editora 34, 2000.
- VARGAS, Herom. "Movimento Mangue beat: Música Popular, Antropofagia e Iluminismo". *Educere. Revista de Educação*. Vol 2, nº I. p 81- 92. Jan/Jun 2002.
- VICENTE, Eduardo. "Segmentação e consumo: a produção fonográfica brasileira – 1965/1999". *ArtCultura*, Uberlândia, v. 10, n. 16, p. 103-121, jan.-jun. 2008.
- ZANCHETI, S.; MARINHO, G.; LACERDA, N. (Orgs.). *Revitalização do Bairro de Recife: plano, regulação e avaliação*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1998. p. 89-135.